

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**

**FELIPE RODRIGUES DA COSTA**

**DERROTAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA: FUTEBOL E IDENTIDADE NAS  
CRÔNICAS DE TOSTÃO**

VITÓRIA  
2009

**FELIPE RODRIGUES DA COSTA**

**DERROTAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA: FUTEBOL E IDENTIDADE NAS  
CRÔNICAS DE TOSTÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares

VITÓRIA  
2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

C837d Costa, Felipe Rodrigues da, 1982-  
Derrotas da seleção brasileira : futebol e identidade nas  
crônicas de tostão / Felipe Rodrigues da Costa. – 2009.  
111 f.

Orientador: Antonio Jorge Gonçalves Soares.  
Co-Orientador: Amarílio Ferreira Neto.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito  
Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Tostão, 1947-. 2. Futebol. 3. Identidade. 4. Memória. 5.  
Crônicas brasileiras. I. Soares, Antonio Jorge Gonçalves. II.  
Ferreira Neto, Amarílio. III. Universidade Federal do Espírito  
Santo. Centro de Educação Física e Desportos. IV. Título.

CDU: 796

---

# DERROTAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA: FUTEBOL E IDENTIDADE NAS CRÔNICAS DE TOSTÃO

FELIPE RODRIGUES DA COSTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Aprovada em 23 de abril de 2009

## COMISSÃO EXAMINADORA

---

Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Orientador

---

Dr. Amarílio Ferreira Neto  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Coorientador

---

Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Dr. Marco Antonio Santoro Salvador  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

A todos os que acreditaram  
na realização deste projeto.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos companheiros da segunda turma de Mestrado em Educação Física: Flávio Valdir Kirst, Irene Maria Santos Behring, José Roberto Gonçalves de Abreu, Roberto Pelegrini e Rosângela Conceição Loyola, pessoas que sempre se dispuseram a me ouvir e que demonstraram paciência com o aluno mais novo da turma.

Aos funcionários do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo.

Aos amigos do PROTEORIA: Fernanda Neitzel, Felipe Carneiro, Júlia Falcão, Rachel Borges Cortes, Magda Bermond, Andréa Brandão Locatelli, Rosianny Campos Berto, Kézia Rodrigues Nunes, Wagner dos Santos, Ana Cláudia Silvério Nascimento, Omar Schneider, André da Silva Melo e Silvana Ventrone.

Aos amigos de graduação, em especial, a Octaviana Maria Martinelli, Marcos Vinícius Klippel, Julmar José de Almeida, Juliana Coelho e Flávio Ignes Tristão por tudo que passamos, pelos conselhos e pela manutenção da amizade. Aos amigos Leonardo Perin, Samuel Coelho da Silva e Flávio Rosindo Júnior pelas experiências profissionais e acadêmicas.

Ao professor Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva, pessoa que aprendi a respeitar após uma convivência mais aproximada, e ao professor Dr. Próspero Paoli por todos os conselhos acadêmicos e profissionais. Ao professor Ms. Luis Irapoan Jucá da Silva pelos envios de crônicas que ajudaram na realização deste trabalho.

Ao professor Dr. Amarílio Ferreira Neto pelo convite em participar do PROTEORIA e pela confiança depositada na concretização deste projeto. Ao professor e orientador Dr. Antonio Jorge Soares, também pela confiança e pela condução do trabalho. A essas duas pessoas agradeço a oportunidade acadêmica e a crença na pesquisa séria e honesta, além do convívio do qual sempre me orgulharei.

Especialmente aos responsáveis por minha formação pessoal: meu irmão, Ennio Rodrigues da Costa, sujeito ímpar na minha vida; minha mãe, Rita de Cassia Rodrigues da Costa, responsável por sentimentos fundamentais do meu ser; e meu pai, João Baptista da Costa, referência de vida, homem que me passou todos os valores positivos, e ensinou-me o que é o certo e o errado. Pessoas que amo e que sempre estiveram do meu lado.

Na minha época, não havia jogadas ensaiadas, estatísticas, análise técnica individual e coletiva dos adversários, nutrição especial, exame de lactato para medir a função muscular, fisiologia do esforço, psicólogo nem pensar, artroscopia, computadores etc. Tudo isso foi muito importante para o futebol e para todos os esportes. Carlos Alberto Parreira, Cláudio Coutinho e outros foram os responsáveis, precursores do futebol científico, e muito devemos a eles.

Esse suporte é essencial para o atleta, mas não pode anular a sua qualidade técnica nem o seu talento. Passamos um longa fase seduzidos por computadores e estatísticas, esquecemos de jogar futebol, e houve uma piora expressiva na qualidade do nosso esporte. A euforia passou, e voltamos a nos deslumbrar com o passe de curva, o drible, a improvisação, a molecagem no bom sentido. Isso é que faz a diferença do nosso futebol.

(TOSTÃO, 1997, p. 123-124).



## RESUMO

Este estudo se insere no quadro teórico que busca entender os processos de construção identitária no futebol. As identidades são afirmadas continuamente no espaço contestado da memória social, nas diferentes fontes de registro. O objetivo da pesquisa é analisar o processo de construção identitária do futebol brasileiro a partir dos discursos e imagens de nacionalidades presentes no discurso jornalístico das crônicas esportivas. No sentido de delimitar o foco de observação, toma Tostão, ex-jogador de futebol e cronista esportivo afamado, e suas crônicas esportivas como fonte para analisar como esse personagem participa na construção da memória social e na identidade do futebol nacional. Foram levantadas 766 crônicas, categorizadas em 21 categorias. Dessa análise foram selecionadas cerca de 40 crônicas. O tema de maior abordagem pelo cronista Tostão é a Seleção Brasileira, que foi assunto de 368 crônicas (correspondendo a 48,04% das publicações entre 1998 e 2005), o que justifica a eleição por essa temática. A leitura desse período configurou, além da familiarização com o objeto a ser estudado, o processo de seleção do assunto a ser discutido ao longo do estudo. Também focaliza elementos da biografia de Tostão como jogador para entender como esse ator negocia e afirma no presente um ideal identitário para o futebol brasileiro. Pela análise dos discursos presentes nos momentos de insucesso do futebol brasileiro, busca identificar as narrativas de manutenção do discurso de futebol-arte característico ao futebol brasileiro, bem como o contexto discursivo apresentado pelo cronista Tostão. Trabalha, assim, a noção de contexto discursivo e análise de discurso, valorando a significação construída e interpretando o mais próximo possível do significado atribuído. Conclui que há uma tentativa de Tostão em buscar o reconhecimento que lhe seria devido dentro da representatividade da conquista do tricampeonato em 1970, no México, percebendo, em sua rememoração dos fatos, o desejo de que seja repensado o seu lugar junto aos jogadores relacionados com o genuíno futebol brasileiro.

Palavras-chave: Futebol. Identidade. Crônica esportiva. Tostão. Memória.

## **ABSTRACT**

This study fits into the theoretical framework that seeks to understand the identity construction processes in football. The identities are continually affirmed in the contested space of social memory, in the different sources of record. The objective of this research is to analyze the process of identity construction of the Brazilian football from speeches and pictures of nationalities present in the discourse of sports chronic journalism. In order to delimit the focus of observation, the study takes Tostão, ex-football player and renowned sports chronicler, and his sports chronics as a source to analyze how this character participates in the construction of social memory and in the identity of the national football. A total of 766 chronic was raised and categorized in 21 categories. From this analysis were selected about 40 chronics. The theme of further approach by the chronicler Tostão is the Brazilian National Team, which was subject of 368 chronics (corresponding to 48,04% of publications between 1998 and 2005), which justifies the choice of this thematic. The reading of this period set, besides the familiarization with the object to be studied, the selection process of the subject to be discussed along the study. It also focuses on elements of the biography of Tostão as a player to understand how this actor negotiates and affirms in the present a identitary ideal for the Brazilian football. By the analysis of the speeches presents in the moments of failure of the Brazilian football, this study seeks to identify the narratives of maintenance of discourse of the “art- football” characteristic of the Brazilian football, and the discursive context made by the chronicler Tostão. Thus, it works the notion of the discursive context and the speech analysis, valuing the constructed signification and interpreting as close as possible from the assigned meaning. I concluded there is an attempt from Tostão to gain the recognition that would be due to him inside the representativeness of the 1970 FIFA World Cup conquest, in Mexico, realizing, in his facts review, the desire to be rethought his place beside players related with the genuine Brazilian football.

Key-words: Football. Identity. Sports Chronicle. Tostão. Memory.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 CRÔNICA ESPORTIVA: CHEGADA E DESENVOLVIMENTO NO BRASIL.....</b>	<b>19</b>
1.1 A CRÔNICA NO CENÁRIO BRASILEIRO.....	21
1.2 TRANSFORMAÇÃO E NACIONALIZAÇÃO DO GÊNERO.....	25
1.3 A IMPRENSA E SEU PAPEL: MITOS E FATOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA CRÔNICA ESPORTIVA NO BRASIL.....	27
1.4 O CRONISTA.....	33
<b>2 TOSTÃO BIOGRAFADO.....</b>	<b>36</b>
2.1 TOSTÃO.....	37
2.2 DE OBSERVADO A OBSERVADOR: MARCAS DO PASSADO, LEMBRANÇAS DO PRESENTE.....	43
<b>3 O USO DA MEMÓRIA E A MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE: DISCURSOS ACERCA DO FUTEBOL-ARTE BRASILEIRO.....</b>	<b>46</b>
3.1 A DÉCADA DE 1950 PELA ALMA.....	52
3.2 O CHOQUE INGLÊS: 1966.....	59
3.3 O TRAUMA DA BOLA: 1982.....	63
3.4 A MARSELHESA, PRIMEIRO ATO: 1998, COPA DA FRANÇA.....	66
3.5 A MARSELHESA, SEGUNDO ATO: 2006, COPA DA ALEMANHA.....	70
<b>4 CONCLUSÕES.....</b>	<b>79</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO A – Crônica: Seleção ameaça paz em Lésigny.....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO B – Crônica: O diálogo na final da Copa.....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO C – Crônica: Hábito e repetição.....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO D – Crônica: Chega de craque.....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXO E – Crônica: Luxemburgo diante do espelho.....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO F – Crônica: O poeta da bola.....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXO G – Crônica: El deseo de vivir de la fama.....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXO H – Crônica: Eterno.....</b>	<b>109</b>

## INTRODUÇÃO

O estudo que segue busca analisar o processo de construção identitária do futebol brasileiro tomando como fonte as crônicas esportivas assinadas nos jornais por Tostão, que se apresenta, para esta pesquisa, como um homem de capital científico e cultural acumulado, como médico e psicanalista que é, além de seu capital simbólico, como sujeito que viveu um momento de fundamental importância para a afirmação do futebol nacional, como um sinônimo de beleza, arte, plasticidade e competência,<sup>1</sup> tornando seu espaço de escrita um lugar de fala autorizada. Este lugar, o jornal, constitui-se em um espaço privilegiado em nossa sociedade para a construção da memória social e da identidade. Situamos a memória como a propriedade de conservar certas informações que nos remetem a um conjunto de funções psíquicas que, posteriormente, podem ser expressas em linguagem oral ou escrita, atualizando impressões e informações passadas ou representadas como passadas (LE GOFF, 2003). Assim a memória se configura como social, pois considera-se o ato mnemônico fundamentalmente como comportamento narrativo, que se caracteriza pela sua função social, “[...] pois se trata de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (FLORES, apud LE GOFF, 2003, p. 421).

Ao mergulhar nesse universo, buscamos entender o ex-jogador de futebol Tostão que foi, no passado, descrito pela crônica esportiva, analisado e criticado e, hoje, do lugar de cronista esportivo, descreve, analisa e critica o futebol e a sociedade. A relação entre o Tostão jogador e o Tostão cronista serviu para iluminar como a memória desse sujeito ímpar negocia e disputa um lugar na memória social do futebol brasileiro. Recorremos ao estudo biográfico, relacionando a história de Tostão com o seu contexto social e projetando conexões à sua forma de escrita.

---

<sup>1</sup> Essa marca do futebol nacional serve, inclusive, para comparações em esportes em que o Brasil não possui tradição. O Jornal *El País* noticia o confronto entre as equipes de tênis da Espanha e do Peru comparando a equipe ibérica com a Seleção Brasileira de futebol: “En Perú, a las cosas se les llama por su nombre. Ivan Miranda, El segundo jugador del equipo que se mide desde hoy [...] a España en la Copa Davis, responde por *El Chino*: sus ojos rasgados no permiten otra cosa. Los casinos de Lima, más abundantes que las casas, se publicitan como Tragamonedas. Y España es el Brasil del tenis” (MATEO, 2008, p.59).

Tomamos as derrotas do futebol brasileiro como símbolos que indicam como a memória<sup>2</sup> de Tostão, dentro das convenções sociais que o constituíram, reforça as marcas de identidade construída em torno do que foi estabelecido em relação às características<sup>3</sup> desse esporte no Brasil.

O objetivo deste estudo é relacionar a informação veiculada nos jornais, por meio das crônicas esportivas de Tostão e sobre ele, tendo a compreensão de que a mídia escrita é também “[...] guardiã da memória nas sociedades letradas” (SALVADOR, 2005, p. 4). Por ter um lugar privilegiado na memória, a mídia também é palco de uma luta para afirmar significados sobre a identidade do futebol brasileiro.

Nesta pesquisa, a crônica foi entendida como documento. Le Goff (2003) estabelece um debate sobre os materiais da memória coletiva e da história: os monumentos e os documentos. Neste momento, vale ressaltar que cabe ao documento o papel da prova, de um testemunho escrito.

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos ‘neutra’ do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (LE GOFF, 2003, p. 537-538).

Assim, constituindo a crônica como fonte principal deste estudo, destaca-se o papel da imprensa como formadora de opinião que edita e seleciona os assuntos que interessam ao corpo editorial do periódico. Para Barbosa (2004), a mídia se comporta como detentora do poder de selecionar os assuntos a serem lembrados e esquecidos pelos leitores. O autor esclarece que “[...] o jornal retém em sua estrutura assuntos, que em princípio, guardaria alguma identificação com o leitor. Entretanto, como não se pode informar a totalidade, o jornalismo seleciona e

---

<sup>2</sup> A memória individual configura-se a partir da seleção de informações proporcionadas pelo meio ao qual o sujeito se expõe. No que diz respeito à organização e reconstituição dos fatos, “[...] os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem ‘na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui’” (LE GOFF, 2003, p. 420-421).

<sup>3</sup> Encontramos em Salvador (2005, p. 3) uma boa definição daquilo que acreditamos ser essa marca identitária: “Identidade construída sob a ótica romântica de um povo que se auto-intitula miscigenado, criativo, imprevisível e possuidor de uma genuína e mágica ginga de corpo, fruto dos percalços que experimentou ao longo de sua história e resultado da mistura das diversas etnias que o constituem. Essa rica diversidade de experiências está concretizada, segundo a visão do povo, no futebol, que a traduz em dribles, fintas, gols e jogadas espetaculares que encantaram o mundo [...]”.

hierarquiza as informações tomando por base critérios subjetivos”. Assim, a partir da afirmação de Barbosa (2004), acreditamos na percepção da importância dos editores “[...] como atores importantes na forma como uma área do conhecimento se constitui, pois eles assumem posições-chave no processo de divulgação das propostas, das teorias e dos atores considerados como autorizados a falar em nome de uma comunidade” (SCHNEIDER et al., 2005).

O debate se instaura no que concerne às comparações estabelecidas pelo cronista sobre o modo de preparação das seleções de outros tempos e das equipes que participaram dos mundiais de 1998 – trazendo o vice-campeonato, observando como sua memória, mobilizada a partir de acontecimentos atuais, conduz sua escrita – até a Copa do Mundo em 2006.

Logo, este estudo se construiu pela leitura das crônicas de Tostão de 1998 a 2005, totalizando 766<sup>4</sup> crônicas publicadas no *Jornal do Brasil* e na *Folha de São Paulo*. O tema de maior abordagem pelo cronista Tostão é Seleção Brasileira, que foi assunto de 368 crônicas (correspondendo a 48,04% das publicações entre 1998 e 2005), o que justifica nossa eleição por essa temática. A leitura desse período configurou, além da familiarização com o objeto a ser estudado, o processo de seleção do assunto a ser discutido ao longo do estudo.

Durante a Copa do Mundo de 1998, Tostão escreve 15 crônicas, enquanto em 2006 foram 27 crônicas produzidas. Porém, o período a ser analisado está focado durante as competições, o que não exclui crônicas feitas em outros momentos e que se tornam úteis ao estudo, para que possamos captar, de forma mais precisa, os seus comentários e análises a respeito da Seleção Brasileira que se preparava e que disputava e colhia os resultados dos jogos.

Para melhor compreender essa formação ao longo dos anos, buscamos, nos escritos de Tostão, narrativas sobre o selecionado brasileiro, quando da preparação e disputa das Copas do Mundo de 1998 e 2006. O discurso estabelecido em suas crônicas servirá como referência para compreendermos mais sobre a tradição e memória construída em torno da Seleção Brasileira, de suas análises técnicas, táticas, psicológicas – debates que se apresentam de forma contundente no cenário esportivo, como estilos de jogo, afirmação técnica e segurança emocional. Neste

---

<sup>4</sup> Dentro desse quantitativo, temos ainda que os clubes aparecem também com uma abordagem de 48,04%; conceitos táticos se mostram com 39,16% da amostra; sobre “craque e talento”, Tostão dispensa 19,97% de suas crônicas; os estilos de jogo e a imprensa correspondem a 8,74%; e a formação de talentos em 6% do total de crônicas analisadas.

caso, partimos da hipótese de que a voz daquele que participou de um momento decisivo na história do futebol brasileiro na Copa de 1970 possa permitir um entendimento de como a memória social<sup>5</sup> se configura como espaço contestado.

Para tal, o estudo<sup>6</sup> que se segue está organizado em quatro capítulos: no primeiro, abordamos o histórico da crônica esportiva com seu surgimento e o desenvolvimento no Brasil. Contudo, há um debate não muito preciso em relação ao nascimento da crônica, por mais rica que seja sua história em solo brasileiro. Diante do que nos é apresentado pelos críticos, traçamos um histórico do surgimento da crônica e seu contexto no Continente Europeu, partindo da hipótese de que esse subgênero tenha como nascedouro a Europa. Ao chegar ao Brasil, agregou características locais e, assim, desenvolveu-se a partir da identidade brasileira.

O segundo capítulo apresenta o cronista Tostão narrando a trajetória de sua vida, para compreender melhor aquele que serve de referência para estabelecer o debate sobre a memória da Seleção Brasileira, considerando que seu processo de formação se torna importante para compreender a sua escrita. Entender sua trajetória<sup>7</sup> nos levaria à história oficial<sup>8</sup> e à história oral,<sup>9</sup> no sentido de construção de suas memórias, quando Tostão seleciona seus fatos, suas imagens, seus gostos. Buscamos em Elias (1994a) uma base teórica que auxiliasse o entendimento da formação da autoimagem de Tostão dentro de seu meio cultural,<sup>10</sup> seu

---

<sup>5</sup> Entendida como informações construídas e selecionadas por determinado grupo de pessoas que, detentoras do poder de voz na sociedade, difundem suas lembranças de acordo com seus interesses, fazendo do ato de rememorar um espaço contestado, pois “[...] não só das lembranças é constituída a memória. A memória é um lugar de disputas onde os esquecimentos e os silêncios desempenham papel fundamental. A memória opera através da seleção de fatos, imagens, sons e odores, que dão significados às identidades coletivas e individuais. Se a seletividade é algo quase evidente quando se pensa no conceito de memória, os esquecimentos, como categoria, não são tão claros e explícitos. Os silêncios e os esquecimentos, apesar de constituírem processos diferentes, possuem uma função tácita na construção contínua das identidades” (SALVADOR, 2005, p. 4).

<sup>6</sup> A fim de melhor fundamentar o trabalho, artigos e crônicas espanholas foram utilizados para o debate sobre o surgimento do subgênero e de algumas especificidades do futebol. A inclusão de materiais produzidos na Espanha objetivou enriquecer o debate já realizado por autores brasileiros nas temáticas: a crônica como subgênero genuinamente brasileiro; os diferentes estilos de futebol praticados, o que chamamos de “escolas”, principalmente as características que os definem; e em alguns momentos como o futebol e os jogadores brasileiros são vistos pela imprensa espanhola.

<sup>7</sup> Assim, concordamos com Melo (1999), quando diz: “Exatamente devido a extrema subjetividade da crônica, cabe ao historiador compreender a obra do autor como um todo. Além disso, deve-se considerar que tal subjetividade de alguma forma reflete o momento a que se reporta o cronista [...]”.

<sup>8</sup> Entendida como a história contada por meio de documentos, monumentos e festas comemorativas (SALVADOR, 2005).

<sup>9</sup> Constituída pela oralidade, “[...] contada por gerações de estabelecidos, excluídos e marginalizados” (SALVADOR, 2005, p. 3).

<sup>10</sup> “Não há dúvida de que cada ser humano é criado por outros que existiam antes dele; sem dúvida, ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social – seja este qual for.

“habitus”<sup>11</sup> como indivíduo. Tostão se apresenta como a referência neste estudo por permitir uma análise de um cronista que busca se estabelecer na imprensa, meio social ao qual não pertence e é cheio de clivagens em relação aos não especialistas. O universo do futebol permite ao cronista fazer conjecturas que serão tratadas nesta pesquisa, a se inserir em um contexto jornalístico,<sup>12</sup> onde ele se torna um “outsider”, ou um de fora.

É importante salientar, observando que Tostão passa de “estabelecido” a “outsider” (ELIAS, SCOTSON, 2000), termos utilizados por esses autores para designar a posição social alcançada por determinados indivíduos. Utilizaremos esses termos, nesta pesquisa, para situar Tostão como jogador de futebol – estabelecido – e como cronista, em um novo contexto – “outsider”, de fora. Essa relação é lembrada por ele no lançamento de seu livro, em 1997, ano em que começou a escrever suas crônicas. Na ocasião, Tostão (1997b, p. 64) agradece “[...] aos companheiros atuais da imprensa que permitem com carinho um intruso no meio [...]”.

O terceiro capítulo servirá de base de discussão da relação atribuída às funções de memória e da construção de identidade estabelecida, dentro do que foi “escolhido” para ser lembrado e esquecido, e sua tentativa de reconstrução da memória social estabelecida. Este capítulo se construiu com a análise de conteúdo, de forma semelhante ao trabalho de Manhães (2004, p. 125), que propõe a valoração do “[...] modo como a significação foi construída para revelar seus sentidos latentes [...]”. Sobre essa forma de leitura do texto, Manhães (2004, p. 125) traz ainda um aspecto fundamental para uma melhor compreensão dos documentos que se apresentam:

O olhar do analista de discurso deve ser capaz de identificar conteúdos e marcas de enunciação relacionados com objetivos funcionais ou político-

---

Mas isso não significa nem que o indivíduo seja menos importante do que a sociedade, nem que ela seja um ‘meio’ e a sociedade, o ‘fim’” (ELIAS, 1994a, p. 19).

<sup>11</sup>“Habitue surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano” (SETTON, 2002, p. 63).

<sup>12</sup> Jornais espanhóis, como *El País* e *Marca*, foram utilizados como fontes secundárias, a partir de seus cronistas. Esses jornais foram levantados durante um intercâmbio cultural realizado entre os meses de janeiro e março de 2008, na cidade de Madrid, Espanha.



ideológicos, com a sedução e com a informação, com a manipulação e com o diálogo, etc. Por isso, a análise de discurso não pode descartar as contribuições da semântica gerativa, da lingüística estrutural ou de qualquer outro campo dos estudos da comunicação ou ciências humanas, da antropologia, da sociologia, do direito ou da psicanálise. Deve recuperar de forma crítica seus procedimentos analíticos na desconstrução de um determinado enunciado e ir ao encontro dos sentidos latentes das representações sócio-culturais.

Coelho (2001, p. 44-45, grifo do autor), investigando nacionalismo, futebol e “media”, em Portugal, utiliza a noção de contexto discursivo, ou seja,

[...] a estrutura *conceptual* geral em que as palavras e afirmações podem ser interpretadas, em que o significado é atribuído. Estas formações discursivas contextualizadas definem o que é apropriado, ou não, nas nossas formulações ou práticas relacionadas com um determinado assunto ou local de actividades sociais. No fundo, definem que o conhecimento é considerado útil, adequado e ‘verdadeiro’ em determinado contexto (grifo do autor).

Assim, a tentativa de entendimento do discurso presente nas crônicas foi trabalhada considerando o período escrito, o local de publicação e quem as escrevia,<sup>13</sup> adequando essa análise ao que foi considerado relevante para esta pesquisa – dentro do universo de crônicas selecionado, sem perder a qualidade da informação. Nesse capítulo teremos dois momentos.

O primeiro momento traz outras referências, além de Tostão, para uma leitura das derrotas em 1950, 1954, 1966 e 1982, servindo de comparação com discursos daqueles que não se configuram como “estabelecidos” do futebol. A escolha dessas derrotas se faz pela importância do momento: a Copa do Mundo de 1950<sup>14</sup> se construiu como o palco ideal para mostrar a todas as nações o estilo de futebol criado nos trópicos (SOARES, 1998); a Copa da Suíça,<sup>15</sup> quatro anos depois, vem carregada do mesmo discurso de fragilidade psicológica e essa derrota confirmaria o complexo de inferioridade do brasileiro; em 1966,<sup>16</sup> defendendo o bicampeonato do torneio, a Seleção Brasileira não corresponde às expectativas, assistindo à

<sup>13</sup> Para Capraro (2007, p. 14), são “[...] primordiais dois princípios para a análise da obra literária quanto documento histórico: 1 - as *condições de produção*, ou seja: quem era o autor? Quais as relações internas no conjunto da obra? Quais as intenções do sujeito ao escrever seu texto? 2 - a *negação da ‘transcendência’ da obra*, sob a alegação de que qualquer fonte escrita, por mais técnica que seja [...] também guarda determinada subjetividade [...]”.

<sup>14</sup> O debate tem como referencial teórico base o livro “Anatomia de uma derrota”, de Paulo Perdigão.

<sup>15</sup> Esse momento tem como referencial teórico base o livro “A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar”, com depoimentos de Armando Nogueira, Jô Soares e Roberto Mulyaert.

<sup>16</sup> Neste momento, algumas crônicas de Tostão servirão para incitar o debate com Nelson Rodrigues e João Saldanha.

consagração de um novo modelo de futebol, o chamado futebol-força; 1982<sup>17</sup> se revela como a derrota de uma equipe que se encaminha à Espanha para recuperar o prestígio do futebol-arte e que, mesmo derrotada, fica na memória dos brasileiros como uma seleção representativa do verdadeiro futebol nacional.

No segundo momento, Tostão analisa a Seleção Brasileira nas derrotas em 1998 e 2006, quando o passado e o presente foram analisados a fim de identificar e discutir, partindo das leituras das derrotas da Seleção Brasileira de futebol, como o tema é abordado e quais debates são suscitados pelo cronista.

O discurso adotado por Tostão talvez siga a sua formação futebolística, pois suas crônicas contêm análises críticas sobre o planejamento técnico e tático apresentado pelos selecionados e sua escrita é mais direcionada à análise técnica e tática do jogo.

O quarto capítulo será dedicado à discussão e conclusão do estudo, tendo o conceito de memória trabalhado em paralelo com os dados apresentados pelo cronista. Para este estudo, o conceito de memória será entendido “[...] como propriedade de conservar certas informações, [...] um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419). Concepção essa que rompe com o conceito psicológico, que “[...] limitava a compreensão do processo de rememorar ao conjunto de ações dos indivíduos em busca da reconstrução do passado, não necessariamente conectado à cultura, à localidade e ao tempo presente” (SALVADOR, 2005, p. 12). Relacionamos, também, os propósitos do esquecimento, as manipulações conscientes e inconscientes exercidas sobre a memória individual.

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos, de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p. 422).

A função social da memória, como guardiã do passado, constitui-se, nesse momento, como “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*,

---

<sup>17</sup> Essa derrota é rememorada a partir do livro “O trauma da bola”, com crônicas de João Saldanha.

individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 469).

Os estudos evoluíram para a compreensão da memória em um contexto coletivo, intimamente relacionado com a sociedade e, assim, as memórias estão conectadas a juízos e valores do grupo social do qual fazemos parte, orientando nossas ações, pensamentos e avaliações (SALVADOR, 2005).

Esse conceito se torna importante, tendo em vista a necessidade de compreensão do universo de Tostão, seus escritos, e, sobretudo, sua importância como alguém que fala de um lugar privilegiado para disputar significados na memória e na identidade presentes no futebol brasileiro. Esse suporte teórico ajudou a: a) buscar a compreensão de algumas questões levantadas, como a presença de um discurso que visa a preservar alguns dos significados identitários associados ao futebol-arte, b) analisar a relação entre assumir as derrotas e a capacidade do jogador brasileiro em suportar seus conflitos psicológicos, o que Nelson Rodrigues chamou de “complexo de vira-lata”; e c) visualizar a possibilidade de analisarmos o discurso do cronista Tostão sob o prisma de quem reivindica, em suas crônicas, um lugar como um dos jogadores que propiciou a consagração do futebol- arte não apenas como um atleta cerebral,<sup>18</sup> que pensava o jogo e se posicionava bem taticamente e, sim, como um jogador técnico, habilidoso e que hoje, como cronista, em algumas linhas, deixa transparecer sua angústia por não ser lembrado como um daqueles que ficaram no imaginário como representantes do futebol-arte.

---

<sup>18</sup> Jargão que define o atleta que pensa o jogo, que se impõe por sua leitura tática, por seu posicionamento em campo, pela capacidade em “ler” o conceito estratégico a ser desenvolvido.

## 1 CRÔNICA ESPORTIVA: CHEGADA E DESENVOLVIMENTO NO BRASIL

Atualmente, a crônica<sup>19</sup> se enquadra como gênero literário de assunto livre, registro de pequenos fatos do cotidiano – que descreve acontecimentos do dia-a-dia, reflete sobre política, arte, etc. formada por meio de um sincretismo de gêneros. Por tratar de assuntos considerados menos importantes e por ser um texto limitado espacialmente nas edições dos jornais, a crônica é tida como um gênero menor. Mas é exatamente essa característica que permite ao cronista analisar "[...] as pequenas coisas que as grandes vistas não percebem" (LUCENA, 2003, p. 162).

Alguns autores apontam datas para o surgimento da crônica no cenário histórico, e essas indicações são bastante conflitantes. Existem registros que contam sobre a vida e a obra dos reis, sobre acontecimentos de viagens marítimas, descobertas, porém para a pesquisa proposta, a crônica, ou *fait divers*, serve como entretenimento, um passatempo para os leitores. A existência dos “cronicões medievais” não será desconsiderada nesta pesquisa, tampouco a sua importância histórica, porém o seu contexto de surgimento e utilização era diferente da crônica que surge na transição da Idade Moderna (séculos XVI e XVII) para a Idade Contemporânea (séculos XIX e XX).

Outra versão aponta que a crônica nasceu nos folhetins franceses, situada nos rodapés dos jornais para entreter seus consumidores entre as leituras das notícias “graves e pesadas” em meio ao periódico (LAURITO; BENDER, 1993, p. 15). Aparece em 1799, no *Journal Dibats*, em Paris, com Julien-Louis Geoffrou “[...]”

---

<sup>19</sup> Publicações que remontam às décadas de 1960, 1970 e 1980 já trabalhavam alguns conceitos e incitavam alguns debates sobre a crônica: Pedrosa (1968, p. 22) disserta sobre “[...] o problema de fixar os começos da crônica esportiva – mais precisamente, da crônica especializada em assunto de futebol no Brasil – parece não existir. Os autores que se têm ocupado (em geral, de passagem) da matéria não divergem neste particular, não havendo razões para pôr em dúvidas suas esparsas afirmações”. Ao longo da pesquisa, percebemos o equívoco em afirmar a falta de razão para se aprofundar o estudo sobre a gênese da crônica e seu desenvolvimento no Brasil, sendo necessário entender o início da crônica, seus diferentes usos, para não apontar sujeitos, como criadores, e locais, como nascedouros, de forma incorreta. Na década de 1970, Fernández (1974, p. 11) construiu sua pesquisa “[...] a partir de uma investigação sistemática de jornais e revistas do Rio de Janeiro e São Paulo [levantando] as constantes lexicais da linguagem futebolística e [organizando] este material de acordo com a natureza de nossos objetivos: definir futebol e assim encontrar as características típicas de um conteúdo de massa; identificar a escritura da imprensa através de suas normas de codificação, averiguando o seu grau de formalização e aplicação original do sistema lingüístico do idioma português”. Proença (1981, p. 22) traz a crônica esportiva de futebol “[...] enquanto gênero crônica e não o comentário, a reportagem sobre o jogo vem, pouco a pouco, ganhando alguma relevância no panorama esportivo brasileiro [...] Mario Filho foi pioneiríssimo nesse terreno. A ele se seguiram, então, vários outros. Alguns trabalhando em nível mais literário, outros mais denotativos”.

fazendo crítica diária da atividade dramática” (MOISÉS, 1982, p. 245). Para esse mesmo autor (p. 256),

O estilo em que se vaza o monodialogo repercute todo o hibridismo da crônica: direto, espontâneo, jornalístico, de imediata apreensão, nem por isso deixado de manusear todo o arsenal metafórico que identifica as obras literárias. Preso ao acontecimento, que lhe serve de motivo e acicate, o cronista não se perde em devaneios.

Nesses espaços de rodapé começaram a aparecer textos de ficção, nascendo, assim, os folhetins romance e variedades. O folhetim romance era desenvolvido em capítulos, o que permitia que o leitor acompanhasse uma história, como uma telenovela, porém o folhetim que teria originado o gênero crônica foi o folhetim variedades.

Da mesma forma que os folhetins cobriam os romances e os capítulos das aventuras dos heróis, havia espaço para as variedades, para os ‘[...] fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo’ (LAURITO; BENDER, 1993, p. 16).

O novo ritmo cotidiano das cidades citado se relaciona com a velocidade imposta pelas novas tecnologias que proporcionam maior velocidade na publicação de notícias – lembrando que o período em questão é a virada do século XVIII para o século XIX –, promovendo uma sensação de simultaneidade de acontecimentos.

Com o desenvolvimento da imprensa no século XX, o folhetim abrangente, que aborda todos os assuntos, foi desaparecendo e deu lugar a

[...] seções especializadas de articulistas, comentaristas, analistas e críticos, ou seja, jornalistas também especializados em determinadas matérias. Entre eles, o que se chama hoje de **cronista**, o especializado em tudo e em nada. Melhor dizendo, aquele escritor-jornalista ou jornalista-escritor que, ao mesmo tempo, prende e solta sua imaginação criadora num espaço específico e bem caracterizado da imprensa diária ou periódica (LAURITO; BENDER, 1993, p. 22, grifo do autor).

Assim, estabeleceu-se que a crônica contemporânea tem sua origem nos rodapés dos folhetins franceses, no final do século XVIII.

Com o advento do jornal e a introdução das crônicas nesse veículo, o gênero vai se moldar, encontrando-se em meio às notícias, em local diferente de sua gênese. Sua construção híbrida acontece.

A crônica, por força de seu discurso híbrido – objetividade do jornalismo e subjetividade da criação literária –, une com eficácia código e mensagem, o ético e o estético, calcando com nitidez as linhas mestras da ideologia do autor (CANDIDO et. al., 1992, p. 167).

Logo, o gênero crônica passaria a figurar entre os escritores do Brasil, que desenvolveriam uma escrita peculiar, considerando que a imprensa especializada como conhecemos hoje ainda se desenvolvia.

### 1.1 A CRÔNICA NO CENÁRIO BRASILEIRO

Na inserção da crônica de forma socialmente mais abrangente, o conjunto cronistas, o jornal e seus leitores implica a caracterização do escrito, desde a escolha temática, o uso linguístico até a finalidade da crônica. A sua construção se realiza de acordo com esses fatores, o que caracteriza o estilo da crônica.

A crônica, objeto comum, que se apegua ao humor e a eventos históricos, devido à sua construção e finalidade, está mais propensa a cair no esquecimento, porém, quando “[...] elaborada com sensibilidade e esmero lingüístico produz efeito exatamente contrário, pois na mesmice do jornal que se repete diariamente, ela é o novo, o original” (POLETTTO, 2003, acesso em 9 dez. 2005). Segundo Poletto (2003, acesso em 9 dez. 2005), “[...] a crônica permanece pouco na memória ativa [...] após sua leitura ou uso, migra para outro nível de memória, como se no subterrâneo, e só vem à tona numa ocasião muito especial”.

Poletto (2003, acesso em 9 dez. 2005) reproduz a imagem de que a crônica seria um “lanche rápido”, “o suficiente para sempre pedir mais”, mesmo tratando esse tipo de informação como redutora e generalista do gênero. E completa:

A crônica não fica circunscrita à frugalidade de uma rápida refeição, nem presa na lixeira da memória [...] Assim como um poema ou um conto satisfazem o interesse e prazer estético do leitor, também a crônica farta a ânsia de belo e humano que se busca na arte, pois contém todos os ingredientes que produz todos os efeitos que se podem esperar do texto artístico (POLETTTO, 2003, acesso em 9 dez. 2005).

Ainda sobre a crônica e sua origem, Lucena (2003, p. 164) discorre sobre as transformações sofridas e promovidas relacionadas com o conteúdo e a visualização dos temas: “[...] do universo jornalístico de onde ela emerge, a crônica vai instaurar

rupturas tanto do ponto de vista lingüístico quanto, e principalmente, do ponto de vista temático”. Pereira (apud LUCENA, 2003, p. 164) acredita que

[...] a crônica determina novas relações com os gêneros jornalísticos, não se limitando a informar ou opinar; mas emprestando às informações jornalísticas outros referentes concebidos na própria articulação entre as várias linguagens que o cronista exercita para explicar a representatividade de seu mundo ao leitor.

Dessa maneira, a crônica não nasce apenas ficcional, pois deriva de fatos do cotidiano e, à medida que o autor acrescenta emoção e poesia, direcionando sua escrita de maneira diferente da reportagem, com diálogos e personagens, pode elaborar um texto com emoção e ficcional. Mas esse sentimento é, “[...] acima de tudo um repensar constante pelas vias da emoção aliada à razão [...] papel [que] se resume no que chamamos de lirismo reflexivo” (SÁ, 2002, p. 13).

A linguagem coloquial também faz parte da construção da crônica. Com esse tipo de linguagem, o escritor monta o “bate-papo” e cria uma cumplicidade com o leitor:

[...] o dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões (SÁ, 2002, p. 11).

Assim, a crônica vai se construindo como subgênero, dentro do gênero narrativo, com propriedades únicas de um texto que apresenta diferentes possibilidades de construção e publicação. Proença (apud COSTA, 2001, p. 53) apresenta a ambiguidade relacionada com a tentativa de definição da crônica:

A crônica esportiva, em resumo, oferece campo de trabalho que nos permite visão global, ampla, de mundo popular/democrático, de nossas gentes e de nossos hábitos, favorecendo a quem as escreve, de uma forma ou de outra, aproximar-se do conceito de atuante, do fazer artístico (práxis literária, no caso); chances, assim, à aproximação do realismo crítico – dimensão e força social, participante, humanista (no sentido de ‘com os pés no chão’), que se pretendem íntimos de quem exerce o ofício de escritor.

Ramadan (1997, p. 50), tomando como referência Benveniste (1991), direciona ao “sujeito humano” variáveis como “[...] a personalidade, o inconsciente, o social, o eu, as pulsões [...] que dinamizam as relações simbólicas, imaginárias e

reais do sujeito”. O interessante é a relação linguística da subjetividade e do surgimento desse sujeito no texto como “eu”. Segundo o autor, subjetivamente ao apresentar-se como “eu”, estabelece a relação com um “tu”, passando os dois a protagonistas da ação. “Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para a revelação da subjetividade” (RAMADAN, 1997, p. 51).

Sobre a percepção do cronista, Moisés (1982, p. 255) trata da impessoalidade destinada à crônica:

A impessoalidade é não só desconhecida como rejeitada pelos cronistas: é a sua visão das coisas que lhes importa e ao leitor; a veracidade positiva dos acontecimentos cede lugar à veracidade emotiva com que os cronistas divisam o mundo.

Considerando esse pensamento sobre impessoalidade, acreditamos ser, também, o fato cotidiano como referência para caracterizar a crônica e diferenciá-la do conto. Além das características linguísticas que a constituem, a crônica está diretamente relacionada com um acontecimento diário.

Então o sujeito inserido em um contexto de escrita pode convergir seu texto de acordo com suas referências sociais e literárias. Dessa forma, o fato de a crônica se fazer mais informativa ou mais poética se dá pelas experiências do narrador.<sup>20</sup>

Um exemplo de cronista voltado para o estilo poético é Armando Nogueira, que usa de “[...] adjetivações valorativas, ritmo, jogo de imagens, subterfúgio da metáfora” (RAMADAN, 1997, p. 29). A escolha linguística usada para compor a crônica está intimamente vinculada com a relação pessoal do autor com o mundo.

Enquanto Nogueira trabalha um tipo de linguagem poética em suas crônicas, Tostão faz análise tática, técnica, montando seus textos estimulados por sua visão de mundo que passa pela experiência de jogador, por sua formação em medicina e por sua leitura psicanalítica do mundo.

Esses são dois estilos diferentes de escrita, pertencentes ao gênero narrativo, dentro de um mesmo subgênero, a crônica esportiva. Um estilo não se sobrepõe ao outro, mas há que se saber suas características e possibilidades linguísticas: uma crônica em estilo poético pode cair no esquecimento, da mesma forma que uma crônica informativa (jornalística, esportiva) pode entrar para o “mundo literário”. São

---

<sup>20</sup> Segundo Ramadan (1997, p. 13): “Essa interpretação decorre das várias opções de focalização da história, condicionadas pelo ponto de vista do narrador”.



duas linhas diferentes, em que se destacam cronistas diferentes. É o que argumenta Marques (2000):

O papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica deixa de ser comentário argumentativo e expositivo, para colocar de lado a seriedade nos problemas e transformar-se em aparente ‘conversa fiada’. Seu amadurecimento se dá numa composição de um fato miúdo, analisado com um toque humorístico e mais um *quantum satis* de poesia.

Marques (2001) destaca as semelhanças entre crônica e coluna:

Uma grande semelhança entre a crônica e a coluna reside no fato de que ambas ocupam um espaço bem delimitado nos jornais, sempre com destaque para os nomes de seus autores. Outra característica diz respeito à sua periodicidade: o leitor sabe quais os dias da semana em que poderá ler o texto de seu colunista ou cronista predileto. E, normalmente, esse tipo de texto tem seu lugar “cativo” no caderno de esportes, aparecendo na mesma página e no mesmo espaço, sempre com a mesma diagramação. Procura-se criar assim uma familiaridade com o leitor, para que, ao abrir o jornal, ele saiba de antemão onde encontrar o autor desejado.

Relacionando crônica e coluna,<sup>21</sup> percebemos algumas particularidades entre elas que se fazem relevantes a este estudo. A coluna se difere entre os textos jornalísticos por procurar relatar os fatos, informar. Assim, a crônica se difere por apresentar um texto mais opinativo.<sup>22</sup> “Os colunistas procuram em seus textos explicar e teorizar questões ligadas aos fatos jornalísticos [...]” (MARQUES, 2000). Dessa forma, pelo que já foi visto, conto, crônica e coluna se assemelham e se diferem na mesma proporção, em relação a tempo, espaço e linguagem.

A crônica pode ser construída no campo poético e no campo informativo. Já a crônica jornalística, temporal, tem a coluna como sua semelhante, porém a coluna procura relatar, informar, e à crônica é permitida a opinião. A temporalidade presente nas colunas e crônicas é semelhante. Enquanto o conto resiste às intempéries do esquecimento, a crônica se faz para o momento, mesmo que às vezes também possa resistir às intempéries do esquecimento.

<sup>21</sup> Um exemplo prático sobre onde se situa a coluna e as suas atribuições temos em uma nota de 1955, do Jornal de Sergipe: “Não usaremos esta coluna para fins desagregadores. Não sabemos onde está a razão, e por isso mesmo, não opinaremos contra ou a favor do Confiança [...]”. Nos limitamos a comentar as ocorrências com imparcialidades [...]” (RIBEIRO; PIRES, 2005).

<sup>22</sup> “Não é um artigo de fundo, seara da argumentação e das provas, mas, na medida em que o cronista esposa uma idéia, uma posição, seu compromisso torna-se tácito, vivido nas opiniões que vai emitindo despreocupadamente no decorrer do texto” (CANDIDO et al., 1992, p. 168).

Como se pôde perceber, o entendimento da crônica não se mostra tão simples. A crônica se torna um gênero ambíguo em sua criação, transitando entre o literário<sup>23</sup> e o jornalístico, o que influencia diretamente sua escrita e permite ao cronista opções únicas de construção de texto.

## 1.2 TRANSFORMAÇÃO E NACIONALIZAÇÃO DO GÊNERO

Chegando ao Brasil, a crônica ganhou nova roupagem, a ponto de exclamarem que esse gênero seria tipicamente brasileiro. A criação do gênero seria a transformação do que teria surgido nos folhetins franceses, de característica informativa, assumindo um caráter próprio que não teria se firmado em sua terra de origem.

[...] Em outros termos, estamos criando uma nova forma de crônica (ou dando erradamente esse rótulo a um gênero novo) que nunca medrou na França. Crônica é para nós hoje, na maioria dos casos, prosa poemática, humor lírico, fantasia, etc., afastando-se do sentido de história, de documentário que lhe emprestam os franceses (MOISÉS, 1982, p. 246).

Para Moisés (1982), o gênero criado no Brasil em nada deve àquele que surgiu na França. O problema residiria no fato que teríamos adotado a mesma nomenclatura para um gênero diferente.

O mesmo autor, num arroubo de nacionalismo, afirma que a crônica teria sofrido um processo de apropriação no Brasil:

[...] se gaulesa na origem, a crônica naturalizou-se brasileira, ou melhor, carioca: é certo que há cronistas, e de mérito, em vários Estados onde a atividade jornalística manifesta vibração algo mais do que noticiosa, - mas também é certo que, pela quantidade, constância e qualidade de seus cultores, a crônica semelha em produto genuinamente carioca (MOISÉS, 1982, p. 246).

A apropriação, segundo o autor, foi conseguida pelas profundas transformações promovidas pelos escritores brasileiros, sobretudo aqueles que escreviam no Rio de Janeiro, não só pela qualidade dos cronistas, mas também pela quantidade e pela constância. Além disso, Moisés (1982) considera o Rio de Janeiro

---

<sup>23</sup> “[...] o fazer literário, consciente ou inconscientemente, atinge a crônica. Apesar disso, a própria natureza jornalística dos textos já os desamarra na origem: são textos com pouco tempo para serem escritos, textos que o leitor não voltará, pois nem o jornal estará mais com ele. Podemos então ser menos cuidados; são e não são literatura” (CANDIDO et al., 1992, p. 169).

como ex-capital do País e, conseqüentemente, o palco principal dos acontecimentos naquele período.

Ao que tudo indica, no Rio de Janeiro, foi sedimentada a atividade folhetinesca brasileira durante a década de 1930. A nação passava por momento político efervescente, que estimulava a publicação de material crítico daqueles que estavam envolvidos no processo, contra ou a favor do regime instaurado. Capraro (2007) nos remete aos dois períodos de desenvolvimento da crônica no Brasil, que caracterizavam o subgênero esportivo em diferentes contextos, ou bloco histórico:

[...] o primeiro bloco [estaria] ligado à sociogênese do esporte no Brasil, quando a crônica das primeiras décadas do século XX discutia a sua funcionalidade e representatividade na nova sociedade republicana. No segundo bloco histórico [entre os anos de 1940 e 1950], o futebol já se encontrava devidamente inscrito como elemento central da cultura brasileira, assumindo um papel de agente afirmador da identidade nacional (CAPRARO, 2007, p.5).

O famoso conflito entre Coelho Neto e Lima Barreto em torno do futebol no início do século XX torna a crônica esportiva objeto de consumo da elite letrada da sociedade carioca na época: "[...] na crônica de Lima Barreto, o que ele não deixa escapar é o confronto de opinião com o outro articulista e também o confronto com aqueles que se dedicam a tal prática, no caso, a elite carioca" (LUCENA, 2003, p. 164).

Os anos 30 foram palco das mudanças políticas e culturais e isso veio favorecer a valorização de outros estilos literários:

Assim, a literatura brasileira, a partir dos anos 30, iria mudar essa feição bacharelesca que tão bem correspondia às expectativas oficiais de uma 'cultura fechada'. O experimentalismo estético do modernismo [...] legaria algumas inovações formais e temáticas à literatura dos anos 30, que podem ser detectadas em dois momentos diferentes: um deles alterando substancialmente as características da obra e um outro mais genérico, onde ocorre a rejeição dos padrões literários passadistas da República Velha (CALDAS, 1990, p. 183).

Apontam-se como os grandes responsáveis por essa aceitação da crônica no Brasil: João do Rio (1900 – 1920) como iniciador da divulgação desse gênero; depois Rubem Braga, na década de 1930, como um continuador seguido de vários outros, como Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos (MOISÉS, 1982).

O uso metafórico das palavras e os processos linguísticos<sup>24</sup> trabalhados podem ser outros atributos do tipo de crônica esportiva desenvolvida no Brasil, segundo Moisés (1982). Esses usos teriam sido peças fundamentais para a constituição da crônica brasileira e da suposta caracterização do gênero como brasileiro e carioca.

Partindo do exposto e do que vigora sobre o desenvolvimento da crônica no Brasil, seguimos para o debate sobre as contradições do firmamento deste gênero em sua esfera esportiva: personagens, fatos, história.

### 1.3 A IMPRENSA E SEU PAPEL: MITOS E FATOS SOBRE O SURGIMENTO DA CRÔNICA ESPORTIVA NO BRASIL

O desenvolvimento do esporte<sup>25</sup> fez a imprensa mudar o olhar e a maneira de trabalhar a formação profissional da área. A editoria de esportes era considerada um ofício para iniciantes, uma escola para os novos profissionais desse segmento. Com o desenvolvimento do esporte, mudou-se esse conceito e a especialização profissional reescreveu o perfil do jornalista esportivo: além de saber regras, deveria conhecer "[...] história, personagens, fatos, evolução nos tempos, implicação cultural e social" (COSTA, 2001, p. 31).

A caracterização de que o esporte seria, dentro dos jornais, uma editoria de acolhimento de profissionais com pouca experiência/conhecimento teria contribuído, também, para que a crônica esportiva fosse tratada como gênero menor. Para Trouche (2002, acesso em 2 jun. 2006) os anos de 1960 e 1970

[...] representam indiscutivelmente o apogeu do futebol brasileiro em todos os sentidos e é neste contexto que a crônica esportiva conquista espaço definitivo nos principais órgãos de imprensa do país e, principalmente, se profissionaliza definitivamente, adquirindo contornos poéticos próprios, e redesenhando novas fronteiras para o universo do literário.

<sup>24</sup> Ramadan (1997, p. 66) relaciona o "sentir" e o "imaginar" como matérias-primas do entendimento da metáfora: "A metáfora surge como um resultado lingüístico, uma estratégia cognitiva de um processo de manipulação da realidade, em que a imaginação e o sentimento concorrem para a aquisição de um valor semântico".

<sup>25</sup> Ribeiro e Pires (2005) entrevistaram um cronista esportivo em Sergipe, que fez relatos sobre o esporte, referentes à editoria jornalística: "[...] no começo, [...] os jornais não gostavam de esportes não, era política. Pra se botar uma nota era um problema! [...], aí eu pegava uma notinha, entrava de mansinho [...]. Às vezes, até Paulo Costa dizia: 'Já vem você com suas notas de futebol, né?!'".

Reforça essa ideia o discurso a seguir, que inclui outros segmentos da cultura e da sociedade envolvidos na difusão do esporte:

[...] o futebol, a literatura, a imprensa e a música<sup>26</sup> popular constituíram no Brasil um poderoso tripé para a implementação e – principalmente – a popularização do esporte nas grandes cidades do país. Escritores, jornalistas e músicos assumiram através de seus trabalhos um diálogo constante com seus pares e com os torcedores. Ao mesmo tempo, participaram ativamente do cotidiano do esporte, atuando não só como agentes culturais, mas também como cronistas, narradores esportivos, diretores de clubes, compositores de hinos e até mesmo como jogadores. As relações entre futebol, literatura, imprensa e a música popular brasileira são, portanto, mais do que uma relação estética ou de inspiração temática, constituindo um novo espaço popular na sociedade (COELHO, 2006a, p. 231).

Teria sido Mario Filho que, trazendo uma nova forma de escrever,<sup>27</sup> um estilo mais simples, sepultou a escrita de fraque<sup>28</sup> dos antigos cronistas esportivos? Seria ele a referência do nascimento da crônica esportiva, incorporando ao gênero, além da nova linguagem, respeitabilidade ao ofício da crônica?

Mario Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público. Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato. E, nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível. E, então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página [...]. Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas, clichês [...]. O cronista esportivo começou a mudar até fisicamente. Por outro lado, seus ternos, gravatas e sapatos acompanharam a fulminante ascensão social e econômica. Sim, fomos profissionalizados por Mario Filho (RODRIGUES, 1987, p. 137-138).

Nesse ponto, é relevante esclarecer algumas afirmações que surgiram no decorrer do desenvolvimento do jornalismo esportivo nacional e que perpetuam até hoje. A importância de Mario Filho para o cenário do jornalismo esportivo no Brasil é latente. Porém, afirmar a criação de um novo gênero não condiz com os indícios e com a escassa historiografia sobre a crônica esportiva no Brasil.

<sup>26</sup> Em 1935, Noel Rosa gravaria o samba “Conversa de Botequim”, que conta a passagem de um personagem, um malandro carioca, em um bar fazendo algumas exigências, aparecendo o futebol timidamente como um dos acontecimentos: um dos pedidos do personagem seria que o garçom perguntasse a outro cliente do bar sobre o resultado do futebol.

<sup>27</sup> Elias (1994b, p. 68) sugere que “[...] o aparecimento mais ou menos súbito de palavras em linguas quase sempre indica mudanças na vida do próprio povo, sobretudo quando os novos conceitos estão destinados a se tornarem fundamentais e de longa duração como esses”, em referência ao surgimento de palavras correspondentes ao termo “*civilitas*”, com o sentido dado por Erasmo em seu tratado *De civilitate morum puerilium*, atendendo às necessidades sociais da época.

<sup>28</sup> Considerada a forma rebuscada utilizada por escritores que tinham o esporte como fonte. Uma escrita presente nos altos círculos literários e que também se fez presente no meio esportivo.

A inserção de um estilo mais solto, divertido, que estaria relacionado com a identidade de brasileiro, para Gomes (2007, p. 140), constrói-se desde os tempos da Corte Portuguesa no País:

Luis Gonçalves dos Santos não era um jornalista de profissão, mas um cronista por vocação. Aos quarenta anos, versado em latim, grego e Filosofia, exercia a função de cônego da Igreja Católica. Embora ocupasse um cargo importante da hierarquia católica, tinha um apelido engraçado, Padre Perereca, devido à estatura baixa e franzina, e os olhos esbugalhados. É uma indicação de que, naquela época, a irreverência e o humor faziam parte da personalidade carioca e não poupava ninguém.

Em Monteiro (1981, apud GOMES, 2007, p. 140), o autor busca, na promoção de dois personagens, um a barão e outro a visconde, mostrar que, diante da corrupção à qual estava mergulhado o País, ainda no contexto do período da Corte Portuguesa, entre 1808 e 1822, o povo respondia com humor:

*Quem furta pouco é ladrão  
Quem furta muito é barão  
Quem mais furta e esconde  
Passa de barão a visconde*

Outro argumento relacionado com a particularidade do surgimento da crônica no Brasil é a migração de escritores e romancistas ao meio jornalístico que se formava. Essa característica encontramos também em outros lugares do mundo. Burke (2003b, p. 34) indica que

[...] diversos pastores calvinistas também emigraram da França a essa altura, depois da revogação, em 1685, do edito real que permitia liberdade de culto aos protestantes. Ao descobrir que a oferta do clero calvinista superava a demanda por pastores e pregadores, alguns deles se voltaram para a profissão das letras e em particular para a imprensa periódica [...]. Esses ex-pastores figuram entre os primeiros 'jornalistas', termo que apenas começava a ser usado em francês, inglês e italiano por volta de 1700 para designar os que escreviam em revistas cultas ou literárias, por oposição aos *gazetiers*, de menor status, que relatavam as notícias em base diária ou semanal. A imprensa continuava assim a gerar novas profissões.

Assim, a crônica esportiva de forma especializada, como a conhecemos, precisa ser mais bem debatida, sobretudo no que concerne ao surgimento e desenvolvimento desse gênero, todavia isso foge aos objetivos deste estudo. O interesse pela informação desportiva, segundo Montín (2000), surgiu com o advento dos Jogos Olímpicos da era moderna, em Atenas, no final do século XIX.

En los primeros de ellos de la era moderna celebrados en Atenas en 1896, entre los setenta mil espectadores, testigos de las competiciones, se encontraban los corresponsales del diário parisino *Le Figaro* y el londinense *The Times*, empezándose a publicar ya las primeras crônicas sobre deportistas y resultados (MONTÍN, 2000, p. 244).

No Brasil, a crônica esportiva se desenvolvia com literatos, escritores, romancistas, e a crítica esportiva especializada ainda não havia surgido nos moldes citado.

Mario Filho cria, na década de 1930, o *Jornal dos Sports*, baseando-se no jornal italiano *Gazzetta dello Sport*. Porém, jornais especializados no esporte haviam sido criados antes mesmo da fundação do periódico italiano:

En la primera mitad del Siglo XIX aparece en Londres el primer diário especializado en deportes *Sportman*, denominado más tarde *Sporting Life*. En 1892 en Francia surge el primer diario deportivo, *Le Velo*. En España hasta 1906 no aparece el primer diario especializado, *El Mundo Deportivo* [...]. Los primeros informadores de temas deportivos en los periódicos no fueron periodistas, sino escritores aficionados a um fenómeno incipiente, que realizaban comentarios con el estilo propio de la época, retórico y muy floreado [...]. Léxicamente dominaba la presencia de anglicismos, relacionados con la jerga de la disciplina deportiva (MONTÍN, 2000, p. 244).

Dentro do que foi exposto, creditar a criação da crônica esportiva aos escritores brasileiros se torna difícil com fontes confiáveis, tal como também é difícil sustentar o surgimento desse gênero nos rodapés dos jornais franceses, pois essa atividade se desenvolvia paralelamente em outros países. Outro ponto a ser observado é como se assemelha a forma de desenvolvimento do gênero na Espanha e no Brasil. Também se destaca a presença dos termos em inglês e o pioneirismo dos escritores em relação à publicação de textos sobre o esporte. Dessa forma, o processo de assimilação e desenvolvimento no Brasil se assemelha ao contexto espanhol, que teria, no mínimo, 20 anos de antecedência, com a criação do periódico *Mundo Deportivo*. A identidade social dos países, no caso espanhol, de não perpetuar os termos em inglês e, no brasileiro, de popularizar a escrita, reconfigura o gênero.

Mesmo com todo esse desenvolvimento, Lucena (2003) aponta, ainda, que, com o passar dos anos, a crônica sofria com a perda do seu vigor. Com sua fase áurea entre as décadas de 1950 e 1970, a crônica teria perdido sua força talvez por dois motivos: o surgimento da televisão e a inexpressividade dos cronistas que

surgiam. Porém, Ramadan (1997, p. 18) nos remete ao fato de que, ao contrário do que se pensa, a crônica conquistava mais espaços:

Estas previsões pessimistas caem por terra se examinarmos jornais e revistas de grande circulação. Em quase todos [...] há um espaço cada vez maior destinado à voz dos cronistas. E pode-se afirmar que a crônica revitalizou-se de tal forma que, hoje, encontra-se em grau de especialização. Assim se explica a crônica humorística de Jô Soares e Luís Fernando Verríssimo, publicada em jornais e revistas da atualidade, ou a futebolística de Armando Nogueira.

Para Normando (2003, acesso em 30 jul. 2006), o desinteresse<sup>29</sup> relacionado com o futebol estava presente na área acadêmica, e a produção acerca da temática "futebol" era fortemente associada aos cronistas esportivos:

O futebol, por volta da segunda metade do século XX, deixou de freqüentar a pauta de interesse acadêmico ou, pelo menos, teve drasticamente diminuído as pesquisas e a divulgação do trabalho intelectual sobre a temática. À exceção mais notória de um punhado de cronistas esportivos - dos quais o maior exemplo talvez tenha sido Nelson Rodrigues -, poucos se dignaram a olhar o jogo de bola com uma perspectiva investigativa mais profunda.

Aqueles que escreviam sobre o dia-a-dia da cidade passaram a observar o esporte, fundamentalmente o futebol, como parte de um novo comportamento coletivo. Assim, as crônicas sobre o esporte – e, sobretudo, o futebol – ganhavam a alcunha de crônica esportiva “[...] num exemplo da relação que se aprofundava entre a linguagem jornalística e a crônica, que vai passo a passo se constituindo num *gênero-síntese*” (LUCENA, 2003, 167).

Da mesma forma que a crônica transita entre o ficcional e o real, ela também o faz entre o literário e o jornalístico. Observamos que a crônica esportiva brasileira pesa mais para o lado jornalístico, analisando os fatos recorrentes, porém com o adicional da liberdade do cronista em transformar ou emoldurar a notícia com elementos de ficção ou de poesia. Costa (2001, p 53) argumenta a favor de uma análise esportiva mais próxima do cotidiano, quando diz que “[...] o escritor esportivo se apóia no real, se compromete de alguma forma, com a realidade de um fato”.

---

<sup>29</sup> Esse desinteresse, segundo Normando (2003, acesso em 30 jul. 2006), estaria relacionado com o papel econômico que o futebol desempenhava na sociedade: "Sem valor econômico e considerado vulgar, os historiadores, tal qual os sociólogos, insistem em não perceberem o esporte como um objeto de estudo capaz de mostrar as mais tênues nuances das relações sociais que, fora da lógica esportiva, parecem excludentes, como a competição e a cooperação ou o conflito e a harmonia".



Neste ponto entre ficcional e real, percebemos que o ficcional existe, mas a essência da crônica esportiva no Brasil, publicada em jornais, não tende a ficcionar os fatos,<sup>30</sup> que são contados pelo olhar e experiência de quem vê, e seu discurso elaborado pelo fato em si. Trouche (2002, acesso em 2 jun. 2006), mostra quatro vertentes de construção desse subgênero literário, porém vamos nos remeter à grande problemática entre a relação crônica e poesia.

**[...] a mais praticada é a crônica que se atém (e se esgota) no propósito imediato de comentar e analisar temas e eventos do cotidiano da prática do futebol.** Todo grande órgão de imprensa apresenta hoje este tipo de crônica, que informa, comenta, critica, enfim, veicula um determinado ponto de vista crítico sobre o dia a dia do futebol. Praticada por um grupo bastante heterogêneo - incluindo aí alguns ex-jogadores como Paulo Roberto Falcão e **Tostão** - este paradigma abriga jornalistas e redatores de procedência vária.

Evidentemente, toda crônica apresentará sempre este objetivo e cumprirá esta função. A grande questão está em que alguns cronistas - como Armando Nogueira e Renato Maurício Prado, este da 'novíssima geração' - vão muito além desta contingência imediata, inscrevendo-se no espaço do **poético**.

Uma destas vertentes poéticas é a que se caracteriza pela narratividade, transformando o cronista num grande contador de histórias e 'causos'. Veiculada por uma linguagem despojada, eivada de marcas de oralidade e coloquialismo (como aquele famoso 'meus amigos' introdutor de todas as crônicas de João Saldanha - talvez o representante máximo deste paradigma) esta vertente está sempre buscando reproduzir o tom intimista de uma conversa com o leitor [...].

Nelson Rodrigues, sem dúvida, é o grande nome de uma outra vertente da crônica esportiva, que se caracteriza pela rica e generosa criação de uma vasta galeria de personagens e tipos sociais característicos do universo do futebol. O Gravatinha, o Sobrenatural de Almeida, a Grã fina das narinas de ouro, entre tantos outros são personagens de ficção que convivem e interagem com jogadores e figuras típicas do futebol, que submetidos às leis da semiose ficcional transformam-se também em seres de papel.

Neste brevíssimo vistazo sobre a crônica esportiva falta uma referência a uma **terceira vertente**, que se caracteriza pela busca constante de uma prosa poética, que nos seus melhores momentos configuram verdadeiros poemas em prosa. Trazendo em sua bagagem, reunidas em livro, algumas coletâneas extraídas de sua coluna 'Na grande Área' há anos publicada no Jornal do Brasil e distribuída para muitos outros órgãos de imprensa de outras capitais e do interior do país, Armando Nogueira é, sem dúvida, o grande nome desta vertente, ainda em plena atividade (TROUCHE, 2002, acesso em 2 jun. 2006, grifos nossos).

Logo, consideramos a crônica esportiva como um texto opinativo, com função de entretenimento do seu leitor, construído de forma pessoal, e que tem como temática central o esporte e suas especificidades, considerando as características pessoais de cada cronista, que vai direcionar seus escritos dentro das vertentes – a

<sup>30</sup> "A crônica sempre nasce de um fato real, seja ele um acontecimento de âmbito social, de qualquer alcance [...]" (CANDIDO et al., 1992, p. 167).

analítica (espaço para se comentar e analisar a prática esportiva), a poética (caracterizada pela narratividade de “causos” e histórias ou identificadas pelas criações de personagens, pela ficção) e a prosa-poética (em formato de prosa, carregada de poesia) – discutidas em Trouche (2002).

#### 1.4 O CRONISTA

A crônica mostra sua ambiguidade quando se pensa que ela se move entre *no* e/ou *para* o jornal. Então a dificuldade da escrita da crônica está também e, sobretudo, nesse ponto, cabendo ao cronista entender que publica no meio jornalístico um gênero que “[...] oscila entre reportagem e a literatura, entre o relato impessoal frio e descolorido de um acontecimento trivial e a recriação do cotidiano por meio da fantasia” (MOISÉS, 1982, p. 247).

Assim, pela temática e desenvolvimento da crônica, o autor pode abordar diversos assuntos em um mesmo texto que lhe permitam, ao final, amarrar as matérias que escolheu. Laurito e Bender (1993, p. 50) relacionam esta gênese da crônica – jornalismo e literatura – como uma dificuldade de definir o gênero: “Até onde vai o jornalista e termina o escritor?”, perguntam. E, por todas as características que permitem uma crônica ser uma crônica, emendam: “[...] logo não vamos esperar que a Academia Brasileira de Letras<sup>31</sup> decida conceituar nossa crônica. É crônica e só. Todos sabem do que estamos falando” (p. 44). Esse apelo expressa, entre outras coisas, a simplicidade da crônica e o sentimento intersubjetivo do gênero. A discordância sobre uma definição da crônica demonstra que esse gênero popular luta, ou lutou, contra uma possível dominação de instâncias superiores. Candido et al. (1992, p. 155), ainda sobre o debate de dominação, definem a crônica como “[...] uma cultura das margens que se exprime com a lei dos letrados, contra a lei dos letrados” – relembrando como foi tratado o gênero quando do seu desenvolvimento.

A liberdade de escrita na construção da crônica é tão grande que também a falta de assunto pode levar à transformação do autor em personagem, atitude chamada de *persona* literária (POLETTTO, 2003, acesso em 9 dez. 2005). Fato esse

---

<sup>31</sup> Nota-se aqui a perda de força pela Academia Brasileira de Letras, que se transformou em “[...] uma entidade que congrega intelectuais mas sem a força e sem a repercussão de outras épocas” (CALDAS, 1990, p. 183).

que pode ser revelado pelo próprio autor, como afirmou Cony: “[...] contei uma história que começava numa infância que não era exatamente a minha, mas descrevia um mundo tal como o sentia e ainda sinto” (apud POLETTTO, 2003, acesso em 9 dez. 2005). Claro que a habilidade de escrita do cronista está diretamente ligada ao sucesso desse tipo de texto. Nelson Rodrigues, na falta de assunto, buscava, entre vários outros temas, a mitologia construída em torno de Garrincha e Pelé:

Tenho varado períodos, em que não acontece rigorosamente nada. Não há clássicos, não há peladas. Todas as bolas estão postas em sossego [...]. Todos os cronistas deviam parar. Mas a coluna que cala tem a tristeza das fontes que emudecem [...]. Nessas ocasiões, eu uso um recurso infalível [...] eu escrevo sobre Garrincha e sobre Pelé (RODRIGUES, 1987, p. 151).

As experiências pessoais<sup>32</sup> também são mote para que uma crônica tenha início. E é partindo dessa experiência pessoal,<sup>33</sup> que Tostão, ex-jogador de futebol, médico, cidadão do mundo, se faz cronista. Seu tema preferido é o futebol: as concepções táticas e suas evoluções, os clubes, seleções, jogadores, seus gostos pessoais, suas viagens. Aqui, além da experiência pessoal, percebemos a preocupação do autor em mostrar as imagens do meio esportivo gerando “feedback”: “[...] há a importância dos estereótipos ou esquemas culturais na estruturação e na interpretação do mundo” (BURKE, 2003a, p. 26). Esse pensamento sobre o meio do cronista resulta na relação cotidiano/escritor, tendo as experiências pessoais como filtro para a produção do texto e, exatamente este “filtro” – suas experiências pessoais – direciona a escrita do cronista e o estilo do seu texto.

Seguindo a estrutura da crônica, Tostão usa da ironia e do dialogismo, o que deixa sua crônica leve e permite a impressão de conversa: mas não um simples bate-papo, elevando a um debate suas opiniões sobre tática, técnica, seleção brasileira, a sociedade, o papel dos dirigentes e políticos brasileiros.

Seu espírito de (ex) jogador<sup>34</sup> de futebol – e sua carreira vitoriosa – permite-lhe fazer alguns comentários ácidos relacionados com o futebol e suas mazelas,

<sup>32</sup> “A percepção de eventos que se produzem ‘sucedendo-se no tempo’ pressupõe, com efeito, existirem no mundo seres que sejam capazes, como os homens, de identificar em sua memória acontecimentos passados, e de construir mentalmente uma imagem que os associe a outros acontecimentos mais recentes, ou que estejam em curso” (ELIAS, 1998, p. 33).

<sup>33</sup> “A crônica [...] constitui um repositório considerável para se avaliar e estabelecer historicamente a dimensão das coisas e dos homens” (RAMADAN, 1997, p. 1).

<sup>34</sup> Às vezes seu discurso se mostra romântico e nostálgico: “Eu sinto saudades de muitos amigos, outros velhos craques, e confesso que também sinto saudades de mim” (TOSTÃO, 1997a, p. 59).

sem deixar seu escrito pesado e incoerente, muito menos vulgar, mesmo usando um coloquialismo puro e sincero – é o que Sá (2002) chamou de lirismo reflexivo (emoção aliada à razão). Assim, constrói seus escritos de forma opinativa, buscando a atenção do leitor, entretendo, firmando suas concepções. A representatividade de Tostão no meio futebolístico o credencia a publicar seus escritos. Marques (2001) traz o termo “texto de griffe”, para denominar as publicações de autores que possuem grande apelo midiático, sejam eles cantores, atores, escritores, etc.

Tostão, com sua escrita de “griffe”, conta suas histórias e as de outros; cria diálogos entre personalidades diante de situações polêmicas (chegando finalmente a uma solução<sup>35</sup> que, para ele, talvez seja a ideal); indigna-se como qualquer um de nós – um exemplo marcante é a crônica sobre a eliminação do Brasil, com dois jogadores a mais em campo, nas Olimpíadas de Atenas em 2000, quando perdeu para Camarões; emociona-se com Guga, em Roland Garros; descreve cidades e seus cidadãos; fala sobre sua nova vida perto da natureza, do mato, dos pássaros, do rio, de sua cadelinha Lambreca; e segue, fato após fato, um escândalo após outro, jogo após jogo. Por fim, cita alguns de seus autores preferidos: Clarice Lispector, Charles Chaplin, Drummond, Chico Buarque. Faz uso de citações de personalidades e fatos históricos,<sup>36</sup> inserido em um contexto que possibilita, no uso da ficção, buscar soluções criativas em sua imaginação, sem se comunicar com agressividade.

Dessa forma, consideramos que o jornalismo brasileiro tem seu espaço aberto às crônicas ficcionais, poéticas ou informativas, opinativas. No caso do cronista Tostão, sua escrita direciona-se a tecer suas impressões e opiniões sobre os acontecimentos do esporte, e também sobre a política, a saúde, ou seja, escreve a partir do cotidiano, construído de forma realista, objetiva e, assim, sua crônica não segue a linha de escritos ficcionais. Utiliza uma linguagem equilibrada entre o coloquial, quando estabelece um contato forte com seu leitor, e o literário, ao estabelecer um contato mais forte com sua veia artística e, nesse ponto, extrapola o poético.

---

<sup>35</sup> Chegar a essa solução implica não apenas relatar os fatos, como registrar a coluna, mas também questionar e teorizar sobre os acontecimentos, caracterizando a relação jornalística impressa em seus escritos. Mesmo criando personagens, diálogos, o realismo e a crítica são o centro de suas crônicas, discursando sobre o esporte, fazendo, assim, crônica esportiva.

<sup>36</sup> Algumas dessas crônicas encontram-se em anexo, bem como outras que Tostão teve publicadas no jornal espanhol *El País* (ANEXOS A,B,C,D,E,F,G,H).

## 2 TOSTÃO BIOGRAFADO

Este capítulo se configura na exposição de alguns elementos biográficos essenciais à pesquisa para conhecimento do jogador Tostão, construídos a partir da opinião de outros cronistas e treinadores de futebol, além de seus próprios escritos como fonte de memória, revelando sua autocrítica como jogador. Algumas passagens que, no entendimento<sup>37</sup> deste trabalho, transformaram e construíram o homem Eduardo e o jogador Tostão e que são de suma importância para o entendimento de seus escritos também serão utilizadas, principalmente uma biografia sobre o jogador intitulada *O livro de Tostão*, lançada em 1970.

Assim, partindo do entendimento de Elias (1994a) de que “[...] não é possível tomar indivíduos isolados como ponto de partida para entender a estrutura de seus relacionamentos mútuos, deve-se partir da estrutura das relações *entre* os indivíduos para compreender a ‘psique’ da pessoa singular”, tentamos compreender a formação de Tostão. A tentativa de entender a sociedade em termos de função psicológica é debatida por Elias (1994a, p. 67), acreditando que, “[...] na ciência que se interessa por esse tipo de fatos, encontramos, de um lado, uma tendência que trata o indivíduo singular como algo completamente isolável”. Para Elias (1994a), duas correntes buscam elucidar as funções psíquicas do indivíduo: a primeira procura esse entendimento com base no indivíduo, independentemente de suas relações com as pessoas; a segunda, chamada de abordagem sociopsicológica, propõe que o indivíduo não seja entendido como um ser isolado.

Para o capítulo que segue, buscamos apresentar o cronista não como indivíduo isolado e, sim, como um ser que interage socialmente e que toma por base essa sua sociedade como uma das temáticas de suas crônicas, além de relacioná-lo com seu ambiente, sua inserção social e de suas passagens profissionais, com base em seus próprios escritos sobre sua vida.

---

<sup>37</sup> O entendimento que vislumbra o distanciamento entre a pessoa e o jogador, a partir da sua construção pessoal em relação ao meio ao qual se insere. Distanciamento muito comum no meio esportivo, em especial, no futebol, a distinção entre a pessoa e o mito.

## 2.1 TOSTÃO

A origem deste apelido, "Tostão", ocorreu devido ao fato de ele jogar futebol com meninos maiores, em uma analogia ao tostão, a menor moeda circulante no País, na época.

A criação de um time em seu bairro, o Industriários F.C., passou a atrair uma multidão aos seus jogos pela qualidade apresentada. Jogando no campo do América, as crianças vestiram a camisa do clube e constituíram uma equipe de futebol infantil. Entre eles, encontrava-se Tostão.

Pela seleção mineira juvenil, durante um campeonato brasileiro de seleções, Tostão perdeu um pênalti e "decidiu" não mais jogar futebol. "Foi a primeira de uma série de decepções [...]" (TOSTÃO, 1997a, p. 21). Continuou estudando, mas optou pelo futebol para só depois fazer faculdade, "[...] pois percebia que valia a pena, já que poderia ser um jogador diferenciado. Suspendi temporariamente o sonho juvenil de ter uma profissão liberal, adquirir cultura e salvar o mundo" (TOSTÃO, 1997a, p. 22).

Em seu discurso, Tostão apresenta uma compreensão própria de que realmente seria um grande jogador. Acredita que essa constatação teria sido construída antes de se tornar adulto, talvez influenciado pelos pais e, como ele mesmo já demonstrou, pelo ambiente físico e ainda pelo sonho de ser jogador de futebol, inerente à maioria dos jovens. Isso fica exposto quando opta por interromper os estudos e seguir a carreira futebolística acreditando ser um jogador diferenciado. Condição que já havia sido declarada por ele:

Dos dois aos sete anos não estudava e vivia correndo atrás da bola e da vida. A genética e o ambiente físico e psicológico nos primeiros anos de vida influenciaram e quase determinaram o nosso destino [...]. Lembro-me do meu pai jogando futebol no bairro com meus irmãos maiores, e eu pequeno, tímido, **observando tudo e ensaiando os passos da minha futura carreira**<sup>38</sup> (TOSTÃO, 1997a, p. 13, grifo meu).

---

<sup>38</sup> Esse tipo de discurso é muito frequente no meio esportivo, sobretudo no futebol, apresentando o jogador de alto nível como um ser predestinado. Pelé, em determinado momento, apresenta um discurso destoante, afirmando não ser "[...] muito adepto da teoria de que um jogador já nasce feito. Você pode nascer com certas aptidões, dons ou talentos. Mas que você, ao nascer, já está destinado a ser um craque de bola, sinceramente, não acredito e não concordo. Sucesso não é acidente. É trabalho, perseverança, aprendizado, estudo, renúncia e, acima de tudo, muito amor àquilo que se está fazendo, ou preparando-se para fazer" (NASCIMENTO, 1974, p. 8-9).

O pensamento de Tostão vai de encontro a sua crítica à imprensa que, de forma precipitada, nomeia jovens habilidosos de grandes craques do futebol brasileiro. Lembramos que Tostão afirma já saber que seria um grande jogador ainda nas categorias juvenis, pensamento contraditório quando aponta alguns reveses a que todos estão sujeitos na carreira futebolística que está por vir: "[...] a maioria dos garotos que entra nas categorias de base dos clubes não se torna bom jogador nem profissional. Fica no meio do caminho por falta de oportunidade, de talento ou porque são mal orientados" (TOSTÃO, 2000, p. D11). Isso além da rotina estabelecida na vida do atleta que, na visão de Damo (2005, p. 14), exige "[...] aproximadamente 5.000 horas de investimentos, distribuídos ao longo de aproximadamente 10 anos, realizados diretamente no corpo, em rotinas altamente disciplinadas, extenuantes e seguidamente monótonas [...]", ou seja: não se pode afirmar que um jogador nasce pronto, que não precisa de treinamento ou de uma formação específica.

Com as vitórias e as excelentes apresentações no Cruzeiro,<sup>39</sup> foi chamado à Seleção Brasileira. Tostão narra suas próprias qualidades ao dizer que se destacava "[...] pelo passe, pelo drible curto, pela chegada na área para fazer gol e principalmente pela capacidade de antever a jogada" (TOSTÃO, 1997a, p. 26).

Na Seleção Brasileira, viveu o drama da convocação em 1970 devido ao descolamento de retina e a troca de Comissão Técnica – Zagalo substituiu João Saldanha. Como sabemos, o Brasil foi tricampeão e a medalha de Tostão foi dedicada ao médico que, meses antes, realizou a operação do seu olho esquerdo, doutor Roberto Abdala. Após a conquista do título, confessa: "Dormi feliz, abraçado ao meu travesseiro, chorando, como fiz quando tinha sete anos, naquela partida contra o infantil do Atlético."<sup>40</sup> Tive, naquele momento, a sensação de que, naquela época, todo meu futuro já estava escrito e decidido" (TOSTÃO, 1997a, p. 72). Sobre

---

<sup>39</sup> Tostão inicia sua carreira no América, porém seu primeiro contrato profissional foi assinado com o Cruzeiro – mesmo avisado, o América não acreditou, quando noticiado da possível transferência, imaginando que fosse uma manobra para o jogador ganhar dinheiro (TOSTÃO, 1997a).

<sup>40</sup> "O time de meninos do bairro foi jogar contra o Atlético, campeão mineiro infantil, no seu campo. Era a glória jogar contra o Atlético. Fui para assistir, com as minhas chuteiras debaixo do braço, na esperança de faltar um jogador. Isso aconteceu, e eu entrei com a faixa central horizontal da camisa dentro do calção, e todos riram. Fui para a ponta esquerda para não me machucar, e o riso despertou em mim a coragem, a determinação, a vontade de superar obstáculos – características futuras. Ganhamos de 2 x 1, fiz o gol da vitória jogando a bola por cima do goleiro [...]. Depois fui carregado em triunfo até o nosso bairro, duas horas de caminhada, saudado por todos com foguetes e me tornei herói. À noite, cansado, chorei de alegria, emocionado, agarrado ao meu travesseiro, cena que repeti no meu quarto após a vitória da Copa de 1970" (TOSTÃO, 1997a, p. 14).

esse problema no olho esquerdo, consideramos importante esclarecer um ponto: antes do episódio das boladas, Tostão havia recebido uma joelhada, em um jogo válido pelas eliminatórias, contra a Colômbia. Sobre essa questão assim ele se posiciona, conforme Simões Coelho e Zamora (1970, p. 96):

Em Bogotá, fui examinado, medicado e me senti recuperado. Via muito bem e nada me incomodava em qualquer das duas vistas. Quando cheguei a Houston, o médico me examinou e falou: 'Bendita bolada'. E explicou que o descolamento não fôra provocado pelo chute de Ditão. Que tinha sido determinado por algum choque anterior. Adiantou que, se continuei a ver bem depois da joelhada que recebi na Colômbia, foi porque o descolamento então devia ter sido muito insignificante, quase imperceptível [...]. A bolada fez com que descobrisse a lesão, que na ocasião em que operei já era da ordem de 20%.

João Saldanha, treinador que preparou o selecionado de 1970 antes da chegada de Zagalo, traça algumas considerações sobre Tostão. Cobrindo o Mundial de 1966, caracteriza o cronista como um jogador lento:<sup>41</sup> "[...] para agravar ainda mais a situação, para desfigurar o escrete de ouro, a Comissão Técnica escalou no miolo de ataque um jogador lento como Tostão [...]" (SALDANHA, 1969, apud MILLIET, 2006, p. 46).

O próximo comentário desse período é a descoberta de Tostão como o companheiro ideal de Pelé. Descoberta tardia, devido, segundo Saldanha (1970, apud MILLIET, 2006, p. 77), à desorganização da Comissão Técnica: "Pelé e Tostão demonstraram amplamente ser a dupla certa. Jogando bola no chão. Desde as eliminatórias até as finais, fizemos cerca de 50 *goals*, e só um de cabeça. Tudo por baixo, como sabe jogar o futebol brasileiro".

Ao final daquele ano, com o deslocamento de retina, Tostão recebe, talvez, a maior prova de confiança por parte do treinador, quando Saldanha garante que espera seu retorno até o momento de escalar a seleção para a primeira partida, por ser um jogador capaz de desequilibrar (MILLIET, 2006).

Após a Copa, teve problemas no Cruzeiro, pois o time não jogava bem e os jogadores eram acusados de mercenários:

---

<sup>41</sup> Zagalo, treinador que assume a Seleção Brasileira para a disputa da Copa do Mundo tem a mesma opinião: "A princípio, meu desejo foi colocar na ponta de lança Dario ou Roberto. Tostão seria suplente de Pelé, não porque suspeitasse de sua falta de entendimento com este último. Os fatos demonstraram que não poderia haver a suspeita. Todo mundo os viu jogando juntos durante as Eliminatórias, período em que o jogador montanhês foi o artilheiro. Minha dúvida m colocá-lo na Seleção resultou de reparo distinto: sentia, nos treinos, que Tostão não tinha maior velocidade. Eu precisaria de um jogador com pique forte, para atuar na frente" (ZAGALO, 1971, p. 33).



O Cruzeiro, depois de ser pentacampeão mineiro, campeão da Taça Brasil e fazer sucesso em todo o mundo, caiu de produção, perdendo o título de campeão mineiro em 1971 [...]. Em 1972, o Cruzeiro não estava bem, e alguns jornalistas, amigos da diretoria, diziam que os jogadores estavam ricos, não queriam mais nada com o futebol, eram mercenários etc. Eu era o mais atingido por ser o mais famoso (TOSTÃO, 1997a, p. 77-78).

Tostão foi para o Vasco da Gama sem receber os 15% a que tinha direito do Cruzeiro. Depois de um ano, o problema no olho esquerdo voltou. Nova cirurgia e o diagnóstico: "[...] sem condições de jogar futebol devido a condições não ideais para a profissão e risco de perder totalmente a visão do olho esquerdo" (TOSTÃO, 1997a, p. 79).

Agora o Vasco alegava má intenção na venda do jogador, apesar de ter passado por três avaliações médicas com especialistas escolhidos pelo próprio Vasco.

Assim, frustrado, triste com o fim da carreira, decepcionado mais uma vez com os dirigentes do futebol, vendi com prejuízo o apartamento que acabara de comprar no Rio para viver por muito tempo e voltei para Belo Horizonte. Amargurado, não queria mais falar de futebol, e comecei a fazer planos para iniciar uma nova vida (TOSTÃO, 1997a, p. 80).

Com 26 anos, buscou uma nova profissão, ficando com "[...] a sensação de que o futebol tinha sido uma passagem, um lazer remunerado, gostoso e de muitas glórias" (TOSTÃO, 1997a, p. 97). Foi estudar Medicina e sua formatura foi alvo de destaque pelos jornalistas. Já imaginando que isso aconteceria, evitou a imprensa, eventos esportivos, principalmente relacionados com o futebol. "O tiro saiu pela culatra, pois inventaram que eu não gostava de futebol, joguei meus troféus fora, não admitia que me chamassem de Tostão" (TOSTÃO, 1997a, p. 97-98). Seu afastamento também está associado à dedicação à sua nova vida, sua carreira de médico.

Depois de formado, trabalhou em um grupo de consultórios particulares, mas decidiu seguir a carreira, agora, de professor na Faculdade de Ciências Médicas. Tornou-se professor dos residentes em clínica médica.

Com a crise no sistema de saúde brasileiro, pensou em largar a Medicina e se dedicar "[...] à terapia psicanalítica, pois tinha acabado de terminar o curso teórico e estava entusiasmado com a obra de Freud" (TOSTÃO, 1997a, p. 103).

Assim, em 1990, resolve acompanhar a Copa do Mundo, sem compromisso, o que teria resultado no despertar do interesse pelo futebol novamente. Em 1994,

recebeu convites para ir aos Estados Unidos para, inicialmente, "[...] escrever colunas sobre a Copa para vários jornais, e em cima da hora [foi] convidado pela TV Bandeirantes" (TOSTÃO, 1997a, p. 104).

Esse primeiro ano, tido para ele como experimental, não o fez abandonar a Medicina. Em 1998,<sup>42</sup> assumiu o futebol, passou a estudar sobre o assunto e o esporte nacional teria ganhado mais um cronista.

A passagem de ex-jogador de futebol para o mundo jornalístico demanda uma contextualização: como se dá a transição ex-jogador de futebol para cronista esportivo.

Essa transição nos remete à década de 1980, quando os principais jornais do País destacavam um ou dois jornalistas para cobrir a Copa do Mundo. A partir da década de 1990, os jornais paulistas e cariocas enviam uma equipe de cronistas maior para a cobertura da Copa de 1994. Sobre isso, Marques (2001) afirma que o jornal *O Estado de São Paulo*

[...] deslocou um verdadeiro exército de colunistas e cronistas para cobrir a Copa do Mundo de Futebol nos EUA. Faziam parte do time do diário paulistano os jornalistas esportivos Armando Nogueira e Roberto Benevides; o brasilianista Matthew Shirts; o cronista Nelson Motta; os escritores João Ubaldo Ribeiro, Luis Fernando Verissimo e Mario Prata; os ex-jogadores Mário Sérgio e Pelé; o compositor Paulinho da Viola; e o estadista americano Henry Kissinger. Dentre esses, Armando Nogueira, Nelson Motta, João Ubaldo Ribeiro e Luis Fernando Verissimo também tinham seus textos publicados em outros veículos no Brasil.

Já o jornal *Folha de São Paulo*, no ano de 1990, criou um caderno para informar seus leitores sobre a Copa do Mundo, mas não manteve cronistas ou colunistas para escrever sobre o evento (MARQUES, 2001). Na Copa do Mundo seguinte, em 1994, a exemplo do *Estado de São Paulo*, enviou seu contingente de cronistas (MARQUES, 2001).<sup>43</sup> Porém, na Copa do Mundo de 1998, o jornal *Folha de São Paulo* "[...] quis superar todos os seus concorrentes e convocou nada menos

<sup>42</sup> "Parei com meu trabalho (não sei se é definitivo) por causa da tensão da profissão, da falência do serviço público de saúde e da faculdade, do baixíssimo salário que ganhava trabalhando como professor com dedicação exclusiva e pela saudade do futebol. Poderia conciliar as duas profissões, mas a auto-censura não me permitiu. Optando pelo futebol, ganhei e perdi. Permaneceu as saudades de meus alunos" (TOSTÃO, 1998g, [s.p.]).

<sup>43</sup> "Faziam parte dessa 'seleção' os jornalistas Alberto Helena Jr. e Matinas Suzuki Jr.; os técnicos de futebol Telê Santana e Johan Cruyff; a colunista social Joyce Pascovitch; o fotógrafo David Drew Zingg; o colunista José Simão; e os músicos Nando Reis e Marcelo Frommer. Todos eles escreviam seus textos exclusivamente na Folha, exceto Johan Cruiff, que também publicou suas colunas em outros jornais, mas todos estrangeiros" (MARQUES, 2001).

do que 18 personalidades (entre jornalistas, escritores e profissionais do futebol) para cobrir a Copa do Mundo da França, a maioria deles exclusivos do jornal, escrevendo colunas e crônicas” (MARQUES, 2001).

Para os jornais do Rio de Janeiro a situação não foi diferente. O *Globo*, na Copa de 1990, não apresentou uma cobertura marcante, mantendo apenas dois colunistas exclusivos – Fernando Calazans e Zózimo (MARQUES, 2001).

Em 1998, O *Globo* reforçou consideravelmente seu “elenco” para o Mundial da França. O Caderno “Copa 98” começou a circular em 31/05/98, com a matéria “Um time de talentos distintos entrosado para a Copa” (sobre os colunistas do jornal para o evento), e foi veiculado até 13/07/98 (um dia após o encerramento do campeonato). O jornal manteve os seguintes colunistas – todos eles exclusivos: os colunistas sociais Ricardo Boechat e Hildegard Angel; a cantora Paula Toller; o técnico de futebol Paulo Autuori; os jornalistas Renato Mauricio Prado, Marcio Moreira Alves e Fernando Calazans; o ex-jogador Pelé (com algumas colaborações esporádicas); e novamente o personagem Agamenon. A eles se somou o compositor Chico Buarque, também contratado pelo *Estado de S. Paulo* (MARQUES, 2001).

Outro carioca o *Jornal do Brasil* apresentava em suas páginas um grande número de cronistas que cobririam a Copa do Mundo de 1994 e, posteriormente, o evento em 1998 (MARQUES, 2001).

A chegada de Tostão ao meio jornalístico se dá por convite da TV Bandeirantes para comentar a Copa do Mundo de 1994, dos Estados Unidos. Ao se desentender com os responsáveis pelo esporte na emissora, seguiu para a ESPN Brasil. Em 1997, começa a escrever para o *Jornal do Brasil* e, em 1999, também para a *Folha de São Paulo*. O que Marques (2001) nos mostra é a tendência das editorias de esporte dos jornais em investir em nomes consagrados e conhecidos do grande público.

A presença desse contingente de autores, na maior parte das vezes renomados e familiares ao público médio, representa um esforço no sentido de oferecer um texto de “griffe” aos leitores dos jornais, acirrando a concorrência e intensificando os investimentos que as grandes corporações midiáticas passaram a promover na década de 1990 para acompanhar os principais eventos futebolísticos (MARQUES, 2001).

Logo, a entrada de Tostão e de muitos outros no meio jornalístico como cronistas da imprensa escrita, ou no jornalismo televisivo se dá pelo capital social que possuíam, seja como ex-jogador, seja como alguém de prestígio na sociedade brasileira. A contratação de Tostão ocorre nessa onda de mercado.

## 2.2 DE OBSERVADO A OBSERVADOR: MARCAS DO PASSADO, LEMBRANÇAS DO PRESENTE

De uma leitura de crônicas sobre a Copa do Mundo do México, podemos perceber como Tostão era visto pelos jornalistas da época. Confiante, embarca com a Seleção Brasileira à Copa do Mundo de 1970 que sedimentaria a imagem do futebol-arte do brasileiro. Um jogador participante dessa campanha é lembrado por todos como peça fundamental por saber se posicionar em campo. Tostão se apresenta como um jogador de atributos que lhe permitiria ser lembrado como jogador criativo, técnico, habilidoso.

Na estréia da Copa do Mundo, contra a Tchecoslováquia, com vitória brasileira por 4 a 1, João Saldanha resume a atuação de Tostão: "[...] ainda está faltando algo, mas sempre bem colocado" (1970, apud MILLIET, 2006, p. 198). No segundo jogo, contra a Inglaterra, Tostão preparou a jogada do gol: "Foi uma jogada de gênio de Tostão, pela esquerda, a Pelé, que entregou de bandeja a Jair" (SALDANHA, 1970, apud MILLIET, 2006, p. 202). Essa jogada talvez tenha influenciado a ideia de jogador que joga sem a bola, pois o seu lançamento para Pelé refletiu a sua compreensão de posicionamento em campo: percebendo o número de marcadores em si, pensou que no outro lado do campo estaria um jogador livre.

Contra o Peru, já pelas quartas de final, o Brasil venceu por 4 a 2, com dois gols de Tostão. Os comentários são breves, mas importantes, tratando da posição defensiva de Tostão e de sua recuperação física:

Além do recuo defensivo de Jair e Paulo César (ou Rivelino), Pelé volta bastante e quando isso é impossível Tostão aparece defendendo [...]. Tostão demonstrou que suas pernas já estão bem outra vez e isto nos permite uma grande dose de otimismo contra o Uruguai (SALDANHA, 1970, apud MILLIET, 2006, p. 215-216).

Sobre a final contra Itália, vencida pelo escrete brasileiro por 4 a 1, a marcação exercida pela dupla Pelé e Tostão foi evidenciada pelo cronista: "Houve ocasiões que Pelé e Tostão estavam perto de Brito e até na cobertura. Mesmo que o esquema geral de jogo previsse que quem deveria ajudar a defesa eram Jair e Rivelino, Pelé e Tostão retornavam porque o perigo estava mais próximo deles" (SALDANHA, 1970, apud MILLIET, 2006, p. 227-228).

Essa caracterização de jogador solidário, cumpridor do planejamento tático, não é muito bem recebida por Tostão, que revela: "Orgulho-me por ter sido considerado um dos jogadores mais solidários em campo, mas queria também ser a estrela. Gosto de ser reconhecido pelos decisivos passes que dei na Copa de 70, e não por ter jogado sem a bola" (TOSTÃO, 1999b, p. 4-3).

Em outro momento, quando Pelé, em 2004, estabelece sua lista<sup>44</sup> dos 15 maiores jogadores brasileiros vivos, Tostão tece o seguinte comentário:

Quem escreve neste momento não é o ex-jogador Tostão, e sim o comentarista Tostão. Este analista, que sempre admirou o ex-atleta Tostão, não o incluiria entre os 15 maiores jogadores brasileiros vivos de todos os tempos. Mas, com certeza, o colocaria ao lado de outros atletas brasileiros, não relacionados pelo Pelé, nos lugares de alguns estrangeiros que estão na lista (TOSTÃO, 2004b, p. D7).

Temos aqui um desabafo e podemos constatar que o ex-jogador se apresenta, em seus escritos, precisando anunciar que haverá um distanciamento, ou seja, o comentarista se posiciona como um "de fora". Tenta se igualar à voz do leitor para diminuir o tom de que estaria escrevendo em causa própria. O tom de desabafo ganha ares de acusação à medida que avança em sua crônica e, ao final, estabelece:

Além de informar e analisar, o colunista tem o direito também de imaginar e deduzir. Por isso, acho que o Pelé, ao ignorar alguns jogadores das Copas de 58, 62 e 70 e os seus companheiros do Santos (talvez o melhor time de clube de todos os tempos), quis dizer que esses times só foram excepcionais porque tinham o Pelé. Coutinho foi muito mais do que um bom companheiro do Pelé. Foi um cracaço, inesquecível (TOSTÃO, 2004b, p. D7).

Traçando rapidamente um comparativo entre Tostão e Pelé, com relação a número de jogos pela Seleção Brasileira e gols marcados, os dados não são muito diferentes: Tostão se apresentou 65 vezes, marcando 35 gols, o que significa média de 0,53 gols, enquanto Pelé tem 114 jogos e 95 gols, significando média de 0,83 gols. É importante contextualizar os dois em suas funções na Seleção Brasileira.

---

<sup>44</sup> A constituição de listas com os grandes jogadores não é novidade. Em 1970, a revista Realidade divulgou o que seria "A seleção brasileira de todos os tempos". A lista não incluía Tostão, porém, incluía Pelé. Armando Nogueira (1974), em seu livro "Bola na rede", quando escreve sobre um elenco de craques, inclui Tostão. Entre outras palavras, pergunta: "Pode haver alguém com maior naturalidade no trato de uma bola que Tostão?" (NOGUEIRA, 1974, p. 14).

De fato, o que nos importa é o exemplo de como a memória se transforma em espaço contestado. Tostão, com direito à voz na imprensa, tenta reafirmar seu papel e o de outros na memória e acusa Pelé de tentar, com sua lista, esquecer outros memoráveis jogadores para reforçar sua presença.

Outro momento relacionado com Pelé e que muito simboliza o processo de memória/esquecimento que se desenvolve neste estudo se caracterizou quando da primeira convocação de Tostão em 1966.

Quando fui convocado pela primeira vez para a seleção brasileira, antes da Copa de 66, muitos disseram que eu era baixinho para jogar de centroavante ao lado do Pelé. Era meia no Cruzeiro. Por causa do apelido e de minhas pernas grossas, parecia no campo menor do que era. Antes do primeiro treino da seleção, foi medida a altura de todos os jogadores. De propósito, fiquei logo atrás do Pelé. O Rei mediu 1,72 m, e eu, 1,71 m. Sorri e chamei a atenção dos repórteres. No outro dia, publicaram as medidas no jornal. Nunca mais me chamaram de baixinho (TOSTÃO, 2004a, p. D3).

Percebemos duas construções diferentes dentro de um mesmo grupo. Tostão e Pelé participaram da Copa de 1970, em um mesmo ambiente, com funções distintas. Para Elias (1994a, p. 27), as relações estabelecidas para duas pessoas dentro de um mesmo grupo nunca serão iguais.

Cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar à morte. Mas as diferenças entre os rumos seguidos por diferentes indivíduos, entre as situações e funções por eles passam no curso de sua vida, são menos numerosas nas sociedades mais simples que nas complexas. E o grau de individualização dos adultos nestas últimas sociedades é constantemente maior.

Suas marcas de cronista passam por esses momentos citados. Nesse caso acima, o esquecimento da crítica em relação à sua altura se fez necessário para que o sentimento de identidade fosse mantido – Pelé e Tostão com a mesma altura – a crítica não poderia pedir a saída daquele que representava o futebol-arte brasileiro.

Suas memórias, esquecimentos e silêncios permitirão trabalhar a Seleção Brasileira de futebol considerando o discurso de um ex-jogador participante de uma época considerada de ouro do futebol nacional, da qual a crônica esportiva se serve para comparar o rendimento das seleções constituídas no presente.

Além disso, consideramos seu discurso como uma reivindicação de um lugar perdido no tempo.

### 3 O USO DA MEMÓRIA E A MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE: DISCURSOS ACERCA DO FUTEBOL-ARTE BRASILEIRO

O entendimento de memória proposto para o trabalho nos remete a uma construção de funções psíquicas nas quais o homem atualiza suas impressões passadas. As teorias que conduzem a uma atualização mecânica dos processos de atualização dos vestígios mnemônicos, para Le Goff (2003, p. 420), foram abandonadas em favor de concepções “[...] mais complexas da atividade mnemônica do cérebro e do sistema nervoso” (LE GOFF, 2003, p. 420). Para Changeux (apud LE GOFF, 2003, p. 420), “[...] o processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios”.

A releitura do discurso de Tostão e seus vestígios mnemônicos reorganizados e atualizados relacionam-se intimamente com as experiências de quem participou de um momento decisivo na construção do imaginário do futebol nacional, percebido ao tratar de estilos de futebol e da própria Seleção Brasileira. A conquista da Copa de 1970 no México se configura como um marco do futebol nacional, principalmente pela forma como os atletas desenvolveram tecnicamente o jogo.

Ao falarmos de futebol-arte, devemos lembrar-nos de outras escolas<sup>45</sup> que possuem uma identidade própria que as diferencia do futebol praticado no Brasil e permite discutir suas características. Sobretudo durante a disputa dos Mundiais da modalidade, Tostão reserva uma grande atenção a esse tema.

A primeira crônica que aparece sobre a temática identidade é do ano de 1997, quando a Espanha se classifica para o Mundial do ano seguinte. Com uma equipe de bons jogadores, o alvo foi o treinador, mas a informação que nos interessa está relacionada com uma suposta característica do futebol europeu: “O problema é que seu técnico, Javier Clemente, como é comum na Europa, gosta de deixar os craques de fora e colocar aqueles jogadores esforçados, altos, fortes, bem adaptados ao esquema tático” (TOSTÃO, 1997b, p. 64). E sobre os “comandantes” do velho

---

<sup>45</sup> Estilo de futebol remete a diferentes maneiras de treinamento técnico e tático, sua evolução, nos diferentes países e continentes. Para uma leitura mais específica, consultar: The Football Association (1939), “Coaching Manual”; Valentim (1941), “O futebol e sua técnica”; Rosa (1946); Fabian e Whittaker (1950), “Constructive football”; “Curso de técnica de futebol”; Vigil e Sanchez (1954), “Técnica del Fútbol”; Alves (1959), “Fútbol – técnica moderna; Busch, (1963). “Fussbal in der Schule”; Zubelda e Geronazzo (1965), “Táctica y estrategia del fútbol”; Zorzenon (1968), “El fútbol en la escuela”; Pálfai (1982), “Métodos e sessões de treino no futebol”; Queiroz (1986), “Estrutura e organização dos exercícios de treino em futebol”.

continente sentenciam: “Aliás, sempre achei os treinadores europeus sem criatividade, submetendo excessivamente os jogadores aos seus planos táticos, sem valorizar as qualidades individuais dos craques” (TOSTÃO, 1997d, p. 64).

O debate aqui não será identificar se existe ou não um modelo de futebol diferente para cada continente ou cada País, e, sim, trabalhar um conceito importante para a compreensão do processo identitário do futebol e analisar como Tostão o constrói levando em consideração suas memórias. Salvador (2005), ao estudar discursos relacionados com a Copa do Mundo de 1970, aponta que a identidade do futebol brasileiro é protegida por aqueles que fizeram parte de sua construção. Partimos dessa hipótese ao analisar os escritos de Tostão, com base em suas crônicas sobre a Seleção Brasileira de Futebol, passando antes pelo processo identitário de estilos de jogo.

Assim, em novembro de 1997, a Coreia do Sul se classifica para a fase final do torneio na França e ganha destaque: “[...] pela quarta vez, participa de uma Copa do Mundo com a sua velocidade, ingenuidade, vontade de aprender para dar sustos nos adversários” (TOSTÃO, 1997c, p. 64).

O que se percebe é um discurso que aponta o futebol europeu consolidado, tradicional, capaz de influenciar outras escolas com menos tradição, e um discurso de um futebol asiático novo, de aprendizagem, mesmo sendo sua quarta participação em Mundiais.

No ano de 1998, escreve uma crônica que demonstra claramente a existência de estilos de jogo diferentes. Aponta, ainda, que, dentro do Continente Europeu, existem outros estilos próprios de cada país.

A Alemanha joga normalmente no estilo clássico europeu, com três zagueiros, dois alas, três armadores – sem cabeça de área fixo – e dois atacantes. O que diferencia das outras seleções é jogar quase todo o tempo pressionando o adversário (TOSTÃO, 1998b, p. 65).

González (2007, p. 150), jornalista espanhol, correspondente do jornal *El País*, na Itália, acredita que o futebol italiano se diferencia do futebol dos outros países, sobretudo por esta razão:

El *calcio* se paladea de forma distinta al fútbol de otros lugares: la tensión y el esfuerzo son más apreciados que la filigrana y la idea central, por encima del gol, es mantener la propia puerta a cero. Hagan la prueba y miren un partido italiano y luego uno inglés o español: en el segundo encuentro se



tiene la impresión de que faltan jugadores, porque hay un montón de espacios libres por ahí: el centro del campo está lleno de aire y de tiempo para pensar. En Itália, el agobio invade hasta el último palmo de hierba.

Ao passo que o treinador da seleção italiana campeã em 2006, Marcello Lippi, afirma a Jordi Quixano, do jornal espanhol *El País*, que o *catenaccio*, o estilo italiano de jogo, não passa de fantasia. O comentário de Marcello Lippi sobre a equipe campeã de 2006 é esclarecedor:

Y ese equipo me ha dado la mayor satisfacción de mi vida; se ganó haciendo un juego contrario al que se le suponía. Se desmintió que en Italia se juega al *catenaccio*. Nadie juega así; es una fantasía colectiva que no existe. Lo que hay es una organización del juego estudiado, casi perfecta. No sé si fuimos los mejores, porque el fútbol de Argentina me pareció estupendo, pero ganamos. Creo que fue por la organización, por el gen innato de campeones de los italianos y por la calidad humana del vestuario (LIPPI, 2008, p.56).

Vemos na declaração acima a tentativa de negação de um estilo consagrado, o estilo italiano com ênfase no sistema defensivo, procurando manter seu gol inatingível. No mesmo caminho, aponta outro debate que encontraremos nas crônicas de Tostão: a necessidade de resultado em detrimento do espetáculo. E isso se confirma na mesma entrevista, quando perguntado sobre os grandes jogadores.

Esa es la diferencia entre un gran jugador y otro que es un fuera de serie. El grande lo hará bien y será reconocido por todos. El fuera de serie, como Maradona hizo con el Nápoles, será determinante y firmará éxitos para el equipo. Pero cada puesto requiere sus características (LIPPI, 2008, p. 56).

A crônica esportiva espanhola também nos apresenta seu ponto de vista sobre a mescla de culturas em uma mesma equipe, fato comum na Europa. Santiago Solari escreveu em sua crônica no jornal *El País* sobre a fase oitavas de final da Liga dos Campeões, as equipes participantes e seus plantéis. Solari (2008, p. 68) nos mostra como a importação de jogadores de diferentes culturas se relaciona ao modo da prática do jogo:

La fecha no defraudó y nos dejó saborear esos ingredientes importados que solo permiten las competiciones internacionales, como la confrontación de estilos del Celtic y el Barcelona o el choque de culturas futbolísticas que presupone un enfrentamiento de un equipo italiano contra uno español. La eliminatoria no estuvo desprovista de las paradojas de la diversidad.

O cronista segue em seu espaço caracterizando as equipes participantes dos confrontos. A Inter de Milão seria uma equipe italiana que não joga à moda italiana, pois conta com muitos sul-americanos em seu elenco, que enfrentaria o Liverpool, uma equipe inglesa, com um hábil treinador espanhol que joga com a organização tática italiana, porém, com a objetividade inglesa. Um outro exemplo interessantíssimo que Solari (2008, p. 68) nos traz é do jogo entre Fenerbahçe e Sevilha que “[...] conjugan una elaboración del juego de espíritu brasileño con una dinámica propia del fútbol europeo, aire fresco para la competición [...]”. O cronista volta ao jogo entre Barcelona e Celtic para concluir sua crônica e nos mostra definitivamente que os estilos, as culturas de futebol se difundem pelo mundo:

El Barcelona se reencontró en Escocia consigo mismo y con sus raíces holandesas y fue el único equipo que logró ganar a domicilio contra la rocosa verticalidad del Celtic.

Esta diversidad cultural, estos choques entre diferentes formas de pensar y vivir el fútbol es lo que hace que ésta sea una competición fascinante. Lo vertiginoso de la eliminatoria a doble partido, la atmósfera festiva que rodea a un evento que no se repite todos los domingos, la posibilidad de observar distintas interpretaciones de un mismo juego, más allá de la monotonía de la Liga.

Assim, a crença de jogar futebol de maneiras diferentes pelo mundo não deve ser descartada. As culturas se apresentam diferenciadas e, logo, sendo o futebol um produto cultural, caracteriza-se de acordo com o meio no qual se desenvolve. O que vemos nos comentários do treinador e do cronista é a existência de um modo europeu de jogar, e dentro do continente, cada País, com seu estilo de jogo.

A globalização do esporte se apresenta de forma contundente. O futebol africano, livre do pragmatismo tão relacionado com o futebol europeu, tornar-se-ia uma “vítima” da contratação de treinadores da escola europeia. Sobre isso, Tostão usa uma contextualização interessante, pois o pragmatismo pode ser bem empregado. Na mesma crônica, relaciona Brasil e Argentina com esse estilo de jogo:

A Argentina e o Brasil estão incorporando ao seu futebol técnico, habilidoso e criativo a disciplina, a marcação dura e o pragmatismo dos europeus. Estes, especialmente a Inglaterra, estão assimilando a técnica e a criatividade sul-americana, associando essas qualidades com a sua disciplina, repetição e organização tática. É a globalização do futebol (TOSTÃO, 1998d, s/p).

A diferença entre africanos e sul-americanos é que os primeiros teriam substituído sua forma rústica e genuína de jogar futebol pelo pragmático e moderno modelo europeu, enquanto os sul-americanos teriam incluído a disciplina e o rigor tático. A diferença de obtenção de resultado, nesse processo de “aculturação (futebolística) planejada”,<sup>46</sup> foi a tradição das escolas, que impediu, no caso dos sul-americanos, um “etnocídio futebolístico”.

Sobre os africanos, observamos um discurso semelhante ao direcionado aos asiáticos:

A Nigéria, com seu futebol moleque, peladeiro e infantil, foi novamente um sonho impossível. A pureza e a espontaneidade de seu futebol é incompatível com o futebol **moderno**, objetivo e de resultados. Para ser campeão do mundo é preciso, além de técnica e talento, disciplina, malandragem e organização tática. Seus torcedores cantavam e dançavam após a derrota, pois nem eles nem os jogadores têm compromisso com a vitória. A Nigéria só será campeã do mundo quando sair de uma Copa anterior chorando com a vitória perdida [...]. O meu medo é que o futebol nigeriano, como o resto da África, perca o seu caminho natural e se modifique totalmente, influenciado pelos burocratas técnicos europeus. A África do Sul, país mais adiantado do continente, é o exemplo dessa mudança, não jogando nem no estilo africano nem no europeu, perdendo a identidade (TOSTÃO, 1998d, s/p, grifos nossos).

Em outro momento, entende que essa globalização teria “igualado” o futebol. O contexto se prende à Seleção Brasileira de 1970<sup>47</sup> e às consequências daquela conquista, o que lhe permite reafirmar suas posições:

Ao mesmo tempo em que encantou o mundo, a seleção brasileira campeã de 70 representou o início do futebol científico. Houve uma excepcional preparação física e técnica, com união do talento e da disciplina tática e do preparo físico. A partir daí, aconteceu uma supervalorização da disciplina tática, do conjunto, das jogadas ensaiadas, do chuveirinho, em detrimento do talento individual e da beleza do espetáculo. O craque ficou em segundo plano [...].

O futebol sul-americano copiou o pragmatismo e a disciplina tática dos europeus, e esses assimilaram e aprenderam muito da habilidade e da criatividade sul-americana. Ficou tudo igual. É o que se vê nesta Copa. Até nos desenhos táticos. Hoje não se pode mais dizer que o esquema com três zagueiros é europeu e o com quatro é sul-americano. Argentina e Brasil

<sup>46</sup> “A situação da *aculturação planejada*, controlada, que se pretende sistemática e visa o longo prazo. O planejamento se faz a partir do suposto conhecimento dos determinismos sociais e culturais [...]. A aculturação planejada pode resultar de uma demanda de um grupo que deseja evoluir seu modo de vida, por exemplo para favorecer seu desenvolvimento econômico” (CUCHE, 2002, p. 130).

<sup>47</sup> Na década de 1970, talvez tenha surgido a seleção que conseguiu unir características das escolas sul-americana e europeia de futebol. Na Copa do Mundo de 1974, surgia o Carrossel Holandês e, nas palavras de Cruyff (1974,p. 22), principal jogador da equipe: [...] a força de nossa seleção é sua capacidade de mudar de ritmo, variar o jogo, uma síntese dos estilos sul-americanos e britânico”.

jogam com três autênticos defensores. França, Inglaterra, Espanha e Portugal, com dois.

O futebol africano, de habilidade e descontração de décadas atrás, não existe mais. Com a importação dos técnicos europeus, tornou-se idêntico ao da Europa (TOSTÃO, 2002, p. D3).

Assim, nos discursos do cronista, as escolas de futebol existem e, na opinião de Tostão, cada uma cumpre sua força tradicional. Mesmo com a globalização dos estilos, a tradição dos modernos europeus de marcação forte não se desfaz, tampouco a dos sul-americanos.

Uma das formas de se analisar a identidade construída ao longo dos anos e assegurada pelos resultados obtidos pela Seleção Brasileira em Copas do Mundo são os discursos das derrotas do futebol brasileiro partindo da premissa de que são defendidas por um discurso de não assumir a superioridade técnica das equipes adversárias e, sim, pelo discurso de fraqueza psicológica, ou "complexo de vira-latas", do povo/jogador brasileiro, ou pela desorganização extracampo que não permitiram o desempenho ótimo dos jogadores brasileiros.

Uma referência é o artigo *A imprensa e a memória do futebol* que objetivou a investigação da "[...] funcionalidade dos 'esquecimentos' na 'construção' da identidade nacional através do futebol, bem como compreender este universo como um campo de tensões na afirmação das identidades" (SALVADOR *et al.*, 2005). Os autores examinaram narrativas referentes à vitória da Seleção Brasileira na Copa de 1970, que traduzem essa conquista como o maior exemplo do "futebol-arte" brasileiro, e resgataram um fator preponderante que ficou "esquecido" nas narrativas atuais referentes a esse evento: a preparação física realizada com os jogadores da seleção. Assim, este primeiro momento do capítulo tem por objetivo analisar os discursos das derrotas do futebol brasileiro, partindo da Copa de 1950, ano de derrota na Copa do Mundo disputada no Brasil. A Copa do Mundo seguinte, de 1954, se enquadra como um evento pouco coberto e explorado, mas com depoimentos esclarecedores sobre a questão de que o brasileiro seria psicologicamente inferior.

O ano de 1966 também será analisado pela importância histórica vivida pelo futebol brasileiro, detentor de dois mundiais seguidos, 1958 e 1962, que viaja à Inglaterra para defender os títulos conquistados. A Copa do Mundo realizada na Espanha, em 1982, foi considerada pela crítica como a derrota do futebol-arte, devido ao forte selecionado brasileiro, com grandes jogadores, e sofre um revés

contra os italianos, sequer chegando a final do evento – o Brasil sai aclamado, como “campeões morais” da Copa do Mundo de 1982. Essa primeira parte apresenta as opiniões de cronistas como João Saldanha, Armando Nogueira, além do pensamento acadêmico de Paulo Perdigão, também de Tostão, que escreve suas impressões sobre a derrota em 1982.

No segundo momento deste capítulo, debatemos as derrotas em 1998 e 2006, ambas para a equipe francesa. O Brasil se apresentou para essas duas Copas do Mundo com equipes badaladíssimas, que chegavam a essas Copas como os atuais campeões do mundo. Tostão se apresenta com suas crônicas para tratar desses dois acontecimentos.

### 3.1 A DÉCADA DE 1950 PELA ALMA

A Copa de 1950 constitui um evento esportivo de magnitude ímpar para os brasileiros. A construção do Maracanã em tempo recorde para a realização dos jogos e com a dimensão apresentada, o envolvimento político, a disputa entre paulistas e cariocas para a escalação de seus jogadores refletem o que foi o evento para o País. A vitória e a afirmação nacional no futebol eram de fundamental importância social e política para o Brasil e para os brasileiros.

Fora o empate em dois gols contra os suíços (jogo realizado em São Paulo), o Brasil se mostrou superior no restante da competição. No quadrangular final, antes de enfrentar o Uruguai, venceu a Suécia por 7 a 1 e os espanhóis por 6 a 1, enquanto o Uruguai sofreu para vencer a Suécia (3 x 2) e para empatar com os espanhóis (2 x 2).

Esse quadro construiu um período de euforia entre os brasileiros e, pelos resultados obtidos, o Brasil jogaria contra os uruguaios pelo empate,<sup>48</sup> dentro do Maracanã, com 200 mil torcedores apoiando. Além disso,

[...] nas trinta vezes em que jogou contra a Celeste, desde 1916 até então, vencera treze partidas, perdendo onze. No recente Sul-Americano de 1949, disputado no Brasil, goleou os uruguaios por 5 a 1. E tinha acabado de vencer duas vezes a Celeste, dois meses antes do Mundial [...]. Estava esquecida a derrota que [...] o Uruguai infligiu ao Brasil, por 4 a 3 [...] no Pacaembu (PERDIGÃO, 1986, p. 64).

<sup>48</sup> O jogo não se configurou em uma final, pois o torneio foi decidido em um quadrangular.

A derrota citada ocorreu pouco antes do Mundial, com cinco brasileiros e sete uruguaios que participariam da final, meses depois. Mesmo com esse histórico, que indicava uma ligeira superioridade do Brasil, havia uma derrota<sup>49</sup> recente que deveria servir de alerta.

O discurso do treinador Flávio Costa<sup>50</sup> refletia o que seria a partida contra os uruguaios:

O Uruguai é o maior obstáculo à conquista do título. Estou absolutamente convencido de que, para vencermos amanhã, necessário se torna que encaremos os orientais como temos feito até aqui: capazes por todos os títulos de explorar qualquer falha nossa, qualquer descuido, que assim pode se tornar fatal.

Assim, um fato (ou descuido) até os dias de hoje debatido surge: a mudança da concentração da Seleção Brasileira. Para o treinador Flávio Costa, a mudança da concentração seria benéfica, pois a Casa dos Arcos<sup>51</sup> estava se tornando um local incômodo para a delegação, e o campo do Vasco da Gama seria melhor para os treinamentos. São Januário foi colocado à disposição da Seleção Brasileira por Otávio Menezes Pova, "[...] homem muito bem relacionado com os uruguaios [...]" (PERDIGÃO, 1986, p. 72). A noite anterior à decisão teria sido tranquila, porém, segundo Zizinho, integrante do escrete brasileiro, a mudança teria prejudicado o planejamento da equipe:

Perdemos a Copa na mudança para São Januário. Nós estávamos numa casa muito tranqüila e, do dia em que fomos para São Januário em diante, a partida contra o Uruguai passou a não existir mais. São Januário passou a ser a sede da política nacional [...] no dia do jogo, um dia sagrado, chegaram a nos tirar da mesa do almoço e fomos levados à sala de troféus do Vasco para ouvir discursos dos políticos da época [...] (PERDIGÃO, 1986, p.72).

<sup>49</sup> "O goleiro Máspoli recorda: 'Pouco antes da Copa jogamos com o Brasil. Recém começávamos a preparação para o Mundial. O Brasil começara há meses [...]. Embora eles vencessem o torneio, nós tiramos experiência daquelas partidas. Quer dizer que nós sabíamos intimamente que os brasileiros não iam nos arrasar no Maracanã. Teriam de lutar muito para nos ganhar. Não estávamos tremendo. Estávamos muito controlados e medidos. Conheçíamos demasiado o Brasil'" (PERDIGÃO, 1986, p. 64-65).

<sup>50</sup> Flávio Costa, O Globo, 15 de julho de 1950, *in* Perdigão, 1986, p. 65.

<sup>51</sup> "[...] concentração na subida do Joá, em São Conrado, longe do centro da cidade, onde havia silêncio e a conseqüente tranqüilidade que o momento exigia – nas horas de folgas, eles se deitavam em redes e relaxavam ouvindo música no rádio e o gorjear dos pássaros que vinha da mata" (SANDER, 2004, p. 284-285).

Esse trecho nos mostra o clima vivido às vésperas da grande final entre os jogadores e quem os cercava. Perdigão cita que nenhum jornal fez referência ao clima vivido na concentração brasileira. Uma passagem do jornal O Globo do dia 15 de julho conflita com a palavra do ex-jogador: "O que vai pela cidade é o ambiente de euforia. São Januário está como que isolado desse mundo. Nem mesmo à entrada do estádio há movimento [...]. Em São Januário a atividade é absolutamente normal [...]" (PERDIGÃO, 1986, p. 74).

Entretanto, a mudança de concentração estaria ligada a motivos "outros". Uma passagem liga politicamente o treinador Flávio Costa ao interesse em transferir a delegação da Casa dos Arcos para São Januário:

Nos dois dias que antecederam a partida contra o Uruguai, eles [os jogadores] foram submetidos a um ritual de sobe e desce dos quartos para ouvir as ladainhas de políticos em busca de votos para as eleições [...] e o pior: como também era candidato pelo PTB, e aceitou a troca da concentração, o técnico Flávio Costa não tinha moral para impedir aquela infame manipulação (SANDER, 2004, p. 285).

Nessa conjuntura, os hotéis estavam lotados, companhias aéreas colocaram voos a mais, e o jornal O Globo do dia 16 de julho dá uma dimensão do que acontecia:

Veio gente do Rio Grande do Sul e de todos os recantos do Brasil. Houve quem acampasse nas imediações do estádio, na véspera, para ser dos primeiros a entrar e assistir ao que seria **o maior feito do esporte brasileiro de todos os tempos**. Provavelmente não haverá neste século outra Copa do Mundo no Brasil e ninguém quer perder os mínimos lances da jornada memorável (PERDIGÃO, 1986, p. 74, grifos nossos).

O sentimento do povo em relação à vitória brasileira era esse. O favoritismo nunca esteve tão forte no plano terreno, chegou a se personificar. No próprio vestiário do Brasil, um dirigente já estaria organizando uma carreata (PERDIGÃO, 1986).

Mas havia um obstáculo: a seleção uruguaia. No vestiário celeste, os dirigentes se preocupavam com a imagem da equipe platina. O embaixador pediu disciplina e que os jogadores não manchassem o espetáculo, que o Uruguai tinha uma tradição negativa no Brasil. Após esse discurso, foi a vez de Obdulio Varela falar: "Esqueçam os dirigentes e o público. Aqui dentro eles são onze, e nós também" (PERDIGÃO, 1986, p. 81).

Outro fato de extrema importância, que mostra realmente a grande expectativa (e certeza) da vitória brasileira, foi o discurso do prefeito Mendes de Moraes, antes de a partida ser iniciada, com as duas equipes perfiladas em campo: “Brasileiros, vós que daqui a alguns minutos sereis campeões do mundo; vós que não tendes rivais em todo o planeta; vós a quem eu já saúdo como vencedores, cumpri minha palavra construindo este estádio. Cumpram agora o dever de vocês conquistando a Copa do Mundo” (SANDER, 2004, p. 289). A conquista não veio, e Nelson Rodrigues atribui a derrota brasileira ao espírito celeste, ao ímpeto, à garra e à violência uruguaia.

Após uma vitória brasileira sobre os uruguaiois seis anos após o fatídico jogo, Nelson escreveu:

Outra reflexão que o episódio de ontem comporta – nós somos uns anjos, uns bucólicos, uns idílicos. Em Buenos Aires perdemos, no apito, um sul americano que, tecnicamente, era nosso. E longe de espancar o árbitro, os nossos jogadores, locutores e jornalistas se deram ao luxo de apanhar de sabre [...] Aqui o Obdulio Varela pôde ganhar o mundial no grito e, ontem, nós vimos a Celeste dizimar, devastar, ceifar a pescoções um juiz brasileiro. Eu, então, numa melancolia digna de Casemiro de Abreu, digo a um companheiro: - ‘Foi por isso que eles ganharam a Copa de 50!’ (RODRIGUES, apud ANTUNES, 2005, p. 218).

Assim sendo, vê-se claramente que os discursos entre jogadores e dirigentes não seguem a mesma linha, estabelecendo duas visões, principalmente sobre a mudança de concentração da Seleção Brasileira. O complexo de inferioridade do brasileiro pode ser questionado pela sensação de que a vontade de vencer do outro time foi alavancada pelo ufanismo da vitória e do título garantido, comemorado pela imprensa, dias antes do jogo decisivo.

Vale lembrar também que a superioridade brasileira não se demonstrava tão larga como se projetou. A vitória do Uruguai, no contexto da Copa do Mundo, sendo realizada no Brasil, comparando as campanhas construídas pelas duas seleções, favoreceu o clima de “já ganhou” instituído pelos brasileiros – torcedores, dirigentes – mesmo que tenha influenciado os uruguaiois, não poderia ter determinado a derrota brasileira. Antes desse jogo, a Seleção Brasileira tinha apenas duas vitórias a mais que os uruguaiois na história dos confrontos.

Não se assume uma derrota técnica e tática, mas se assume a fraqueza psicológica. Não se analisa o quanto o adversário conhecia do jogo brasileiro. Para o próprio treinador, a derrota ocorreu dentro de campo:



Acontece que o brasileiro não está bem preparado psicologicamente para derrotas, por que somos um país ainda novo, que desconhece grandes guerras e tragédias [...]. Houve muita coisa, realmente, que talvez houvesse influído psicologicamente. Mas o fato é que todos sabíamos que íamos ganhar aquele jogo [...].

Passados tantos anos, quando me perguntam por que o Brasil perdeu aquele jogo, respondo: é porque o Ghiggia correu 40 metros com a bola sem ser interceptado. Nós perdemos dentro de campo. Não foi porque mudamos de concentração, ou porque houve muita promessa, ou porque houve agitação política [...]. Tivemos a oportunidade de empatar, o que nos daria o título. Mas o gol foi impedido pela defesa do Uruguai, que a essa altura jogou bem, procurando se defender de qualquer maneira. Dizem que o Obdulio fez isso, fez aquilo, o que não é verdade. Foram as lendas que se criaram em torno de fatos normais, passados dentro do campo. O Brasil perdeu o campeonato dentro do campo (PERDIGÃO, 1986, p. 96-97).

O que se busca entender é a importância que se dá ao fator psicológico no futebol brasileiro. Explicar a derrota de 1950 taticamente é uma alternativa. Porém, podemos notar que é um conflito político sobre a Seleção Brasileira que passou por momentos extracampo, de organização, que influenciou sobremaneira o rendimento da equipe.

Rodrigues (1993, p. 25) trata desse assunto de forma brilhante:

De fato, o futebol brasileiro tem tudo, menos o seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar da saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador. E, no entanto, vamos e venhamos: - já é tempo de atribuir-se ao craque uma alma, que talvez seja precária, talvez perecível, mas que é incontestável.

Essa referência de Rodrigues nos leva à Copa do Mundo de 1954, na Suíça. O trecho que segue se refere à derrota brasileira para os húngaros. Rodrigues (1993, p. 26) continua, de maneira firme, pontuando o lado emocional do jogador brasileiro:

Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria, que perdemos no Mundial da Suíça. Eu disse 'perdemos' e por que? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis. Eis a verdade: - antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas. Por que esse medo de bicho, esse pânico selvagem, por quê? Ninguém saberia dizê-lo.

Armando Nogueira, cronista que acompanhou a Copa de 1954, relata de forma semelhante a derrota brasileira, mas apresenta o adversário antes de chegar ao enfrentamento entre as duas seleções:

E quem nos aguarda em Berna? Nada mais, nada menos que o fantasma do Mundial: a seleção da Hungria, que vinha de dois estragos. Primeiro arrasou a Coréia do Sul com um cisma de 9 x 0. Depois, outro terremoto: 8 x 3 na Alemanha [...]. Sua seleção virara lenda quando, em dois amistosos históricos, pulverizou a Inglaterra. Em Wembley [...] a Hungria venceu de 6 x 3. Os jornais ingleses mandaram rezar missa de réquiem pelo futebol britânico. Pouco tempo depois, novo sacrilégio: 7 x 1, na mesma Inglaterra, em Budapeste (NOGUEIRA *et al.*, 1994, p. 43).

Além do “fantasma” do Mundial, alterações na programação tumultuaram o ambiente da equipe: o treinador brasileiro, Zezé Moreira, resolve mudar o plano tático defensivo. Durante o treinamento, Nilton Santos e Zezé se desentendem. Continua Nogueira sobre o jogo: “Na hora da batalha de Berna, o time brasileiro entrou em campo visivelmente amedrontado. Inseguro.<sup>52</sup> Mesmo sabendo que a Hungria jogaria sem Puskas, sua principal estrela, o Brasil tremia nas bases” (NOGUEIRA *et al.*, 1994, p. 46).

Mais uma vez, Nelson Rodrigues busca explicação para essas duas derrotas. Na mesma crônica, intitulada “Freud no Futebol”, sobre essas duas partidas, contra Uruguai e Hungria, Rodrigues (1993, p. 26) conclui:

E não era uma pane individual: era um afogamento coletivo. Naufragaram, ali, os jogadores, os torcedores, o chefe da delegação, a delegação, o técnico, o massagista. Nessas ocasiões, falta o principal. Estão a postos os jogadores, o técnico e o massagista. Mas quem ganha e perde as partidas é a alma. Foi a nossa alma que ruiu face à Hungria, foi a nossa alma que ruiu face ao Uruguai. [...] só um Freud explicaria a derrota do Brasil frente à Hungria, do Brasil frente ao Uruguai e, em suma, qualquer derrota do homem brasileiro no futebol ou fora dele.

Nelson Rodrigues via o futebol como algo dramático. Gostava de trabalhar o sentimento e não se conformava com o desmerecimento dado ao futebol brasileiro pela própria imprensa nacional. O brasileiro seria um ufanista às avessas, que gosta de ignorar suas virtudes e exaltar suas deficiências. Traçando o futebol como paradigma do caráter brasileiro, Antunes (2004, p. 217), percebe que

<sup>52</sup> Aqui o dilema de que somos bons, mas falhamos na hora H ou que temos uma terra rica e improdutiva e outras oposições binárias compõem a forma de pensar o Brasil e os brasileiros em frente àqueles que julgamos superiores e desenvolvidos. Mesmo na vitória, quando confrontados com os grandes e ricos, o Brasil assume o lugar de menor, pobre e carente que vence as adversidades.

[...] para o cronista, na medida em que o brasileiro se conhecesse melhor, que soubesse identificar suas qualidades e defeitos e superasse estes últimos, alcançaria a vitória não apenas no futebol, mas em todos os campos de atividade, e, ainda, o Brasil obteria o reconhecimento internacional como nação portadora de uma identidade própria.

Essa compreensão que faz Rodrigues em relação ao futebol e à sociedade é de vital importância para a compreensão de algumas crônicas escritas por ele e do uso de alguns termos, como humilhação.

[...] Nelson Rodrigues chegava à conclusão de que o brasileiro era humilhado porque era humilde e, a partir dessa constatação, resolveu empreender uma busca sistemática às raízes de tanta humildade. A princípio, buscou explicações emocionais e psíquicas, pois, em sua opinião, o medo e o trauma de 1950 rondavam as cabeças de todos os jogadores e também da **imprensa esportiva** (ANTUNES, 2004, p. 219, grifo nosso).

Rodrigues reconhecia a necessidade de um psicólogo e dizia que esses traumas atrapalhavam o sucesso do Brasil no futebol e em outras atividades. As vitórias em 1958 e 1962 levaram Rodrigues ao ufanismo e ao orgulho nacional.

[...] o clima de *pileque cívico* inaugurado com a copa de 1958 ter-se-ia estendido até a de 1962 e atingido índices ainda mais elevados depois dela. Após a Copa da Suécia, o futebol brasileiro esteve em alta, e mesmo os clubes pequenos ou de pouca projeção passaram a fazer incontáveis excursões internacionais, apelidadas de *caça-níqueis*. A vitória no futebol realmente promoveu uma divulgação imediata do Brasil no exterior – de acordo com os sonhos de Nelson Rodrigues – e continuaria a promovê-lo durante muitos anos, ainda que sua imagem também fosse sempre associada a problemas sociais, como as inúmeras favelas e sacas no Nordeste (ANTUNES, 2004, p. 228).

Mesmo com a desigualdade social, Rodrigues acreditava que o futebol traria um aspecto de orgulho nacional para a população.

É notória a defesa do futebol-arte brasileiro: seja pelo desequilíbrio emocional, seja pela desorganização (como veremos sobre 1966), a arte brasileira futebolística deve continuar intacta.

O que faz com que o brasileiro se submeta ao estigma de fraco psicologicamente? Será, pura e simplesmente, o fato de não assumir sua inferioridade? Nelson Rodrigues reluta em dizer que eram os jogadores brasileiros inferiores tecnicamente à equipe húngara. Acreditamos que a não declaração da inferioridade técnica do jogador brasileiro equilibra o discurso da responsabilidade psicológica pela derrota. Perderam mais uma vez para nossos medos.

As identidades futebolísticas nos discursos da época refletem a sociedade brasileira que buscava seu desenvolvimento. O que explica a identidade nacional futebolística são as análises que apelam para o caráter do brasileiro. Na derrota, o brasileiro é visto como um povo não bélico, sem história de guerras e, se isso é motivo de orgulho em certos contextos, diante de uma partida de futebol (mime-se da guerra), a derrota faz lembrar a negatividade de o brasileiro ser pouco aguerrido, pouco agressivo para disputar sua posição no mundo. Aquele “vivo num país tropical abençoado por Deus” retira a tenacidade necessária para o embate dramatizado num jogo ou em outras disputas. Assim, no futebol, o diferencial nacional é a habilidade, a destreza técnica, que se resume no futebol-arte para definir um jogo para o lado menos aguerrido, mas que sobressai na técnica individual.

### 3.2 O CHOQUE INGLÊS: 1966

Para esta Copa, Saldanha debate os acontecimentos. Sua história de vida, militante contra a ditadura, faz dele uma voz, um crítico do governo e da forma como foi encaminhada a seleção para a Inglaterra. Saldanha acredita piamente que a grande responsabilidade pela eliminação do Brasil nesta Copa foi da Comissão Técnica. Fazendo um balanço do time na competição, desfere:

Só desejamos caracterizar e comprovar até que ponto foi incapaz a 'Comissão Técnica' brasileira. Até que ponto a incompetência comprovada impediu nossa representação de ao menos disputar condignamente o troféu Jules Rimet. Estes homens, em três meses, conseguiram fazer tal mixórdia que ninguém mais se entendia (SALDANHA, 1966, apud MILLIET, 2006, p. 36).

O time selecionado tinha seis jogadores que se consagrariam em 1970: Edu, Pelé, Brito, Jairzinho, Gérson e Tostão. Saldanha critica toda a preparação estabelecida pela Comissão Técnica: as andanças de cidade em cidade, a falta de um time-base, e principalmente, a falta de objetividade nos treinamentos. Sem nos esquecermos das manobras políticas.

Este é um pequeno balancete do que vai até agora. A verdade é que faltam poucos dias para o jogo de verdade, contra a Bulgária, e ainda não temos um time formado. Não estou pessimista porque não o sou. Mas não posso deixar de manifestar minha apreensão. E por duas razões muito sérias: a primeira, obviamente, já está dita: não temos um time formado. A segunda é que, positivamente, não me agrada o estado atlético da seleção brasileira.

Continuam viagens e deslocamentos para lá e para cá [...]. Pode ser que dê para ganhar a Copa. Não sei, não garanto. Nem eu nem ninguém. Nem mesmo a Comissão Técnica [...] o estado atlético é precário e até agora ninguém sabe o que vai ser. Nem a Comissão (SALDANHA, 1966, p 49-50).

O Brasil em 1966 foi eliminado por Portugal. Saldanha em hora nenhuma condena a eliminação brasileira e, sim, a maneira como ela ocorreu. Tostão, jogador em 1966, tem o discurso semelhante ao de Saldanha:

Em 1966 foram convocados 44 jogadores para os treinos da Copa do Mundo. Eu, Alcindo, do Rio Grande do Sul, e Nado, de Pernambuco, fomos chamados só para satisfazer os principais estados fora do eixo Rio-São Paulo [...]. Nos treinos, vi e compreendi a desorganização, a falta de seriedade. Não podíamos ganhar. Cada semana estávamos em uma cidade, para satisfação dos cartolas e políticos locais (TOSTÃO, 1997a, p. 49-50).

A derrota de 1966 refletiu a desorganização em que se encontrava a Confederação Brasileira de Desportos. Outro que faz coro à Tostão e a Saldanha é Nelson Rodrigues, que compara a derrota de 1950 à de 1966.

Eu diria que a vergonha de 50 foi mais amena, mais cordial. Naquela ocasião, não tínhamos o bicampeonato. Ainda não se instalara em nosso futebol o mito Pelé. Ah, o brasileiro de 50 era um humilde de babar na gravata. Quando passava a carrocinha de cachorro, cada um de nós tinha medo de ser laçado também (RODRIGUES, 1993, p. 129).

A falta de organização explicaria a derrota do selecionado brasileiro. Na Copa do Mundo anterior, com o Brasil sagrando-se campeão, não houve debate sobre a racionalização do processo de organização, pois a arte futebolística nacional não sugere lógica. Essa passagem de Rodrigues reflete duas situações: a derrota em 1966 foi a derrota dos bicampeões mundiais, e mais do que isso, foi a derrota<sup>53</sup> do futebol-arte pelo futebol-força, o que impacta ainda mais o acontecimento.

Apesar de toda a crítica formulada pela imprensa, uma crônica de Rodrigues, escrita após a estréia brasileira, reflete a ânsia nacional, a expectativa criada em torno desse time.

Amigos, ontem foi um dia santo. O escrete do Brasil fazia primeira audição na Inglaterra [...] o divino Pelé jogou como se todos ali fossem rainhas [...].

<sup>53</sup> "[...] a derrota na Copa de 1966 foi lida como decadência e atraso do nosso futebol, onde a 'força' predominou sobre a 'arte' em relação às novas tecnologias do treinamento físico e tático" (SALVADOR *et al.*, 2005).

Mas eu dizia que toda cidade parou. As nossas madames Bovary, as nossas Anas Karêninas suspenderam seus amores e seus pecados, das três às seis. Os bandidos do Leblon não assaltaram senhoras nem crianças [...]. Ontem, ninguém era credor, ninguém era devedor [...] No centro da cidade, durante o jogo e depois do jogo, toda a cidade se inundou de papel picado [...]. Era a vitória, **ainda a primeira vitória e apenas a primeira vitória**. Mas a nação inteira crispou-se de sonho. Doce escrete do Brasil! Nós o malhamos, aqui, como se ele fosse um judas de sábado de Aleluia [...] E, assim, humilhada e assim ofendida, partiu um dia a seleção nacional. Partiu para a gigantesca jornada do Tri [...]. Eu dizia e repito: - só um débil mental de babar na gravata terá coragem de duvidar do escrete. Um time que tem Pelé é tricampeão nato e hereditário (RODRIGUES, 1993, p. 127-128, grifos nossos).

O Brasil vai à Inglaterra desacreditado, assim como em 1958. Mesmo com o processo de consolidação de uma condição de orgulho nacional em desenvolvimento. "Pela forma como Nelson Rodrigues aborda esses temas, a alma brasileira parecia oscilar entre esses dois pólos, e dessa instabilidade – conforme seu raciocínio -, teriam vindo as derrotas de 1950 e 1954" (ANTUNES, 2004, p. 249).

Fracassos e glórias, nesse curto espaço de tempo – 1950 a 1966 – talvez não tenham sido suficientes para transformar a alma brasileira da forma como Nelson Rodrigues imaginava, talvez nem a dele mesmo.

Os textos de Nelson Rodrigues insistem na existência de um dilema intrínseco ao brasileiro, que, segundo ele, seria proveniente da insegurança que sentia não apenas nos campos de futebol, mas em todos os aspectos de sua vida. Dilema do qual o próprio cronista não conseguia se livrar e que fazia seu discurso oscilar, conforme as circunstâncias, entre a valorização dos aspectos positivos ou negativos da mistura de raças que dera origem ao povo brasileiro. Afinal, o homem nascido neste rincão dos trópicos seria um vira latas ou um moleque genial? (ANTUNES, 2004, p. 271).

Existe, então, uma tensão entre os argumentos da tradição e os argumentos da modernização. Se vencemos é porque nossa tradição mestiça é positiva, se perdemos é porque somos um povo mestiço colonizado por portugueses e não conseguimos adentrar na modernidade.

Como sabemos, a vitória está associada ao futebol-arte, à várzea, à pelada e a outras construções românticas sobre o Brasil. A derrota se dá pela desorganização, pela baixa autoestima (complexo de vira-latas ou humildade servil), pela não modernização.

Assim, pensamos que dois projetos de nação sempre estiveram em diferentes contextos políticos e culturais: O projeto do Brasil patriarcal ou de uma ordem

nepotista e hierarquizada e a nação que se projeta ufanista, extrapolando sua noção de realidade. O primeiro convive e se adapta ao mundo liberal e republicano que se reflete nos discursos identitários da vitória. Somos um país original, com jogadores especiais, como Pelé e Garrincha, com a capacidade de decidir e ganhar as Copas.

A discussão de Nelson Rodrigues sempre foi a busca de valorizar o brasileiro, considerado por ele um humilde<sup>54</sup> por natureza, por isso o chamado "complexo de vira latas" ou de "Narciso às avessas". A insegurança sentida pelo povo não era apenas no mundo futebolístico, mas, e principalmente, no aspecto social. Para ele, o brasileiro tinha o dom da vitória que, aliado ao sentimento de nacionalismo, organização e determinação, vencendo os complexos de inferioridade, resultaria em uma nação de sucesso.

Porém, nossa mentalidade continuaria rural e não cosmopolita na medida em que coletivamente não nos reconhecemos com a nossa potencialidade. Noutro extremo, o ufanismo revelaria também a falta de princípio de realidade, isto é, um coletivo embevecido por suas fantasias de potência. O homem brasileiro não se tornou moderno, não se tornou racional para reconhecer sua medida diante do mundo. No futebol e fora dele, essa imagem central vem à tona com as derrotas e seus argumentos.

Acreditamos que o discurso de fraqueza psicológica, tão relacionado com o jogador de futebol brasileiro por Nelson Rodrigues, não é assumido por Tostão, que se posiciona indicando a importância da inserção da psicologia<sup>55</sup> para um melhor

<sup>54</sup> O que nunca foi dito é que a humildade é uma tática de sobrevivência num mundo marcado pela hierarquia como nossa sociedade pós-escravocrata.

<sup>55</sup> O debate sobre a importância da psicologia em relação ao futebol não é recente. Na década de 1960, foi publicado o livro "Psicologia do futebol", por Buytendijk (1965). O autor informa que "[...] em 1903 publicou o prof. G. T. W. Patrick em The Americann Journal of Psychology (Vol. XIV, julho-outubro, n.º 3-4, pp. 104-117) um artigo sobre 'A psicologia do futebol'. Aí o Autor pergunta por que é que precisamente o futebol atrai de há muito o maior número de assistentes, e procura explicá-lo a partir de uma teoria 'antropológica' geral acerca das crianças e dos adultos" (BUYTENDIJK, 1965, p. 9). Ainda sobre publicações que relacionam futebol e psicologia, Buytendijk afirma que "[...] em data mais recente, tenho o conhecimento de apenas dois estudos sobre psicologia do futebol, a saber, o de R. W. PICFORD (The Psychology of the History and Organization of Association Football; Brit. Journal of Psycology, Vol. 31, 1940) [...] e um artigo de H. G. HARTGENBUSCH (Beobachtungen und Bemerkungen zur Psychologie des Sports; Psych. Forschung, 1926, p. 386) [...]" (1965, p. 10). Ainda na década de 1960, outros estudos foram construídos relacionando psicologia e esporte, ou psicologia e futebol, a saber: "Futebol e psicologia", dos autores López e Silva (1964); "Human performance: basic concepts in psychology series", de Fitts e Posner (1967); e "Psicologia esportiva e preparo do atleta", de Silva (1967). A busca sobre material que relacionava psicologia, futebol e esporte mostrou a publicação de alguns materiais na década de 1970, a saber: "Psicologia desportiva", Lawther (1973); "Psicologia dos esportes", Lobo (1973); "Sportpsychologie-wofür? Psychologie sportive-pourquoi?", Schilling e Pilz (1974); "Psicologia dos esportes: mitos e verdades", Singer (1977); e "Psicologia de la Educación Física y el Deporte", Dzhamgarov e Puni (1979). Os

desempenho dos esportistas brasileiros. No que diz respeito à competitividade e à necessidade de o futebol brasileiro estar sempre vencendo, Tostão acredita que esse sentimento possa influenciar, mas não determinar a atuação do jogador e o resultado da partida. Ou seja, o “complexo de vira latas” é ressignificado, agora como uma cobrança para que o Brasil se mantenha como força esportiva, e se configure em um assunto a ser tratado de forma mais profissional, por especialistas, apontando o caminho para um melhor aproveitamento da psicologia esportiva pelo futebol.

### 3.3 O TRAUMA DA BOLA: 1982

Para dar o tom do que teria sido esta Copa, Tostão escreve:

Vendo os jogos da maravilhosa Seleção Brasileira de 82 pela tevê, eliminada pela Itália, fico pensando por que ela perdeu: azar, falta de equilíbrio entre a defesa e o ataque, excesso de confiança ou foram os mistérios do futebol? Sei lá! Era um time espetacular, criativo e eficiente; ser eficiente não é só vencer, mas também brilhar, alegrar e emocionar (8 fev, 1998a, p. 64).

Em 1982, a Seleção Brasileira tinha como treinador Telê Santana, e jogadores como Zico, Falcão, Toninho Cerezo, Sócrates, Careca. Faltando três meses para o início da Copa, Saldanha criticava a indefinição da equipe brasileira – como havia feito em 1966.

Por que a Seleção, a três meses e meio da Copa, ainda não está definida claramente? Simplesmente porque não há clareza de objetivos táticos. A Seleção até agora formada ainda está em cima do muro [...]. Temos grandes jogadores, mas não temos o time formado (SALDANHA, 2002, p. 39).

Devemos ressaltar que, quando assumiu a Seleção Brasileira em 1969, Saldanha já havia definido seus titulares e reservas na primeira entrevista. Para ele, o mais importante seria “[...] formar o time, dar um padrão de treinamento,

---

anos de 1980 também revelaram outros estudos, o que demonstra a importância dada ao assunto, em diferentes culturas e idiomas. Nos anos de 1980, foram encontradas as seguintes publicações: “Psychologie: zwischen Start und Ziel”, Schubert (1981); “Sportpsychologie: Grundlagen, Methoden, Analysen”, Eberspächer (1982); “Introdução à psicologia dos desportos”, Lyra Filho (1983); “Esporte: introdução à psicologia”, Thomas (1983); “Psicologia do desporto”, Mosquera e Stobäus (1984); “Psicopedagogía del deporte”, Gorbunov (1988).



segurança aos titulares e reservas e sempre valorizar o talento" (SALDANHA, 2006, p. 81).

Analisando o contexto ao qual a Seleção Brasileira estava inserida, com uma equipe formada por grandes jogadores, uma constatação é interessante: durante um jogo preparatório contra a Suíça, o tratamento dado à Seleção Brasileira seria o reflexo do "já ganhou" em torno da equipe:

Antes do jogo, a invasão do campo dava a impressão de que ia haver uma partida entre a seleção campeã do mundo e o mais humilde dos adversários [...]. E os suíços, humildes, procurando bater sua bolinha esperando a hora do jogo começar. Tudo dando a impressão de que entrava um time campeão para enfrentar uma equipe modesta. A presepada brasileira, a palhaçada que vem sendo feita em torno da Seleção, tudo isso serviu para desarmar o espírito de competição da equipe [...] (SALDANHA, 2002, p. 62).

A Comissão Técnica também teria cometido alguns erros primários: na véspera da competição, armou um treino de time A contra o B – titulares contra reservas. Esse tipo de treinamento, simulando uma partida de futebol entre jogadores que disputam a mesma posição é arriscado, como relata o próprio Saldanha:

Edevaldo queria partir o Dirceu ao meio. Juninho vai sobre Zico para rachar. Careca distende um músculo, apesar dos seus vinte e três anos; dores musculares por toda a parte e, como o time não aparece formado, ninguém reclama porque tem medo. E todos, repito, todos estão disputando ferozmente uma vaga na equipe (2002, p. 83).

Apesar de tudo isso, a confiança no título aumentara com a constatação de que Alemanha, Argentina e França não estavam apresentando um bom futebol.

Somos cada dia mais favoritos, mas duas coisas me fazem temer a possibilidade de perdermos esta Copa: as indecisões e os mistérios do treinador [...] e um outro problema também da maior seriedade [...] não gostei muito do Zico [...] visivelmente sentia algo e pareceu não poder fazer mais esforço [...] (SALDANHA, 2002, p. 96).

Alguns jogadores pareciam começar a sentir o desgaste físico, mas, com o baixo índice técnico das outras seleções detectado por Saldanha, "[...] a coisa está se apresentando acima de qualquer expectativa otimista" (2002, p. 97).

Até que chega o jogo contra a Itália e, com a derrota, o discurso de que o Brasil assumiu o favoritismo exacerbado começa a aparecer. Em dois momentos

Saldanha deixa esse sentimento transparecer "[...] o fato de possuímos jogadores extra-série como Zico, Falcão, Sócrates, Júnior e Cerezo dava a falsa impressão de que éramos superiores em tudo" (TOSTÃO, 2002, p. 154).

O que Saldanha mais criticou foi a falta de uma preparação mais cuidadosa, tática e física. "Nosso time pegou a máscara de imbatível e a enfiou até o pescoço [...] Creio que faltou modéstia por um lado. Mas estou convencido que tínhamos gente disputando coisas" (2002, p. 163).

O discurso apresenta a ausência de humildade do brasileiro, caracterizando, ainda, a falta de equilíbrio e racionalidade de um povo emocional, que oscila entre o ufanismo/prepotência *versus* humildade/inferioridade.

O que se pode destacar é que a falta de modéstia teria culminado em uma preparação deficiente, acreditando-se que o talento individual brasileiro decidiria a Copa à nosso favor. Mas o que Saldanha relata mostra claramente uma preparação ineficiente, com jogadores exaustos e lesionados.

Daria pra fazer uma enciclopédia sobre as barbaridades cometidas contra nossos jogadores [...]. Mas, e a decantada preparação física de nosso time? Pois foi visível que apagou no jogo da Itália, exatamente quando empatamos [...]. Dou um exemplo que deve entrar na antologia da preparação física negativa [...] a declaração de nosso preparador, sem tirar nem pôr: 'Submeti os jogadores a um trabalho semelhante ao esforço que fariam no coletivo. Isto para saber sua reação. Se estiverem bem, estarão liberados. Como o Zico e o Falcão agüentaram até o fim, sem reclamar, creio que não serão problemas [...] **Zico e Falcão não agüentaram de noite o que tinham feito naquela tarde** (SALDANHA, 2006, p. 159, grifo nosso).

Por mais favoritos que fôssemos pelos talentos que compunham a seleção, por mais entrosada que estivesse a equipe, esse título não poderia ser nosso. Mesmo assim, voltaram para casa como "campeões morais", bem como a seleção argentina voltou em 1966, após ser eliminada na semifinal do torneio realizado em solo inglês.

Todavia, o discurso da nação se enfraquece na copa de 1982 e nas seguintes. A identidade do futebol brasileiro já está consolidada, experimentada entre os polos da humildade e da prepotência, e por isso os significados são outros. A pergunta não é mais o que faltou para vitória, como era o costume no passado, quando se respondia pela falta de raça, fibra, de competitividade, de racionalidade, mas o que fizemos para perder?

Assim, o discurso identitário que se instaura a partir de 1982 não se satisfaz com respostas pautadas na inferioridade técnica, na falta de organização, ou na prepotência. Talvez a sociedade brasileira tenha encontrado o equilíbrio necessário para assumir suas atitudes, e com isso uma nova “leitura” diante das intempéries e do sucesso tenha surgido.

### 3.4 A MARSELHESA, PRIMEIRO ATO: 1998, COPA DA FRANÇA

Mais uma vez, o Brasil defenderia o título de campeão do mundo. O treinador escolhido foi Zagallo, que, em 1994, atuou como auxiliar técnico de Carlos Alberto Parreira.

O Brasil não era o único favorito, dividindo esse posto com a Inglaterra, a Alemanha, a Argentina, a Itália, a França e a Iugoslávia (TOSTÃO, 1998b). Em sua preparação, perdeu e ganhou da Argentina, porém com a crítica especializada exaltando a superioridade e a organização tática dos argentinos.

A preocupação com a preparação da equipe para o Mundial é revelada na crônica de Tostão, intitulada "Carta ao Zagalo", no dia 10 de maio (1998c, p. 66), portanto, um mês antes do início da Copa:

Zagalo [...] a Seleção está totalmente desorganizada em campo, após quatro anos de preparação. Não evoluímos nada, jogando um futebol previsível, errado e sem uma única variação tática [...]. Se você assistisse, como um crítico imparcial, à partida contra a Argentina, lá de cima, veria o banho tático que levamos, e você ainda disse que a partida foi equilibrada [...]. Eu e todo torcedor brasileiro não estamos tristes por uma derrota ocasional para a Argentina e sim assustados, percebendo que o nosso time, na Copa de Ouro e nos amistosos contra a Argentina e Alemanha – mesmo vencendo –, esteve fraquíssimo.

A Seleção Brasileira, mesmo jogando mal, conseguia vencer seus jogos, e as vitórias criaram certa confiança de que o pentacampeonato viria para o Brasil, porém a crítica sobre o trabalho da Comissão Técnica, mais uma vez, se mostrou como um divisor de águas entre a vitória e a derrota.

A Seleção está treinando bastante e com muita seriedade. No entanto, Zagallo repete sempre os mesmos treinamentos de defesa, contra-ataque e numa situação irreal. Estão faltando treinos táticos que simulem situações de jogo: o Brasil atacando, com a defesa organizada para o contra-ataque, marcação por pressão, jogadas ensaiadas, etc. (TOSTÃO, 1998d, p. 63 ).

No texto acima, Tostão afirma que Zagalo estabeleceu um modelo de treinamento ultrapassado, e que o Brasil não poderia se manter com a mesma preparação que tinha 30 anos atrás. O discurso estabelecido é assumir o fato de que o Brasil é o País do futebol, possuidor de grandes jogadores que, por si sós, podem resolver uma partida. O dilema identitário aparece mais uma vez. Mesmo com um planejamento ultrapassado, a equipe poderá por ela mesma se entrosar porque temos o talento individual. Ou seja, o que temos são discursos que são lançados de acordo com o contexto da derrota, quais sejam:

- a) Temos sempre que ser superindivíduos que desequilibram o jogo para nos trazer a vitória. Temos sempre, na vitória, um craque-redentor.
- b) Na derrota esse Brasil patriarcal ou antimoderno, ou contramoderno, ora é denunciado ora é defendido/louvado. O Brasil pode perder porque rejeitou seu modo original de jogar ou ser ele mesmo, perdeu porque incorporou artificialmente a modernidade e rejeitou a tradição ou seu estilo baseado no talento individual, perdeu porque quer ser igual aos outros e deixa assim de ser ele mesmo.
- c) Perdeu porque acreditamos no improviso e nos redentores/craques e não acreditamos na organização coletiva; não temos responsabilidade coletiva; não acreditamos na ciência e na racionalidade, somos um povo infantil que ora é prepotente ora se torna humilde e submisso.

A passagem abaixo deixa clara a crença no poder de desequilíbrio dos craques brasileiros.

Tenho ainda muitas esperanças no título, independente do planejamento tático, pois além de craques, de repente a equipe pode se entrosar [...]. Talvez todas estas minhas preocupações táticas sejam insignificantes, já que no futebol **o craque e a alma** são os mais importantes (TOSTÃO, 1998e,p. 65, grifo nosso).

O discurso de Tostão, conhecedor do que se passava na Seleção e crítico o suficiente para, ao menos, imaginar a campanha da Seleção na Copa, teceu os seguintes comentários, em momentos diferentes:

Estou preocupado, mas otimista, apesar das confusões da preparação, da falta de planejamento tático, de jogadas ensaiadas e da ausência de Romário (1998f, p. 65).

Temos as principais qualidades de uma equipe campeã: craques e tradição. A falta de conjunto e a falta de uma melhor tática podem ser necessidades supérfluas para o título (1998f, p. 65).

Temos mais virtudes do que defeitos, principalmente as qualidades especiais para uma Seleção campeã do mundo: craques e tradição (1998g, p. 65).

A confiança no título, refletida nas linhas de Tostão, era também o que se via nas ruas. Ora, o Brasil não poderia perder a Copa da França: éramos os atuais campeões, o único tetra e, no final de tudo, o País do futebol, possuidor da matéria que sempre definia a nosso favor: o craque.

Após o jogo, Tostão (1998h, p. 69) responsabilizou a falta de vontade em decidir a partida, além dos "[...] erros individuais e coletivos" pelo empate com a Noruega.

A acusação dos erros coletivos já poderia ser imaginada, pois a falta de orientação tática para esse tipo de treinamento havia sido apontada. A falta de treinamento coletivo implicou também a inibição das jogadas individuais e à medida que o torneio avançava, Tostão percebia que o planejamento inadequado prejudicava a campanha da Seleção:

O Brasil não aproveitou os quatro anos de preparação por erros da comissão técnica, do calendário e da submissão à patrocinadora. Uma equipe com pouco tempo para treinar não pode fazer tantos treinos recreativos, sem nenhum valor técnico, como aconteceu nesse período (1998i, s/p).

O discurso durante a copa se altera de acordo com cada jogo da seleção. Três dias após a crítica acima, Tostão escreve uma crônica intitulada *O penta está próximo*. A primeira frase é a seguinte: "Se existiam dúvidas sobre a qualidade do time brasileiro, não existem mais após essa bela, emocionante e melhor partida da Copa" (1998j, p. 64).

Antes da final contra a França, em outra crônica, no dia 12 de julho, escreve sobre Zagallo: "[...] exerceu toda a sua liderança, transmitiu sua experiência e garra aos jogadores, realizou treinos táticos e jogadas ensaiadas, o que não fazia antes, e, independentemente do título, realizou um bom trabalho durante a Copa" (TOSTÃO, 1998k, p. 64).

Depois da derrota consumada, em 13 de julho, Tostão (1998l, p. 70) elogia a Seleção Francesa e, sobre a Seleção Brasileira, escreve o seguinte:

O Brasil cometeu muitos erros durante esses quatro anos e chegou à Copa sem conjunto e sem variações táticas. Zagallo percebeu os erros cometidos, fez várias modificações na equipe, ouviu as opiniões de Zico e o time melhorou, apesar de vencer sempre com dificuldades, além da derrota para a Noruega [...]. Espero que a Seleção se prepare melhor para a próxima Copa e faça menos treinos recreativos.

Na crônica seguinte, em 19 de julho, enumera os 13 erros do treinador Zagallo, porém não vamos repetir aqui o que já foi descrito, mas enumerar três pontos que Tostão adiciona às suas críticas:

[...] Não se cercou dos melhores profissionais, preferindo os seus amigos e admiradores [...] no lugar de um especialista em Psicologia Esportiva na comissão técnica preferiu um contador de histórias, usando métodos primários de sugestão [...]. Repetiu os mesmos treinos táticos desde a Copa de 70, que não espelham as situações reais de jogo [...]. Confiou excessivamente na sua intuição, na sua sorte, na onipotência de seu pensamento e no número 13, deixando os detalhes técnicos e táticos em plano inferior. O rigor científico sem a observação, a intuição e o sentimento tendem à repetição e à mediocridade, mas a intuição, sem uma base científica, leva ao vazio e à ineficiência (1998m, p. 63).

Observamos que a não incorporação da modernidade volta aqui a ser assumida como a crítica central a Zagalo. Tostão diz que Zagalo é um homem do Brasil não moderno, que se cercou dos amigos, numa espécie de nepotismo ou patriarcalismo que desconsidera a competência. Um treinador que não se atualizou, que não se preparou adequadamente para ocupar o cargo de treinador da seleção brasileira nos anos de 1990 e se mostrou, mais do que nunca, um homem que confia na sorte a ponto de sobrepujar o treinamento racional.

Na derrota aparecem os discursos de contramodernidade afirmando que temos que confiar em nosso próprio ritmo e não podemos ser modernos copiando os outros, se podemos vencer com nossa originalidade. Porém existe o direcionamento da ideia de que precisamos evoluir, mas dentro do contexto que não descaracterize nossa identidade.

### 3.5 A MARSELHESA, SEGUNDO ATO: 2006, COPA DA ALEMANHA

O Brasil, mais uma vez, disputaria a Copa do Mundo de futebol como favorito. Buscaria a quarta final consecutiva. Nas outras três, venceu duas – Itália em 1994 e Alemanha em 2002. Defenderia o título de campeão. Era a seleção líder do *ranking* da Fifa, seguida pela República Tcheca. Havia vencido a Copa das Confederações, na Alemanha, passando pela equipe dona da casa na semifinal e vencendo a Argentina na final, sem tomar conhecimento do adversário. Além disso tudo, era a seleção que tinha os craques mais badalados do planeta: Kaká, Adriano, Robinho, Ronaldinho, Ronaldo, Juninho Pernambucano. Há que se considerar que os suplentes brasileiros eram mais fortes que algumas seleções que disputavam o Mundial. Não teria, segundo os analistas, como perder.

Para analisar os fatos, utilizamos as crônicas de Tostão a partir do dia 4 de junho, cinco dias antes do início do torneio. Uma passagem deve ser comentada:

É óbvio que o Brasil pode ganhar a Copa sendo o grande favorito e sem ter grandes dúvidas e problemas antes do torneio. Não sou supersticioso para achar que, para vencer, é necessário ser bastante criticado antes do Mundial, como em outras vezes [...]. O Brasil tem vários excepcionais jogadores, mas não temos certeza se terá um grande time nesta Copa. O Brasil não é também muito superior a algumas seleções. Se perder, não será zebra nem por causa do ‘sapato alto’ dos jogadores, e sim pela qualidade dos adversários e pelas armadilhas dos jogos de mata-mata. **Não está também tudo certo, maravilhoso, como diz a radiante e otimista turma do oba-oba ou os que ufanam quando o time ganha e só vêem erros quando perde.** A audiência é que tem formado a opinião. O time tem problemas que precisam ser diminuídos (2006a, s/p, grifo nosso).

Nesse trecho, Tostão reconhece a equipe brasileira como uma favorita, com grandes jogadores, e lembra das outras seleções e do sistema eliminatório da Copa. A passagem que mais nos interessa está assinalada. Havia, sim, um favoritismo formado principalmente pelas vitórias brasileiras e pelos poucos tropeços. Porém, percebe-se que o trabalho da Comissão Técnica passa a ser, mesmo que de forma branda, contestado.

Em Königstein, nada mudou. Está quase tudo perfeito, pouquíssimos questionam a escalação, **o time é a cada dia mais endeusado, os treinos são sempre os mesmos**, a notícia principal é o pé de Ronaldo e o mico do

patrocinador que fez a chuteira, e a CBF tentando sempre prejudicar o trabalho da Folha e favorecer<sup>56</sup> a Rede Globo (2006b, s/p, grifo nosso).

Depois de algumas rodadas, de analisar as estreias de outras seleções, Tostão assinala que "[...] o Brasil é a única seleção capaz de ganhar o título e dar show. Mas não deveria mostrar todos os seus encantos e segredos no primeiro jogo. Os artistas não devem também ter pressa de demonstrar toda a sua arte" (2006c, s/p).

Sobre a estreia do Brasil contra a Croácia, Tostão, após, análise tática e técnica, sentenciou:

Com exceção da boa marcação da defesa, facilitada pela lentidão do ataque da Croácia, das boas defesas de Dida e do belo gol de Kaká, o time brasileiro teve uma discreta atuação, até certo ponto esperada para uma estréia na Copa. Deu para o gasto. **Fica a esperança de que os grandes times nunca mostram os seus encantos e segredos no primeiro jogo** (2006d, s/p, grifo nosso).

Realmente, a expectativa de todos os torcedores era a de que a Seleção Brasileira havia guardado o encanto para o decorrer do torneio. Porém, a concentração brasileira ganharia alguns assuntos a serem trabalhados e controlados. Tostão os destaca:

O grande assunto continua sendo Ronaldo, jogando bem ou mal. Com os seus novos sintomas físicos, os exames feitos em uma clínica de Frankfurt - todos negativos, segundo os médicos - e a lembrança da final da Copa de 98 aumentaram as dúvidas e as teorias conspiratórias sobre o jogador [...]. Entre as confabulações fantásticas sobre o Ronaldo, a mais compatível com a realidade é o ciúme do Ronaldinho Gaúcho. Faz parte da vida humana. Ronaldo sempre demonstrou uma carência afetiva e dificuldades para lidar com as críticas [...]. Outra teoria conspiratória é a de que todos esses problemas surgidos com o Ronaldo nas últimas três semanas seriam um marketing do jogador. Aí, Ronaldo faria o gol do título e voltaria a ser o melhor do mundo [...]. Nos últimos anos, Ronaldo só brilhou em alguns momentos. **A sua forma física ideal está muito próxima de uma lesão muscular**, como tem acontecido sempre que joga bem várias partidas. **A lentidão de Ronaldo contra a Croácia seria mais por excesso de confiança, soberba**, do que por desinteresse e/ou problemas físicos. Vi várias vezes ele ter o mesmo comportamento no Real Madrid. Por tudo o que jogou e ainda pode jogar na seleção, Ronaldo ainda merece ser o titular na próxima partida. Mas, se ele e Adriano repetirem as suas péssimas atuações, será inevitável a entrada de Robinho (2006e, s/p, grifo nosso).

---

<sup>56</sup> Ao acusar a CBF de falta de equidade ao tratar os jornais, Tostão reforça a ideia do Brasil antimoderno, um país que trabalha sob a lógica do favorecimento.



Dos assuntos debatidos por Tostão, vemos que o planejamento da Comissão Técnica, em relação aos treinos, é deficiente, e o excesso de confiança é um sentimento presente na concentração do Brasil, em pelo menos um jogador. Essa soberba<sup>57</sup> foi tema de discussão em muitos programas esportivos na TV.

Antes do segundo jogo, contra a Austrália, Tostão dá o tom do que é esperado da Seleção nessa Copa:

Hoje, todo o Brasil espera uma atuação melhor do que contra a Croácia. Não adianta os operatórios e utilitaristas dizerem que só importa a vitória. Pela importância e excelência do futebol brasileiro, todo o mundo, e não só o Brasil, quer assistir a ótimas partidas da seleção [...]. Contra a Croácia, o Brasil mostrou um futebol lento e burocrático. Não houve uma jogada coletiva em velocidade (2006f, s/p).

Esse trecho demonstra a expectativa em torno da Seleção Brasileira, e isso se deu pela qualidade do elenco brasileiro. Não se esperava o título pura e simplesmente, a expectativa de grandes apresentações era maior. O título viria por mérito, pelas apresentações de sucesso que seriam feitas. E isso é demonstrado na fala de Tostão, após o jogo contra os australianos, quando expõe a sua impressão sobre o jogo e sua expectativa acerca das futuras apresentações da seleção: "Deu novamente para o gasto. Escrevi antes da Copa que, se o Brasil ganhar o título, será com grande brilhantismo.<sup>58</sup> Isso ainda não aconteceu, mas ainda há tempo" (TOSTÃO, 2006g, s/p).

Mesmo sem querer aprofundar neste momento algumas críticas ao treinador e discorrer sobre a análise tática, Tostão (2006h, s/p), mais uma vez, demonstra o sentimento que se propagava pelo país. Ainda sobre o jogo contra a Austrália, define:

O Brasil não tomou gol nos dois jogos muito mais por causa da boa atuação individual dos zagueiros e de Dida e da ruindade dos atacantes adversários do que por uma boa marcação coletiva. O australiano Viduka foi o terceiro zagueiro brasileiro. Falta ainda Parreira descobrir que Juninho é uma opção melhor do que Zé Roberto, que tem jogado bem, mas sem brilho. Zé Roberto se limita a cercar, desarmar e tocar a bola curta para o lado. É pouco para um armador da seleção brasileira.

<sup>57</sup> As formas como o Brasil e o brasileiro incorporam a modernidade se reforça com esses acontecimentos.

<sup>58</sup> Vencer com brilhantismo é vencer com a marca do antimoderno, ou seja: a seleção sob a tutela da mais alta tecnologia, cercada pela ciência apresentou-se na Copa do Mundo de 2006 de forma deficiente, pragmática. Nesse momento, o craque, proveniente da desorganizada várzea, do rústico, deverá salvar o futebol brasileiro, sobrepondo-se à modernidade.

Tostão aponta uma capacidade técnica deficiente a Zé Roberto. Deficiente para a Seleção Brasileira, pois considera que, para esse nível, o jogador deve mostrar mais do que vinha apresentando.

Sobre a vitória brasileira contra o Japão, o mais interessante é o comentário sobre a Comissão Técnica, ou melhor, com uma vitória convincente sem alguns titulares e jogando da maneira como se esperava, abria-se a possibilidade de mudanças no time.

Foi uma belíssima exibição do Brasil. Com os novos jogadores, que nunca tinham treinado juntos, o time ficou muito mais rápido, imprevisível e habilidoso. **Parecia uma grande Seleção Brasileira e não da Europa,**<sup>59</sup> como nos primeiros jogos. O Brasil fez quatro gols e criou mais umas dez chances para marcar. Juninho mostrou como se deve atuar um volante. Marcou, apoiou e finalizou de fora da área [...]. No final da partida, a TV mostrou o Parreira e o Zagallo sérios e preocupados. Deviam estar pensando nos problemas que criaram com a escalação dos novos jogadores. Juninho, Robinho e Gilberto Silva merecem ser titulares, não somente por esse jogo, mas pelo que sabem jogar. Parreira, coragem (TOSTÃO, 2006i, s/p, grifos nossos).

Interessante o conselho dado ao treinador. Parreira é um profissional conhecido por adotar conceitos táticos defensivos, e sua frase de que o gol é um detalhe reflete um pouco isso. A necessidade de mudança na equipe era evidente, e a expectativa era de que fosse acontecer no jogo contra Gana. A confiança nesse jogo era alta, e Tostão explica por quê:

Contra os europeus, o time brasileiro sabe o que vai encontrar. Eles raramente saem da programação. Já os africanos costumam aprontar grandes confusões. O jogo fica diferente. Isso pode facilitar ou complicar para o Brasil. Em vez de recuar demais, como fazem as seleções da Europa quando enfrentam o Brasil, Gana costuma pressionar no meio-campo e contra-atacar rapidamente. Em compensação, deixa mais espaços na defesa (TOSTÃO, 2006j, s/p).

O jogo contra Gana foi como Tostão havia previsto. Com a linha de marcação adiantada, o Brasil aproveitou. A "blitz" esperada pelo lado da Seleção Brasileira foi feita por Gana.

---

<sup>59</sup> Mais uma vez, quando a Seleção Brasileira ganha ou joga bem, é tratada como o modelo antimoderno e detentora de um estilo original. Mesmo com várias deficiências, supera as grandes dificuldades, inclusive a Europa e sua modernização. Como nossos jogadores são quase todos de clubes estrangeiros, a forma como a nossa Seleção jogou lembrou a genuína Seleção Brasileira, isto é, não européia. j.

O Brasil sabia que Gana jogaria com a defesa adiantada e aproveitou bem essa situação. Mas inverteram-se os papéis. O time pequeno pressionou, e o grande, no contra-ataque, fez os gols. Carlos Alberto Parreira, que sempre criticou os adversários por terem oito atrás da linha da bola, viu o seu time fazer o mesmo contra a pequena seleção de Gana (TOSTÃO, 2006k, s/p).

Fator que teria ajudado os brasileiros, a crença mítica contra Gana não seria útil contra o próximo adversário: a França. "Prevaleceram a qualidade, a experiência e a mística do futebol brasileiro. Contra a França, primeiro forte adversário no Mundial, o Brasil precisa jogar melhor" (TOSTÃO, 2006k, s/p).

Antes da partida, Tostão (2006l, s/p) lembra que a equipe que funcionou no jogo contra o Japão, e que apresentou o futebol mais perto do que a expectativa encomendou, não havia dado certo nas eliminatórias.

Além de marcar no meio-campo, e não na sua intermediária, outra opção para corrigir essa deficiência seria escalar Juninho, passando Ronaldinho Gaúcho para o ataque. Mas essa formação não deu certo nas eliminatórias. **O problema também não é no número de volantes, e sim de 'postura'.** Por isso, prefiro manter o quarteto ofensivo, ainda mais se Robinho substituir Adriano.

Assim, chegamos a outro ponto que foi muito cobrado durante toda a Copa: a postura tática adotada pelo treinador, pelo elenco que possuía e pelas escolhas que fez. Ainda dentro da competição, a esperança era que a equipe melhorasse, mesmo no curto espaço de tempo. Mais uma vez, o elenco brasileiro permitiria isso. "Se o Brasil não evoluir, correrá grandes riscos de perder para a França. Depois, não adianta lamentar **o que não foi feito**" (TOSTÃO, 2006l, s/p, grifo nosso).

Analisando a França, Tostão o faz com autoridade de um de dentro. E o faz partindo do conhecimento dos pontos fracos do Brasil e de como a equipe adversária se aproveitaria disso: "A razão principal de os adversários tocarem a bola com facilidade desde a defesa até próximo à área do Brasil e criarem muitas chances de gols não é só pelo recuo de Emerson ou Gilberto Silva, mas também de toda a defesa" (2006m, s/p).

Além disso, o comentário, o alerta que fez, demonstra o que seria o jogo para o Brasil:

A França deve jogar com quatro defensores, dois volantes, um meia de cada lado com funções defensivas e ofensivas e Zidane livre, próximo de Henry, o único atacante. Nesse esquema, o sistema defensivo fica

fortalecido, porém há poucas alternativas de ataque. **O maior perigo são os lançamentos entre os zagueiros para Henry.** Os craques costumam crescer nos jogos importantes. Como há craques dos dois lados, um pouco mais do Brasil, deve ser uma partida sensacional (2006m, s/p, grifo nosso).

A crônica, após a derrota, denuncia todos os equívocos cometidos pela Comissão Técnica, pelos jogadores e, apesar de ser um resquício de ex-jogador, é lúcida. Não dramatiza a derrota brasileira e, sobretudo, evita a polêmica:

Estou decepcionado. **Sei como é triste para um atleta ser eliminado de uma Copa [...].** O Brasil mudou de esquema tático, de jogadores, mas não mudou na postura de marcar muito atrás, dando toda a liberdade para a França tocar a bola desde a defesa até à intermediária brasileira. A França foi muito melhor durante todo o jogo. Zidane deu um *show* de bola [...]. Além da péssima atuação coletiva, todos os jogadores do Brasil tiveram péssimas atuações individuais. Uma lástima [...]. Estou também indignado, mas não posso criticar baseado em suposições. **Prefiro criticar o que vi e percebi, como os treinos diários com os jogadores fora de posição e em um campo pequeno. Isso não tem nada a ver com uma situação de jogo. Por outro lado, durante 40 dias o Brasil não fez um único treino com o esquema tático de hoje, com três volantes, que já não tinha dado certo nas eliminatórias.**

A conquista da Copa das Confederações e a goleada sobre a bastante desfalcada Argentina nessa competição foram uma ilusão. **O mundo achou que o Brasil tinha uma seleção maravilhosa, que ganharia fácil o Mundial.**

Parreira é o responsável pela escalação do time e pelo esquema tático, mas não é o único culpado. **Ele cometeu vários erros, principalmente o de não dar condições para que as estrelas do time jogassem como nos seus clubes.** Mesmo assim, eles poderiam ter jogado muito melhor. Foram uma decepção. O Brasil está fora da Copa. Acabou. Mas o futebol continua (2006n, s/p, grifo nosso).

Tostão apresenta esse momento de derrota da Seleção Brasileira reconfigurado pela sua memória e por seus conceitos, construídos dentro de seu contexto de ex-jogador e agora comentarista. Seus conhecimentos servem para mostrar erros e acertos na preparação e nos treinos da Seleção Brasileira, considerando suas experiências, por conseguinte, aquilo que ele acredita ser o correto. Relembra, em 1998, momentos em que foi treinado por Zagallo, quando da Copa do Mundo de 1970, apontando os períodos diferentes, quando o treinador se equivocava em repetir algumas ações do passado, mesmo tendo como resultado uma seleção que marcou a história do futebol brasileiro. Não foi respeitada a modernidade incorporada por nossos atletas que jogam na Europa. Tentou-se fazer algo diferente da tradição e, ao mesmo tempo, não foram respeitados os saberes acumulados.

Tostão não se abstém de criticar os jogadores, de forma coletiva ou individual. Entretanto, o cronista Tostão acredita que o jogador brasileiro possui uma técnica diferenciada, um conjunto de habilidades que o configura como capaz de decidir partidas mesmo quando o contexto tático não o favorece. Por outro lado, essa capacidade em se sobrepor ao conceito da coletividade do esporte implica a dificuldade do brasileiro em se adaptar ao contexto de futebol praticado em países que valorizam a organização tática. Tostão acredita que o sentimento do jogador brasileiro é de superioridade em relação aos companheiros de grupo e que essa problemática atrapalha sua adaptação. Com isso, pensamos que a grande necessidade do jogador brasileiro, quando vai jogar em um grande centro europeu, é de se adaptar à condição de reserva, tendo que lutar por uma vaga no time titular, o que reflete a mentalidade tradicional de uma sociedade não moderna, que reproduz o pensamento de não competir por uma nova situação, carregando consigo a ideia de lugar cativo.

Outro ponto a ser destacado é a indefinição em apontar o que é o talento do jogador brasileiro. O que vemos é um debate que relaciona a formação do atleta, desde o seu nascedouro até quem o forma – seja o professor, seja algum pai abnegado que dedica algum tempo a levar o grupo de garotos para momentos de lazer no campo do bairro. Percebemos uma crítica à institucionalização da formação dos futuros jogadores. Em sua época, a formação do jogador começava livremente, sem professores para ensinar quaisquer conceitos ou regras, e, depois, aqueles que demonstrassem alguma aptidão técnica e física eram encaminhados aos clubes, ou se inscreviam nas peneiras para mostrar o que sabiam fazer em campo. Com o advento das escolinhas de esporte, esses boleiros estariam desaparecendo, dando lugar a jogadores mais bem informados e profissionais, geralmente orientados por empresários (TOSTÃO, 1999a, p 4-3).

O que se percebe nos escritos de Tostão é uma valorização dos tempos de várzea, do jogar livre, em contraposição aos processos de aprendizagem do futebol de hoje. Outro debate se estabelece sobre o profissional envolvido na formação dos jovens futebolistas: de um lado, o ex-jogador, experiente no cotidiano do futebol, que detém vasta experiência como atleta e, de outro, o acadêmico com conhecimento científico. Para Tostão, as escolinhas e a várzea são espaços diferentes e com atividades também distintas, pelo envolvimento de profissionais, pela orientação e por um critério de fundamental importância: a criatividade.

Como regra, os clubes colocam, para comandar esses jovens, ex-jogadores, com uma história no futebol, mas a maioria sem conhecimento técnico, científico e dos métodos de treinamento. Outras vezes, teóricos e professores de educação física, com conhecimento técnico e científico, mas sem prática nem sensibilidade para essa função. Pior, existem acusações e evidências de que somente são aceitos em alguns clubes meninos já ligados a empresários (TOSTÃO, 1999b, p. 4-2).

Estabelecendo um paralelo entre seus escritos e sua formação, acreditamos que ter participado de um grupo que é reverenciado até os dias de hoje lhe permite argumentar sobre a seleção e sobre aqueles que a representam. Claro que sua aceitação no meio esportivo, agora como cronista, vai além disso, porém gostaríamos de acrescentar a influência do não reconhecimento como um jogador técnico, habilidoso e, sim, o reconhecimento como jogador cerebral. Para Tostão o seu desempenho como jogador é suficiente para que fosse lembrado junto daqueles que se estabeleceram como habilidosos, técnicos, e que são reconhecidos dentro das características que compõem o futebol-arte brasileiro. A mágoa de Tostão foi exposta algumas vezes durante o período de leitura da pesquisa. O debate da memória se apresenta como um lugar contestado. Salvador (2005, p. 223) aponta em sua pesquisa que “[...] os protagonistas que vivenciaram o passado remontam à história oral de forma parcial e relativa, na busca inconsciente do seu espaço na história, de modo a justificar os motivos e as razões da sua própria existência”.

Talvez uma parte do reconhecimento buscado por Tostão na memória esportiva tenha sido publicada por José Luis Hurtado no jornal espanhol Marca, quando da elaboração de uma reportagem na qual se debateu sobre os grandes meios-de-campo formados em seleções nacionais. Depois de citar que a mescla de Mauro Silva e Zidane seria o meio-campista perfeito, e da Seleção Francesa de 1982 e 1984, quando ganhou a Eurocopa com Platini, Gieresse, Tigana e Genghini, lembra do meio-campo brasileiro formado para a disputa da Copa de 1970, no México. Martín Vázquez se recorda da França dos anos de 1980, e do Brasil de 1970: “‘La Francia del 84 tenía muy buen equipo’. El centrocampista también se acuerda ‘del Brasil del 70’. Em ese Mundial, en México, Brasil resolvió el debate juntando en el centro del campo a cuatro ‘dieces’: Pelé, Gérson, Tostao y Rivelino. Y ganó el título” (HURTADO, 2009, acesso em 10 fev. 2009). Tostão, nesse debate, está ao lado daqueles que, na memória, construíram o futebol-arte brasileiro, de forma diferente do reconhecimento dispensado a ele no Brasil.

O fato de esse reconhecimento, no Brasil, ser diferente do que Tostão acha que mereça, implica o seu sentimento de pertença e deve ser considerado ao se ingressar na leitura de suas crônicas, no que diz respeito ao processo de lembranças e esquecimentos dos fatos e das leituras feitas no presente.

## 4 CONCLUSÕES

Analisar as crônicas para este trabalho implicou construir seu histórico, para saber, afinal de contas, do que se tratava, sua trajetória e desenvolvimento, sem preocupação em definir aqueles que a teriam criado: um subgênero com muitas peculiaridades, que chegou ao Brasil e se transformou de tal forma que o invocam como um produto genuíno. Sobre isso, percebemos<sup>60</sup> que a crônica objetiva a entreter, por meio de linguagem coloquial, pessoal, permitindo ao cronista opinar, buscando diálogo com o leitor. A crônica é voltada para a publicação em jornais, em um breve espaço, tratando do cotidiano das cidades, dos esportes, das artes.

Podemos perceber que, além de ser um equívoco considerar a crônica como brasileira, e, por mais que se queira indicar Mario Filho como seu criador, mesmo como homenagem, o gênero crônica se desenvolveu em solo europeu, com característica anglo-saxã e, ao chegar à Espanha, país já citado, que serviu de parâmetro comparativo, ganha um novo formato, com o não uso de termos da língua inglesa, caracterizando-se de acordo com os costumes regionais.

No Brasil, desenvolve-se de forma peculiar da cultura local. Como foi visto, desde os tempos da chegada da família real ao País, percebe-se o uso de ironias já sendo empregado na construção da leitura do cotidiano pelos escritores da época em que a Monarquia era o sistema de governo vigente. Assim,

José Lins do Rego e os irmãos Nelson e Mário Filho podem ser considerados os maiores expoentes da crônica de futebol pela constância na temática, pela qualidade literária de seus escritos e, também, por sua repercussão entre o público leitor. Suas trajetórias pessoais confundem-se com a história da crônica de futebol no Brasil. **Foram grandes incentivadores do esporte e extremamente apaixonados pelo futebol.** Dedicaram-se à crônica de futebol e ao jornalismo esportivo, mas também se aplicaram a outras atividades nas quais se notabilizaram (ANTUNES, 2004, p. 35, grifos nossos).

Além do histórico da crônica, construir o personagem a ser investigado configurou tarefa importante para o entendimento daquele que forneceria o material

---

<sup>60</sup> Além disso, percebemos a coluna como um espaço informativo, de linguagem formal, jornalística, impessoal, voltada para os jornais, tratando do cotidiano, dos esportes, das artes, da economia e da política, enquanto o conto se utiliza de linguagem poética para entreter, direcionado a ser publicado nos livros, observando-se uma estrutura particular, com um herói e o seu afastamento de sua comunidade, a superação de um revés, o triunfo, a reparação dos danos causados e o retorno à sua comunidade (SOARES, 1998).



a ser pesquisado para que fossem traçadas algumas características do futebol brasileiro e delimitados os assuntos que seriam a base desta pesquisa.

Ler sobre Tostão foi importante para o exercício posterior de leitura-análise-entendimento de seus escritos. A sequência de eventos apresentada no Capítulo 3º vislumbrou o entendimento dos escritos de Tostão em momentos diferentes: vitórias, derrotas, fracassos, frustrações.

Tostão se vale de suas experiências para o debate em seu espaço, sobretudo quando o tema é Seleção Brasileira de Futebol. Usa a memória como um elo entre o passado e o presente, lembrando que esse resgate ganha sentido com a interpretação do passado individual e de grupo (POLLACK, 1989).

[...] as memórias não se formam em um processo harmônico e natural, as tensões entre diferentes grupos e interesses é que ditam o que deve ser resgatado do passado. Esse processo das lembranças também não pode ser entendido como premeditado. Entre as divergências na sociedade, existe um sentimento maior de manutenção e sobrevivência de gerações mais velhas, que por intermédio da memória, possibilite a permanência de suas identidades no presente e a justificativa que permita seu espaço no futuro (SALVADOR, 2005, p. 221).

À medida que seleciona seus temas, percebemos que estes se relacionam com sua identidade futebolística. Ao tratar daqueles que são intitulados craques, das situações táticas fundamentais ou das tarefas técnicas, usualmente, compara-os com outros craques e, ao final, cita suas passagens pela seleção ou seus momentos marcantes – mesmo que seja por angústia ou tristeza.

*A memória é seletiva.*<sup>61</sup> Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada (POLLAK, 1992, s/p).

Assim, o debate sobre estilos de jogo desenvolvido neste trabalho serviu para estabelecermos uma volta aos aspectos característicos pertinentes à Seleção

---

<sup>61</sup> Um exemplo de memória do futebol brasileiro é a derrota na Copa de 1950, sobre a qual podemos verificar rememorações como esta: “Em sua autobiografia, Zizinho reconhece: ‘Ainda hoje os pais me param na rua e dizem a seus filhos: ‘Este é o Zizinho, que jogou na Copa de 50’. Joguei dezenove anos, tenho alguns títulos, e sou lembrado, como os demais jogadores daquela campanha, como um perdedor” (PERDIGÃO, 1986, p. 37). O jogador lamenta ser lembrado pela mancha da derrota, e não pelos títulos conquistados. Outro exemplo de “mártir” dessa derrota é Barbosa, considerado o grande responsável pelos gols que levou.

Brasileira presentes nos escritos de Tostão. Ao afirmar a arte inerente ao futebol brasileiro, confirma a existência de um modelo de futebol que se constrói com uma prática oposta: o futebol-força, objetivo, pragmático.

Além do contexto sul-americano e europeu apresentado, mostra outras duas escolas emergentes: a africana e a asiática. Influenciados pelas escolas tradicionais,<sup>62</sup> africanos e asiáticos procuram construir uma identidade buscando modelos em outras culturas futebolísticas sedimentadas, sem diminuir o seu próprio contexto cultural.<sup>63</sup>

Corroboramos o pensamento de Salvador (2005) em relação ao discurso de proteção ao futebol e ao sentimento de pertença proporcionado, porém o discurso apresentado por Tostão, mesmo fazendo parte do grupo que ajudou a manter o estigma de futebol-arte, não se apresenta homogeneizado a essa posição essencialista de leitura do futebol. Suas lembranças, talvez por se sentir isolado no processo, no sentido de uma valorização que não condiz com a que ele acredita ser merecedor, faz com que ele selecione outros momentos que ajudem a esclarecer o cenário do futebol nacional, marcando seu lugar e os de sua geração na memória do nosso futebol, desmistificando algumas questões e destacando, no discurso do cronista, algumas características que seriam peculiares ao futebol brasileiro:

- a) o jogador brasileiro possui uma habilidade determinante que pode decidir qualquer jogo, mesmo que o planejamento tático esteja mal desenvolvido porém o cronista não deixa de destacar que essa situação atrapalha a

---

<sup>62</sup> Para Cruyff (1974, p. 69), uma grande polêmica criada durante a Copa do Mundo de 1974 foi a “[...] existência de dois estilos diferentes de fazer e entender o futebol: o estilo sul-americano e o europeu”. A justificativa para a existência de dois estilos de futebol, para o ex-jogador holandês, seria climática: “O futebol sul-americano é muito mais lento que o europeu em razão de sua realidade climática. Sob forte calor, o corpo humano não pode deslocar-se com a velocidade que um clima frio permite – e inclusive exige. Essa circunstância determina um ritmo de jogo mais lento, preciosista, barroco, de maior retenção da bola. O jogador europeu, acostumado a temperaturas mínimas, familiarizado com a neve e a chuva, perde velocidade e força quando se locomove até os estádio sul-americanos, sob um sol abrasador. Cada uma dessas escolas de futebol está, portanto, justificada e explicada em seu meio ambiente natural, e é impossível pretender que os sul-americanos joguem como nós – ou o contrário”. Lembrando que o Brasil é o único país campeão fora de seu continente – Suécia, 1958, e Coréia-Japão, 2002.

<sup>63</sup> Uma analogia interessante sobre a dança como representação da organização social é apresentada por Franco Júnior (2007, p. 226): “Trazendo essa idéia para o mundo do futebol, talvez se possa dizer que ao tango e seus passos firmes, suas reviravoltas bruscas, sua alternância de ritmo, ora rápido, ora lânguido, corresponde o futebol argentino de muitos passes e fintas curtas. Ao samba, com seus movimentos livres, suas gingas e seu ritmo acelerado, corresponde o futebol brasileiro de muita improvisação e dribles. Às várias danças tribais dos africanos, muito atléticas e plásticas, corresponde o futebol feito de imaginação e força que as nações negras, apesar de grande diversificação, praticam”.

- adaptação do “craque” brasileiro quando vai jogar no exterior e tem que começar uma partida no banco de reservas, pois se sente superior aos companheiros de grupo;
- b) a indefinição em apontar o que seria o talento do jogador de futebol se apresenta em seu discurso, muito em função do seu crescimento no futebol nos tempos da várzea, criticando a institucionalização da formação de base nos clubes;
  - c) Tostão não assume o discurso de fraqueza psicológica do atleta brasileiro, porém indica a importância<sup>64</sup> da psicologia para um melhor desempenho desportivo; aponta que a cultura futebolística no Brasil e a necessidade da vitória sempre influenciam esse esporte, mas não se apresentam como fator determinante; assume o complexo de “vira-latas” como um problema a ser tratado por especialistas;
  - d) nos discursos apresentados, existem dois projetos de Brasil em tensão, não propriamente em oposição: o Brasil que deve construir originalmente seu lugar no mundo transformando a tradição, mas sem romper com ela – antimoderno, e outro projeto que denuncia a derrota por não termos incorporado a modernidade;
  - e) não assumir o discurso da inferioridade técnica<sup>65</sup> do jogador brasileiro equilibra o discurso da responsabilidade psicológica pela derrota, como destacamos na passagem que segue sobre a Seleção de 1982, que dá o tom daquilo que foi discutido ao longo desta pesquisa:

O resultado do levantamento feito junto aos leitores da Revista sobre qual foi a pior derrota do esporte brasileiro, no século, era esperado. Os leitores

---

<sup>64</sup> Cruyff descreve o estado emocional da seleção holandesa no jogo contra a Seleção Brasileira, na Copa do Mundo de 1974: “Brasil: um só nome evoca a imagem de um gigante do futebol, de um time legendário, praticamente de um mito [...]. A partida foi disputada em Dortmund e começarei por confessar que fomos para lá com sérias reservas e uma certa dose de nervosismo [...]. Os primeiros vinte minutos foram os de maior inquietude para a equipe laranja. As coisas não saíram a nosso gosto, parecia que a sombra do gigante sul-americano pesava sobre nosso ânimo [...]. Depois de meia hora de dificuldades, despojados de qualquer temor, sacudindo o complexo de estar à frente dos invencíveis, perdemos todo o respeito por eles e pelo que sem dúvida são e significam na história do futebol, e pudemos ir inclinando a cabeça em nosso favor” (CRUYFF, 1974, p. 60-61).

<sup>65</sup> Como aconteceu em 1974, na opinião de Cruyff: “Ao Brasil faltaram jogadores geniais. A equipe brasileira, Campeã do Mundo, apoiava suas ações em três verdadeiros gênios do futebol: Gérson, Tostão e Pelé. Com três jogadores dessa categoria assombrosa no ataque, as coisas ficavam bem mais fáceis [...]. É preciso admitir que aqueles gloriosos craques já não estão em campo [...]. Os campeões do mundo de 1970 tiveram de reduzir-se a uma defesa sólida, a um jogo dirigido pelo centro, e a um ataque de piques [...]. Zagalo teve de mudar o estilo da equipe” (CRUYFF, 1974, p. 88-89).

são mais jovens e a perda da Copa de 98 é mais recente. Ela aconteceu numa final \_quando a frustração é maior\_ e de goleada para a França, um país que está mais acostumado a ganhar corrida de bicicleta [...].

Apesar da lembrança da Copa de 50 ser mais distante, aquela derrota foi mais marcante, por ter sido numa final, e no Maracanã lotado, com 200 mil pessoas. O Brasil era favorito, começou a partida vencendo por um a zero, tinha ganho vários jogos de goleada e possuía os melhores jogadores do mundo. Obdúlio Varela, capitão do Uruguai, estragou a festa brasileira, com sua liderança e belo futebol em campo. Esta derrota somente não foi a vencedora na pesquisa porque é mais antiga e o tempo é o melhor remédio para as frustrações.

Em 82, a decepção foi menor que as outras duas, já que a Copa foi em outro país, a Espanha, e a derrota ocorreu antes da final. No entanto, ela frustrou mais que a perda de outros Mundiais porque o time brasileiro era o mais festejado durante a Copa. Foi a grande geração de craques como Zico, Falcão, Sócrates, Cerezo, Júnior e outros. Ficou o consolo de que a derrota foi um acaso, um acidente a favor da Itália, que se tornaria campeã e cujo futebol, até aquele momento, não convencia.

Após a Copa de 70, com exceção da de 82, o país foi muito festejado, considerado favorito, mas, na verdade, a equipe era inferior às outras seleções. Além dessas derrotas, os times brasileiros também perderam para os europeus as últimas decisões do Mundial Interclubes.

A responsabilidade de vencer e a valorização excessiva de um título de futebol no Brasil afetam o equilíbrio emocional dos jogadores. Eles disputam as decisões intranquilos, como se estivessem indo para uma guerra, e acabam perdendo.

Uma postura mais realista, se não ajuda vencer, pelo menos pode suavizar as decepções com novas derrotas (TOSTÃO, 1999b, p. 12).

Além disso, destacamos uma tentativa de Tostão em buscar um reconhecimento que lhe seria devido na conquista do tricampeonato em 1970, no México. Dentro do que foi visto da memória como um lugar de contestação, de disputas, percebemos em Tostão essa característica de forma bem acentuada quando trata, em suas crônicas, de assuntos referentes à história da Seleção Brasileira de 1970, sobretudo no tocante a questões da habilidade e plasticidade apresentadas pela equipe.

Tostão escreve buscando seu lugar também como jogador de extrema técnica na execução dos fundamentos do futebol, ao lado de Pelé, Gérson e Rivelino, e lamenta de forma veemente o fato de ser lembrado apenas como jogador cerebral, que sabe jogar com a bola.

Relembra fatos de sua época de atleta quando recebia críticas por sua baixa estatura. Conta que ficou atrás de Pelé nos exames físicos, que apontaram a mesma altura para os dois.

Assim, ao estudar, analisar o cronista Tostão e entender as suas crônicas também considerando sua história individual, percebemos sua rememoração dos fatos e o desejo de que seja registrado o seu lugar junto aos jogadores que construíram o genuíno futebol brasileiro.

## 5 REFERÊNCIAS

ALVES, Lorenzo. **Fútbol técnica moderna**. Barcelona: Editorial Sintet, 1959.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. "**Com brasileiro não há quem possa!**": futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

A SELEÇÃO brasileira de todos os tempos. **Revista Realidade**, São Paulo: Editora Abril, 1970.

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, "senhores da memória"? In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA (INTERCOM). 4., 2004, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: INTERCOM, 2004.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003a.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003b.

BUSCH, Wilhelm. **Fussbal in der schule**. Frankfurt: [Wilhelm Limpert-Verlag Gmbh](#) 1963.

BUYTENDIJK, F. J. J. **Psicologia do futebol**. São Paulo: Editora Herder, 1965.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CANDIDO, Antonio et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas**: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. 2007. 374 f. Tese (Doutorado em História)\_ Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

COELHO, João Nuno. **Portugal**: a equipa de todos nós: nacionalismo, futebol e *media*: a reprodução da nação nos jornais desportivos. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

COELHO, Frederico Oliveira. Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad – Faperj, 2006a. p. 228 - 258.

COSTA, Andréia C. Barros. **Bate-bola com a crônica**: o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira. 2001, 80 f. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social. Faculdade de Comunicação – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2001.

CRUYFF, Johann. **Futebol total**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1974.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)\_. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DZHAMGAROV, T. T; PUNI, A. T. S. **Psicología de la educación física y el deporte**. Ciudad de La Habana: Ministerio de Cultura Editorial Científico-Técnica, 1979.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

EBERSPÄCHER, Hans. **Sportpsychologie**: Grundlagen, Methoden, Analysen. Hamburg: Gesamtherstellung Clausen & Bosse, 1982.

FABIAN, A. H; WHITTAKER, T. **Constructive football**. Londres: Edward Arnold & Co, 1950.

FERNÁNDEZ, Maria do Carmo L. de Oliveira. **Futebol fenômeno lingüístico**: análise lingüística da imprensa esportiva. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1974.

FITTS, Paul M.; POSNER, Michael I. **Human performance**: basic concepts in psychology series. Belmont, California: Brooks/Cole Publishing Company, 1967.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Laurentino. **1808**: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

GONZALEZ, Enric. **Histórias del cálcio**: uma crónica de Italia a través del fútbol. Barcelona: RBA Libros, 2007.

GORBUNOV, G.D. **Psicopedagogía del deporte**. Moscou: Vneshtorgizdat, 1988.

HURTADO, José Luis. ¿El mejor centro del campo de la historia? Danos tu opinión sobre las mejores medulares del fútbol mundial. **Marca**, Madrid, 9 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.marca.com/2009/02/09/futbol/sleccion/1234203946.html>> Acesso em: 10 fev. 2009.

LAURITO, Ilka; BENDER, Flora. **A crônica**: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.

LAWTHER, John D. **Psicologia desportiva**. Rio de Janeiro: Forum Editora, 1973.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIPPI, Marcello. "El 'catenaccio' no existe". **El País**, Madrid, p. 56, 24 mar. 2008.

LOBO, Roberto Jorge Haddock. **Psicologia dos esportes**. São Paulo: Atlas, 1973.

LÓPEZ, Emilio Mira y; SILVA, Athayde Ribeiro da. **Futebol e psicologia**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1964.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 159 - 171, set. 2003.

LYRA FILHO, João. **Introdução à psicologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MANHÃES, Eduardo. **João Sem Medo**: futebol-arte e identidade. Campinas: Editora Pontes, 2004.

MATEO, Juan José. Peru desafia al 'Brasil del tenis'. **El País**, Madrid, p. 59, 8 fev. 2008.

MARQUES, J. C. O futebol ao rés do chão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23, 2000, Manaus. **Anais...** Manaus: Intercom - GT Esporte e Mídia, 2000. 1. CD-ROM.

MARQUES, J. C. Futebol de griffe: a coluna e a crônica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24. 2001, Manaus. **Anais...** Manaus: Intercom - GT Esporte e Mídia, 2001. 1. CD-ROM.



MELO, V. A. (Discente-Autor): A crônica como fonte e o remo no Rio de Janeiro da transição do século XIX/XX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 9, 1999, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBCE – GT Educação Física/Esporte e Memória, Cultura e Corpo, 1999. Impresso.

MILLIET, Raul. **Vida que segue**: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

MONTÍN, Joaquim M. Marin. La crónica deportiva: José A. Sánchez Araujo. **Âmbitos**, n. 5, p. 241-257, 2000.

MOSQUERA, Juan; STOBÄUS, Claus. **Psicologia do desporto**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1984.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Jogando com Pelé**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974.

NOGUEIRA, A., SOARES, J., MUYALERT, R. **A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar**. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

NOGUEIRA, Armando. **Bola na rede**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.

NORMANDO, Tarcísio Serpa. O futebol como objeto de investigação acadêmica. **EFDeportes Revista Digital**, n. 58, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 30 jul. 2006.

PÁLFAI, János. **Métodos e sessões de treino no futebol**. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol, 1982.

PEDROSA, Milton. **O olho na bola**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Gol Ltda., 1968.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

POLETTTO, Juarez. História, memória, ficção. **Revista Eletrônica de Letras do DACEX**, n. 6, Curitiba, 2003. Disponível em: <[www.cefetpr.br/deptos/dacex/revista.htm](http://www.cefetpr.br/deptos/dacex/revista.htm)>. Acesso em: 9 dez. 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Futebol e palavra**. Rio de Janeiro; J. Olympio, 1981.

QUEIROZ, Carlos. **Estrutura e organização dos exercícios de treino em futebol**. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol, 1986.

RAMADAN, Maria Ivoneti Busnardo. **A crônica de Armando Nogueira: metáforas e imagens míticas**. 1997. 145 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) \_ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski Dantas; PIRES, Giovani De Lorenzi. Jornalismo esportivo e futebol em Aracaju/SE: recortes históricos de um "casamento feliz". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Conbrace – GTT Comunicação e Mídia, 2005. v 1. CD-ROM.

RODRIGUES, Nelson. Mário Filho, o criador de multidões. In: MARON FILHO, Oscar; FERREIRA, Renato (Org.). **Fla-Flu... e as multidões despertaram**. Rio de Janeiro: Europa, 1987. p. 136 - 138.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. (Ruy Castro, org.) São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROSA, Mario Miranda. **Curso de técnica de futebol**. São Paulo: Editora FLAMA, 1946.

SALDANHA, João. **O trauma da bola**: a copa de 82 por João Saldanha. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. Coleção Zona do Agrião.

SALDANHA, João. **Vida que segue**: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970. (Raul Milliet, org) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SALVADOR, Marco Antonio Santoro; BARTHOLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge. A imprensa e a memória do futebol. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Conbrace – GTT Comunicação e Mídia, 2005. 1. CD-ROM.

SALVADOR, Marco Antonio. **A memória da Copa de 1970**: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. 2005. 235 f. Tese (Doutorado em Educação Física) \_ Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

SANDER, Roberto. **Anos 40: viagem á década sem copa**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6 ed. São Paulo, Ática, 2002.

SCHNEIDER, Omar; FERREIRA NETO, Amarílio; SANTOS, Wagner dos. Autores, atores e editores: os periódicos como dispositivos de conformação do campo científico/pedagógico da educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE E I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005. v. 1.

SCHUBERT, Frank. **Psychologie**: zwischen Start und Ziel. Berlim, 1981.

SCHILLING, Herausgegeben von Guido; PILZ, Gunter. **Sportpsychologie-wofür? Psychologie sportive-pourquoi?** Basel, Suíça: Birkhäuser AG, 1974.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, maio/jun./jul./ago. 2002.

SILVA, Athayde Ribeiro da. **Psicologia esportiva e preparo do atleta**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1967.

SIMÕES COELHO, Canôr; ZAMORA, Pedro. **O livro de Tostão**. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1970.

SINGER, Robert N. **Psicologia dos esportes**: mitos e verdades. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.

SOARES, Antonio Jorge G. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Rio de Janeiro, 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOLARI, Santiago. San Siro y el 'calcio': la Champions de Babel. **El País**, Madrid, p. 68, 25 fev. 2008.

THE FOOTBALL ASSOCIATION. **Coaching Manual**. Londres: Evans Brothers Limited, 1939.

THOMAS, Alexander. **Esporte**: introdução à psicologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

TOSTÃO. **Lembranças, opiniões, reflexões sobre o futebol**. São Paulo: DBA, 1997a.

TOSTÃO. Flash de uma vida. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 64, 28 set. 1997b.

TOSTÃO. As escolinhas de futebol. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 64, 2 nov. 1997c.

TOSTÃO. Crônica de uma viagem. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 64, 9 nov. 1997d.

TOSTÃO. Copa de Ouro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 64, 8 fev. 1998a.

TOSTÃO. Brasil x Argentina. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 66, 26 abr. 1998b.

TOSTÃO. Carta ao Zagalo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 66, 10 maio. 1998c.

TOSTÃO. Treinos na França. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 63, 31 maio. 1998d.

TOSTÃO. O craque e a alma. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 65, 7 jun. 1998e.

TOSTÃO. Cônica de uma estréia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 65, 11 jun. 1998f.

TOSTÃO. Dúvidas de Zagallo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 65, 14 jun. 1998g.

TOSTÃO. Erros individuais e coletivos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 69, 24 jun. 1998h.

TOSTÃO. Dúvidas do Zagallo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, s/p, 5 jul. 1998i.

TOSTÃO. O penta está próximo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 64, 8 jul. 1998j.

TOSTÃO. A grande final. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 64, 12 jul., 1998k.

TOSTÃO. O sonho acabou. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 70, 13 jul. 1998l.

TOSTÃO. Grave erro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 63, 19 jul. 1998m.

TOSTÃO. Brasil x Equador. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, s/p, 14 out. 1998n.

TOSTÃO. Boleiros. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 4-3, 7 nov. 1999a.

TOSTÃO. Decepção via satélite. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 12, 12 dez. 1999b.

TOSTÃO. A formação de um atleta. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D11, 13 ago., 2000.

TOSTÃO. Futebol globalizado na Ásia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D3, 11 jun. 2002.

TOSTÃO. Centroavante grosso não dá. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D3, 14 jan. 2004a.

TOSTÃO. A lista do Edson. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D7, 7 mar., 2004b.

TOSTÃO. Realismo, pessimismo e otimismo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p. 4 jun. 2006a.

TOSTÃO. Efeitos globais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 8 jun. 2006b.

TOSTÃO. Esperada estréia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 13 jun. 2006c.

TOSTÃO. Deu para o gasto. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 14 jun. 2006d.

TOSTÃO. Mistério do fenômeno. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 16 jun. 2006e.

TOSTÃO. Vencer e convencer. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 18 jun. 2006f.

TOSTÃO. Foi suficiente. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 19 jun. 2006g.

TOSTÃO. Parreira descobre. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 20 jun. 2006h.

TOSTÃO. Parreira, coragem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 23 jun. 2006i.

TOSTÃO. Teoria e prática. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 27 jun. 2006j.

TOSTÃO. Vitória atípica. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 28 jun. 2006k.

TOSTÃO. Tá bom e ruim. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 29 jun. 2006l.

TOSTÃO. Jogo de craques. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 1 jul. 2006m.

TOSTÃO. Agora acabou. **Folha de São Paulo**, São Paulo, s/p, 2 jul. 2006n.

TROUCHE, André Luiz Gonçalves. Será este, o país do futebol? **Hispanista**, v. 3, n. 10, jun./ago., 2002. Disponível em: <<http://www.hispanista.com.br/revista/rosto.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2006.

VALENTIM, Max. **O futebol e sua técnica**. Rio de Janeiro: Alba Editora, 1941.

VIGIL, Leonardo Rodriguez; SANCHEZ, Manuel Alonso. **Técnica del fútbol**. Madrid: Editorial Distribuidora, 1954.

ZAGALO, Mario Jorge Lobo. **As lições da Copa**. Rio de Janeiro: Bloch Editôres S.A., 1971.

ZORZENON, José. **El fútbol en la escuela**: funamentos técnico-tacticos. Buenos Aires: Editorial NUBEF, 1968.

ZUBELDIA, Osvaldo J.; GERONAZZO, Argentino. **Táctica y estrategia del futbol**. Buenos Aires: Jorge Alvarez Editor, 1965

## ANEXOS



## ANEXO A – Crônica: Seleção ameaça paz em Lésigny

24/05/1998

Fonte: Jornal do Brasil

Editoria: Esporte

Página: s/p

Edição: 3ª

Tostão

### Seleção ameaça paz em Lésigny

LÉSIGNY, França – A Seleção Brasileira já está treinando na França, hospedada na pequena e singela cidade de Lésigny, no Château de Grande Romaine. É um hotel antigo, confortável, sem luxo, mas com todas as instalações necessárias aos atletas, além de ser privado para a Seleção. Foi construído, dentro do hotel, um campo com dimensões quase oficiais para os treinos secretos de Zagalo. Os patrocinadores da Seleção também já estão bem instalados. O campo de treinamento na cidade de Ozoir, ao lado de Lésigny, está perfeito e foi melhorado depois das reclamações de Zagalo no início do ano.

As cidades de Lésigny e Ozoir são extremamente agradáveis, limpas, sem mendigos nas ruas, com uma extensa área verde, flores nas janelas das casas e uma sensação de paz e eternidade. Já imaginaram a chegada da torcida brasileira, o carnaval nas ruas da cidade, o samba e o pagode correndo solto? Após muita cerveja por causa do calor e das vitórias, alguns torcedores regarão os belos jardins das casas. Qual será a reação da população? Vai sair às ruas dançando, enrolada na Bandeira Brasileira, cantando a Aquarela do Brasil, ou fechará as portas em protesto, arrependida de receber a Seleção? Ligue 0-900 e diga sim (cairá no samba) ou não (chamará a polícia). O sorteado ganhará uma baguete com queijo francês e uma boa garrafa de vinho tinto.

### Sexo dos craques

Qual deve ser o comportamento sexual dos jogadores durante estes quase dois meses de Copa do Mundo? O sexo antes das partidas prejudica os atletas? Está correta a conduta da Comissão Técnica de somente permitir o sexo no dia de folga semanal e durante o dia? A abstinência sexual atrapalha os jogadores? Seria bom os jogadores levarem as suas esposas e namoradas?

Não sou especialista no assunto, mas, como fui atleta, médico e formado na teoria psicanalítica, posso dar alguns palpites. Primeiro, todos os estudos científicos e principalmente o bom senso e a vida mostram que a relação sexual feita com prazer, especialmente com a mulher amada e/ou desejada, sem traumas, arrependimentos, culpas, perda de sono ou isso de bebidas alcoólicas, ajuda o atleta na véspera dos jogos. O jogador se sente “levinho”, como disse Romário, ou como fala o ditado popular “com a alma lavada” – como se o sexo fosse sujo. Além disso, alguém já comparou a sensação de se fazer um gol com o orgasmo. Se for o gol do título, seria então como se fosse um orgasmo com a mulher amada, após um longo tempo de desejo e espera.

No entanto, existem aqueles atletas que preferem a abstinência sexual, seja por fidelidade às suas amadas ou por acharem que o sexo não é essencial e que podem ficar sem ele durante dois meses.

Temos que diferenciar a repressão sexual da sublimação. Quando se reprime o desejo sexual, mas ele continua presente no nosso pensamento, tentando retornar, perturbando os nossos sonhos, a abstinência é bastante prejudicial ao atleta e precisa ser resolvida, cada um de sua maneira, mesmo que sozinho. No entanto, algumas pessoas conseguem não reprimir o desejo, mas sublima-lo, trocá-lo por outros prazeres – leitura, cinema, treinos, jogos de cartas, até controle remoto da televisão etc. -, sem ficar com a sensação de frustração, mal-estar e arrependimento. Assim foram construídas a cultura e a civilização. Se não fosse essa capacidade do ser humano de adiar e trocar os seus desejos, que não existe em outro animal, ficaríamos agarrados uns aos outros e nos lambendo nas ruas, mas estaríamos livres da culpa e do pecado original.

## ANEXO B – Crônica: O diálogo na final da Copa

12/07/1998

Fonte: Jornal do Brasil

Editoria: Esporte

Página: 64

Edição: 2ª

Tostão

O diálogo na final da Copa

Qual vai ser a história dessa partida? Vamos imaginar os fatos e um diálogo, hoje, na final da Copa.

**PRIMEIRO TEMPO:** Empate em zero a zero.

**Zagallo:** Não estou gostando do time.

**Zico:** Nem eu.

**Zagallo:** O Júnior Baiano está inventando.

**Zico:** Ele teve uma recaída.

**Zagallo:** Roberto Carlos está avançando pouco.

**Zico:** Ele está se poupando para a prorrogação.

**Zagallo:** Bebeto está apagado.

**Zico:** Ele está com medo de errar.

**Zagallo:** O que é que eu faço?

**Zico:** Coloca o Denílson e o Emerson.

**Zagallo:** Vou esperar mais quinze minutos do segundo tempo.

**SEGUNDO TEMPO:** Voltou o mesmo time, Zagallo não fez mudanças táticas e individuais, mas deu uma grande bronca no vestiário – “Vocês têm de honrar a camisa brasileira.” O time voltou muito melhor, correu muito e no final da partida Ronaldinho driblou toda a defesa e jogou por cima do goleiro: 1 x 0 e o jogo terminou; Brasil pentacampeão do mundo.

Zagallo e Zico se abraçaram, choraram e trocaram elogios no microfone. O técnico, vermelho, com alegria e raiva, gritava: “Fui, sou e serei sempre o melhor técnico do mundo. Vocês terão que fazer uma estátua na Praia de Copacabana com os dizeres: ‘Zagallo, o Deus do futebol, já que o rei é o Pelé.’” O carnaval começou no campo, depois na Avenida Champs Elysées e no Brasil o povo dançou e cantou de alegria, como nunca tinha se visto antes.

## ANEXO C – Crônica: Hábito e repetição

15/04/2001

Autor: TOSTÃO . .3457tost

Origem do texto: Colunista da Folha

Editoria: ESPORTE Página: D7 014/5880

Edição: Nacional Apr 15, 2001

Seção: FUTEBOL

Arte: ILUSTRAÇÃO: EMILIO

Hábito e repetição

TOSTÃO

COLUNISTA DA FOLHA

AO OBSERVAR a minha cadela Lambreca, fico impressionado com seu ritual de comportamento.

Cada gesto é repetido em seus mínimos detalhes. Tudo muito bem programado. Parece até que ela treina escondido.

Quando saio de casa de carro, ela ocupa, num tempo exato, não sei porquê, já que não ensinei, o lugar do carro.

No instante em que fecho o portão da garagem, imediatamente ela abandona a posição.

O ser humano é também um animal de hábitos.

Em muitos momentos da vida, repetimos sem pensar nem questionar.

Em outros, refletimos sobre os fatos, a existência e sobre a nossa conduta.

Pensamos o pensamento. Isso nos faz mais alegres ou mais tristes.

Algumas pessoas pensam muito, e outras, pouco.

Há ainda as que pensam no momento errado. Quando é hora de pensar, faz. No instante de fazer, pensa.

Às vezes, pensamos muito e enxergamos pouco.

"O essencial é saber ver, saber sem estar a pensar, saber ver quando se vê e nem pensar quando se vê, nem ver quando se pensa." Fernando Pessoa.

No futebol, o craque pensa antes de fazer ou faz sem pensar?

Suas belas jogadas são um reflexo puramente medular, sem a intermediação da consciência, ou ele antevê a jogada e pensa mais rápido do que os outros?

Não sei.

Não está escrito nos livros.

Certamente o jogador não tem consciência do que fez no momento de uma grande jogada, mas existe um saber inconsciente que antecede o pensamento.

Com certeza, há os jogadores que quase não pensam.

Ou o reflexo medular é que está atrasado?

Parafraseando o Jô Soares, não querendo ser debochado, mas sendo, Mirandinha, aquele centroavante do Corinthians, dizia que não conseguia correr e pensar ao mesmo tempo.

Era uma coisa ou outra.

Escolheu correr. De vez em quando a mente protestava e resolvia também pensar.

Aí ele pisava na bola.

Há jogadores que pensam muito rápido, mas o seu corpo e sua técnica não acompanham seu raciocínio.

Djalminha, Palhinha (ex-jogador do São Paulo, América, Cruzeiro e hoje no Peru) e outros, são muito criativos, mas não conseguem executar o que imaginam.

Muitas vezes, o corpo, a técnica, a habilidade e o pensamento se afinam, mas falta alguma coisa.

É o caso do Alex. Tem todas essas qualidades, mas pouca mobilidade. Nada é perfeito.

Hoje no futebol a tendência é correr muito e pensar pouco. Não dá tempo para as duas coisas.

O jogo é muito rápido. Mais fácil do que criar é repetir, como faz a Lambreca.

Nas partidas, até os carrinhos são iguais.

Os jogadores deslizam na grama e saem atingindo os tornozelos, joelho e até as partes mais sensíveis.

A jogada do lateral que corre de cabeça baixa e cruza na área acontece umas quinhentas mil vezes, como diria o Gérson.

Os técnicos devem adorar essa jogada.

Os treinadores estão conseguindo o impossível: transformar o futebol, um esporte altamente criativo e imprevisível, com milhares de variações e possibilidades, numa coisa repetitiva, previsível e chata.

Raramente, repentinamente, acontece algo novo, diferente, como aquele gol do Alex driblando toda a defesa; do Marques contra o Goiás; do Oséas contra o Sporting Cristal; do Vampeta no campeonato Francês e outros. Ainda bem que existem essas jogadas criativas para bagunçar o coreto.

Em outras épocas, havia uma seleção natural. Os mais habilidosos e criativos eram preservados.

Hoje, há a seleção dos técnicos. Valorizam-se os velocistas, fazedores de faltas e os cumpridores das ordens do professor.

Será que os artistas da bola vão desaparecer?

Será que estamos vivendo um momento histórico, a transição entre os jogadores habilidosos e criativos para os brucutus?

Será?

## ANEXO D – Crônica: Chega de craque

25/02/2001

Autor: TOSTÃO . .2864tost

Origem do texto: Colunista da Folha

Editoria: ESPORTE Página: D7 012/9594

Edição: Nacional Feb 25, 2001

Seção: FUTEBOL

Arte: ILUSTRAÇÃO: EMILIO

Chega de craque

TOSTÃO

COLUNISTA DA FOLHA

O ASSUNTO sobre o craque é interminável.

Prometo encerrá-lo hoje, domingo de Carnaval. Promessa de folião aposentado!

Não se pode radicalizar.

Jogador não é craque ou perna-de-pau. Pode também ser ruim, mediano, bom, excelente, excepcional e até gênio.

Telê, Roger, Casagrande, Marcelinho, Edílson, Magno Alves, Donizete, França, Alex e outros do mesmo nível citados pelos internautas são excelentes, mas não são craques.

Telê foi craque como técnico.

É apenas minha opinião.

Alguns leitores do Cruzeiro e do Atlético-MG reclamaram que não inclui jogadores como Guilherme, Marques, Ricardinho e Sorín.

São excelentes, mas craque é diferente. Não sou somente cronista do futebol mineiro. Sou cronista de futebol.

Para ser mais claro, considero craques jogadores como Pelé, Gérson, Didi, Zico, Maradona, Garrincha, Nilton Santos, Carlos Alberto Torres, Rivelino, Ademir da Guia, Falcão, Reinaldo, Romário, Sócrates, Dirceu Lopes, Júnior, Zé Carlos (ex-Cruzeiro), Cerezo e alguns outros desse nível.

Alguns leitores que detestam o Romário (não são poucos) reclamam que elogio demais o jogador. Têm razão. O problema é que procuro craques de hoje para exaltar e não encontro. Acabo voltando ao Romário, mesmo sabendo que ele não joga, hoje, 40% do que já jogou.

Romário não é meu ídolo; é meu craque.

Ídolo é diferente de craque.

Meus ídolos são outros, raros: Chico Buarque, Oscar Niemeyer, Carlos Drummond de Andrade, Darci Ribeiro e o ex-jogador Afonsinho. Há outros.

Afonsinho não era craque e sim apenas um bom jogador.

Para ser ídolo, não é preciso ser craque.

Afonsinho foi o primeiro jogador a ganhar o direito ao passe na Justiça.

Aliás, a escravagista lei do passe será abolida no dia 26 de março se não prolongarem a data. Ela nunca deveria ter existido. Em 1988, a Constituição brasileira ratificou que todo homem é livre para escolher o seu trabalho.

Deveria somente respeitar a duração do contrato, ou pagar uma multa para rescindi-lo.

Então, estamos combinados. Chega de craque!  
Durante algum tempo (não sei quanto) só falarei dos medíocres. É muito mais fácil.  
São muitos!

\*

O Carnaval se aproximava e Lelé não sabia o que fazer.  
Era o maior craque do Brasil e iria disputar o título mundial.  
A partida decisiva seria na quinta-feira após o Carnaval, no Maracanã.  
Além de jogador, Lelé era um famoso sambista. Há mais de dez anos desfilava na avenida. Era o mestre-sala. Sua presença seria decisiva na escolha dos melhores do Carnaval.  
Para ele, a festa era mais importante do que o futebol. Só acontecia uma vez ao ano.  
Lelé tentou convencer o técnico de que a equipe não seria prejudicada. Prometeu sambar à noite, dormir durante o dia e não beber.  
Ou melhor, somente uma cerveja por dia, para hidratar. Na quarta-feira, estaria na concentração em boas condições físicas para jogar no dia seguinte.  
O técnico não aceitou.  
Todos os jogadores estariam concentrados nos dias de Carnaval. Lelé não poderia ser privilegiado. Se não se apresentasse na hora certa, não jogaria.  
Seria multado e teria o passe colocado à venda.  
O jogador não dormiu nos dias anteriores ao Carnaval.  
Esperara durante todo o ano por esse momento e não queria perdê-lo. Ao mesmo tempo, sabia que a partida era decisiva e que todos os torcedores confiavam nele. O que fazer?  
No sábado, o treinador ficou na porta do hotel, à espera dos jogadores. Chegaram tristes e cabisbaixos. O técnico esperou até as 11h. Lelé não apareceu.  
O jogador sambou as quatro noites, como nunca. Ganhou nota dez no desfile! Sua escola foi a campeã.  
Na quarta-feira, apresentou-se na concentração. Foi perdoado. Era o craque do time. Treinou e dormiu um longo e profundo sono. Feliz e em paz.  
O Maracanã estava lotado. Lelé bailou em campo.  
Foi o craque do jogo. Marcou o gol do título. Saiu carregado nos braços da galera.

## ANEXO E – Crônica: Luxemburgo diante do espelho

23/07/2000

Autor: TOSTÃO . .3884tost

Origem do texto: Colunista da Folha

Editoria: ESPORTE Página: D7 007/9305

Edição: Nacional Tamanho: 4632 caracteres Jul 23, 2000

Seção: FUTEBOL

Arte: ILUSTRAÇÃO: EMILIO

Luxemburgo diante do espelho

TOSTÃO

COLUNISTA DA FOLHA

WANDERLEY Luxemburgo está confuso, triste e preocupado. Não é pra menos. Ele, que foi quase uma unanimidade positiva, é, hoje, negativa. Após a derrota para o Paraguai, ele se olhou no espelho e levou um susto. A imagem refletida era a dele mais jovem, antes de se tornar famoso e técnico da seleção. Seguiu-se um franco diálogo entre a criatura (o técnico atual) e o criador (a imagem do antigo técnico).

Técnico: \_Estou arrasado! Faço tudo certo e sai tudo errado.

Imagem: \_Não houve surpresa. O time jogou mal como nos outros jogos. Os mesmos erros.

\_O futebol brasileiro está na entressafra. É isso!

\_Não é só isso. Depois de quase dois anos de trabalho, você ainda não formou uma equipe. Começou com um discurso moderno, falou de volantes que iriam defender e atacar, de jogadores com múltiplas funções, e nada aconteceu. Você contradiz a modernidade ao escalar jogadores lentos, estáticos, sem mobilidade e habilidade no meio-campo. Até o Zé Roberto, que tem características ofensivas, atua como um volante.

\_O problema é a falta de garra e atitude em campo .

\_Essa é uma boa desculpa. Agrada os torcedores e transfere a responsabilidade para os atletas.

\_Então, qual é o problema?

\_Além da falta de excepcionais jogadores, o esquema tático da equipe está ultrapassado e previsível. Até a grã-fina de nariz de cadáver, personagem do Nelson Rodrigues, sabe que os adversários vão anular os avanços dos laterais. Os dois tentam receber em velocidade, mas não há espaços. Com não sabem dar dribles curtos, são facilmente desarmados.

\_Só o Rivaldo faz gols. Sinto falta do Romário e do Ronaldo.

\_Com esse meio-campo, nem o Pelé resolveria. A bola demora e chega quadrada no ataque. E o time continua torto, sem um meia-direita, como na Copa-98.

\_A imprensa me persegue.

\_Não é bem assim. Se a seleção jogar bem, será elogiado. Quando der entrevistas coletivas, seja claro, sincero e transparente. Você fala como se tivesse o rei na barriga e como se ninguém entendesse de futebol! Não era assim. Tornou-se um personagem que atrapalha o bom treinador que foi.

\_Claro que mudei! Fiquei mais rico e famoso.



\_Você pisou na bola de novo. O Cafu, já que não podia jogar e não tem férias há muito tempo, pediu dispensa. Justo e lógico. Qualquer jogador responsável faria o mesmo. Fora de campo, não poderia fazer nada. Você autorizou e depois condenou o jogador.

\_Estou confuso.

\_Ouça mais o Candinho. Por que ele não assiste aos jogos lá de cima, de onde se vê melhor?

\_Preciso vencer de qualquer jeito. Não sei o que faço!

\_Adote uma postura mais corajosa. Marque os argentinos por pressão, como naquele jogo em Porto Alegre. Faça o trivial bem feito, já que não dá para treinar nada muito diferente. Coloque dois volantes com mais mobilidade e habilidade, um armador ofensivo de cada lado e dois atacantes. O Rivaldo tem que se deslocar para o meio, para receber a bola e não ficar parado na intermediária. Outra coisa: não esqueça de rezar para o Evanílson.

\_O time precisa tomar atitude, ter garra e vergonha na cara.

\_Se o Brasil ganhar da Argentina e brilhar, não vá se iludir novamente de que faltava garra e de que os problemas técnicos, crônicos, acabaram. Nada se resolve num jogo. Lembre-se que, depois da única brilhante partida da seleção sob seu comando, contra a mesma Argentina, o Brasil nunca mais jogou bem. Você achou que estava tudo bem, mas não estava. A vitória será importante para dar tranquilidade e corrigir erros.

\_Você e a imprensa só enxergam o lado negativo.

\_Você é que precisa voltar a ser o que era, como eu! Olhe para mim e veja como você mudou. Ficou mais velho e mais presunçoso.

\_Vou dormir, preciso preparar palestra sobre como ter sucesso.

\_Ahn...?!

## ANEXO F – Crônica: O poeta da bola

Quarta-feira, 22/01/2003

Autor: TOSTÃO . .6137tost

Origem do texto: COLUNISTA DA FOLHA

Editoria: ESPORTE Página: D3 031/17533

Edição: São Paulo Jan 22, 2003

Seção: FUTEBOL

Arte: ILUSTRAÇÃO: ADOLAR

O poeta da bola

TOSTÃO

COLUNISTA DA FOLHA

FAZ 20 anos que morreu o inesquecível Mané Garrincha, o anjo de pernas tortas, o Charles Chaplin de chuteiras. Pelé foi o melhor jogador do mundo de todos os tempos, e Garrincha foi o mais imprevisível e lúdico, a alegria do povo, o poeta da bola.

Prefiro lembrar dos dribles e passes de Garrincha do que da tristeza de seu desfile no Carnaval. Naquela ocasião, ao mesmo tempo que era homenageado, o homem Manoel Francisco dos Santos, bastante doente, era objeto de curiosidade pública, simbolizando na avenida a glória e também a decadência e o ocaso. Diante da finitude da vida, somos todos perdedores.

Os jovens que não viram Garrincha jogar já assistiram um milhão de vezes na TV aos seus dribles, para lá e para cá. Passam sempre a mesma imagem. Será que não existem outras?

Garrincha foi muito mais do que um driblador, bailarino, homem que dava espetáculo. Foi craque. Além da alegria, espontaneidade e irreverência, a finalidade de seus dribles era deixar o marcador totalmente batido, sem recuperação. Aí, numa fração de segundos, olhava e colocava a bola com precisão nos pés ou na cabeça do colega para fazer o gol.

Garrincha nunca cruzava. Passava a bola. Quando não tinha um companheiro em condições de recebê-la, driblava mais um, dois rivais ou entrava pelo meio para finalizar e fazer o gol. Se hoje Robinho, Gil, Denílson e outros driblam com facilidade pelas laterais, por que Garrincha não faria o mesmo, como duvidam alguns "idiotas da objetividade"?

O Garrincha que conheci de perto durante a Copa do Mundo de 1966 era diferente do folclórico, distraído e ingênuo jogador que ficou na história. Ele fez um enorme esforço para atuar bem no Mundial. Era disciplinado, treinou bastante e, nos intervalos, quase não saía da sala de fisioterapia para tratar de seus crônicos problemas no joelho.

A escalação de Garrincha foi confirmada após um jogo-treino contra uma equipe de amadores da Suécia. Mané deu um show de dribles. A torcida delirava.

Mas a partida foi uma ilusão. Garrincha não conseguia dar sequência ao drible. Parava. Ele não tinha mais condições de jogar uma Copa. Mesmo assim foi escalado e só brilhou num gol de falta contra a Bulgária.

Não é verdade que Garrincha já era nessa época um alcoólatra e que ia todas as noites beber no bar do hotel, em Liverpool, onde o Brasil jogou e foi eliminado.

Quando estava com os companheiros, Garrincha não perdia a alegria. Só ele conseguia brincar com o taciturno Manga. Mané pegava na face do goleiro e dizia: "Como você é feio". Era a única vez que o estranho Manga sorria.

Depois do mundial, Garrincha ainda jogou durante algum tempo, graças à fama, até terminarem os convites. Aí, teve de encerrar a carreira. Não conseguiu driblar o tempo.

Em 1971, fui convidado para jogar por uma seleção do mundo, em Milão, na despedida do goleiro russo Yashin. Hospedei-me no hotel em que moravam Garrincha, Elza Soares e os seus numerosos filhos. Elza cantava em clubes noturnos, e Garrincha ganhava um salário como garoto-propaganda do IBC (Instituto Brasileiro do Café).

Sáímos para jantar. Garrincha estava triste. Contou-me que tinha muitas saudades do Brasil, do Rio e das peladas. Não sei se referia às peladas da infância ou aos jogos no Maracanã. Para ele, todas as partidas eram uma brincadeira, uma pelada.

Certamente, Mané sonhava com a infância, com os passarinhos e com a liberdade. Talvez, se não tivesse saído de Pau Grande, teria sido mais feliz, mesmo com toda a glória e alegria que teve e que proporcionou a todos os amantes do futebol.

Garrincha era um homem simples, inadaptado à fama. Não escolheu o seu destino. Foi levado pela vida. "A vida faz tantas voltas. A vida nem é da gente." (João Guimarães Rosa)

Repórter de dez Copas

O jornalismo esportivo está de luto pela morte de Oldemário Touquinhó, repórter do "Jornal do Brasil". Convivi com ele na época de jogador e depois como colega, na crônica esportiva. Oldemário estava sempre bem humorado. Sentimos muito a sua falta no Mundial de 2002.

Oldemário era o último repórter que ia dormir nas coberturas da seleção. Sabia de tudo. Diferenciava muito bem a fofoca, o boato, o rumor e o fato. Ia direto nos assuntos. Não perdia tempo. Foi uma grande perda.

## ANEXO G – Crônica: El deseo de vivir de la fama

### El deseo de vivir de la fama

**TOSTÃO** 29/03/2008

Crônica publicada no jornal El País.

En los dos años en que ganó el premio al mejor futbolista del mundo, Ronaldinho era el jugador que más me fascinaba después de Maradona. Más incluso que Zidane. Ronaldinho combinaba la técnica, la fantasía, la inventiva y el buen estilo con la eficacia. Pero el Mundial de 2006 fue una marca negativa en su carrera. Él, que era el gran atractivo, jugó muy mal, como todo el equipo brasileño. Y ya no volvió a ser el mismo.

La caída del Barcelona ha contribuido a la decadencia de Ronaldinho. Un *crack* sólo brilla intensamente cuando juega en un equipo organizado y vencedor. Por otro lado, sus malas actuaciones han contribuido a que el Barcelona empeorase. Los dos hechos se han dado a la vez, no hay modo de separarlos. Cuando un jugador alcanza el punto culminante de su carrera, acostumbra a darse una falta de concentración, una sensación de que ya lo ha hecho todo y un deseo de vivir de la fama. Es humano. Ese periodo tiene una duración variable, a veces definitiva. El atleta reduce el ritmo de los entrenamientos y el esfuerzo para mantenerse en la forma y el peso ideales. Aumentan los compromisos sociales y de publicidad. Surgen las lesiones. Al jugador se le exige y se le critica más. Pierde la confianza y juega aún peor. Es difícil romper con ese ciclo negativo.

Las estrellas de hoy actúan también en el límite entre el máximo de sus posibilidades físicas y el cansancio y las lesiones. Cada vez es más difícil mantenerse en una gran forma física durante muchos años. Como le ocurrió a Ronaldo, ¿no habrá sido el exagerado aumento de masa muscular de Ronaldinho uno de los motivos de sus continuas lesiones? En el campo, Ronaldinho ha cambiado su modo de jugar. Era más veloz, más aguerrido y se movía más. Era delantero izquierdo, delantero centro y centrocampista. Hoy es a duras penas centrocampista. Está más lento. Parece un veterano. Sólo brilla cuando da sus sorprendentes, espectaculares y decisivos pases. Simbólicamente, le falta la furia que tuvo al derribar a Terry, el gigantesco defensa del Chelsea, y marcar un bello gol en la Liga de Campeones.

Tras dos años de decadencia, a Ronaldinho le será difícil recuperar todo su esplendor técnico y físico. Ojalá lo consiga. Pero, aunque no sea así, se mantendrá en mi recuerdo como uno de los mayores jugadores de la historia del fútbol mundial.

Aparte de las dificultades para que Ronaldinho se recupere, la actual sociedad del espectáculo tiene una gran necesidad de cambiar de bienes materiales, deseos e ídolos. Los preferidos ahora son Messi, Kaká, Cristiano Ronaldo y Robinho. El espectáculo sigue con otros personajes.

**Tostão** fue campeón del mundo con Brasil en México 70.

## ANEXO H – Crônica: Eterno

### Eterno

**TOSTÃO** 15/06/2008

Crônica publicada no jornal El País

En 1957, un año antes del Mundial, el joven Pelé ya mostraba su magistral talento en el Santos. La primera vez que lo vi jugar fue en 1957 o a comienzos de 1958, en Belo Horizonte. Él tenía 16 o 17 años, yo 10 u 11. Fui al partido con mi padre. Pelé marcó un gol bellissimo, pasando el balón por encima del portero. Me quedé apabullado.

Seguí el campeonato por la radio, en un bar. Decenas de personas se reunían en un pequeño espacio. Después de cada victoria de Brasil, salíamos a las calles, bailando y cantando. Tras la conquista del título se organizó un gran carnaval. Recorrí las calles del barrio a hombros de mi hermano.

No imaginaba que ocho años después yo estaría en el Campeonato de 1966. Era reserva de Pelé. Lo sustituí contra Hungría. En aquella época, decían que no podíamos jugar juntos, porque teníamos las mismas características. En 1970 jugué de delantero centro, fuera de mi posición, a su lado. Antes de que la pelota le llegara a los pies, Pelé, en una fracción de segundo, observaba todo lo que tenía a su alrededor y me miraba con sus ojos saltones y expresivos, queriendo decirme todo lo que iba a hacer. La comunicación analógica, sin palabras, con la mirada y el cuerpo, es menos exacta y por lo tanto mucho más rica.

Los especialistas llaman inteligencia cinestésica a esa capacidad de prever la jugada, percibir todos los movimientos de los compañeros y de los adversarios y calcular la velocidad del balón y de los otros jugadores. Es una cualidad importante para un *crack*. Sabe, pero no sabe que sabe. Existe un saber inconsciente, intuitivo, que precede al raciocinio lógico. Además de eso, Pelé tenía en el más alto nivel todas las cualidades técnicas y físicas necesarias para ser un fenómeno en su posición. Era fuerte, veloz, habilidoso, creativo, tenía un gran impulso, finalizaba bien con los pies y con la cabeza y era un guerrero en el campo. Se volvía un poseso en los partidos más difíciles y cuando mejor lo marcaban.

Intenté encontrar en Pelé alguna deficiencia o alguna virtud que no fuese tan expresiva. No lo conseguí. Es imposible imaginar que aparezca un jugador con más cualidades. Pelé será el eterno rey del fútbol. Los más jóvenes, que sólo han visto a Pelé en el Mundial de 1970, piensan que ése fue su gran momento. Es por la importancia del título y por su extraordinaria participación. Pero su época más exuberante fue entre 1957 y 1966, cuando jugaba en el Santos. Pelé hacía varias jugadas extraordinarias, increíbles, en casi todos los partidos.

Antes del campeonato de 1970 decían que Pelé no era el mismo y que estaba más lento. Era cierto. Él planeaba que ése fuera su último campeonato, hizo un gran esfuerzo y se puso en forma. No participó en el campeonato de 1974 porque quería cerrar su carrera en la selección cuando todavía estaba en auge. Se marchó a dar espectáculo a Estados Unidos.

Mi padre, que entendía mucho de fútbol y vio jugar a Pelé, Di Stéfano y Maradona, decía que Pelé era el mejor, el más eficaz y el más completo; que Maradona era el más habilidoso y artista con el balón; y que Di Stéfano era el único que brillaba de un área a otra, ya que Pelé era incomparable de intermediario para el gol.

A Pelé no le gustaban los privilegios. Raramente reclamaba alguna cosa. Era el compañero óptimo fuera y dentro del campo. Él sabía que era mucho mejor que los demás, pero que precisaba de todos para brillar. Fuera del campo, nunca le vi triste ni preocupado. Atendía a todos con una sonrisa. Me daba la impresión de que no tenía conflictos de identidad. Los ídolos viven divididos entre la persona y el personaje, entre el creador y la criatura. La criatura acostumbra a engullir al creador. Pelé parecía la excepción. El Edson no incomodaba al Pelé. Parecía que sólo existía Pelé.

Pelé dejó de jugar y se convirtió en hombre anuncio. Todavía hoy vive de vender su imagen. También en eso es un *crack*. Está siempre sonriendo, preocupado por mantener su aspecto de buen mozo. Quiere quedar bien con todos. De vez en cuando entra en conflicto con la FIFA, con Ricardo Teixeira, presidente de la Confederación Brasileña, y con otros dirigentes, pero enseguida da marcha atrás. No quiere mantenerse alejado del poder. Esa dualidad y otros conflictos lo hacen objeto de críticas. Maradona la aprovecha para censurarlo.

Tenemos el hábito y la ilusión de considerar perfectos a los ídolos. No es así. Los ídolos, como Pelé, tienen virtudes y defectos, como cualquiera. Los ídolos son especiales por sus obras.

**Tostão** fue compañero de Pelé en la selección de Brasil entre 1966 y 1971.